

ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**LARANJEIRAS
2016/2**

ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**LARANJEIRAS
2016/2**

ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**LARANJEIRAS
2016/2**

ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**LARANJEIRAS
2016/2**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA
URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.**

Laranjeiras

2016

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DO
BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.**

Trabalho apresentado à Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Ma. Lygia Nunes Carvalho

Laranjeiras

2016

ÉRIKA LAÍSE DE SANTANA RAMALHO

**ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA
URBANA DO BAIRRO AMÉRICA, ARACAJU-SE.**

Trabalho apresentado à Disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II, do curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe,
como pré-requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Ma. Lygia Nunes Carvalho

Aprovada em ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Lygia Nunes Carvalho
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a Ma. Lina Martins de Carvalho
Universidade Federal de Sergipe

Ma. Marianna Martins Albuquerque
Arquiteta e Urbanista

À minha avó, Maria do Carmo (*in memoriam*), que na sua simplicidade e amor, se orgulhava da minha leitura, e me pedia sempre para que lesse para ela. Só posso imaginar o tamanho da sua felicidade neste momento.

Da forma e do mundo fenomênico, da superação da representação é preciso caminhar para o entendimento do real a partir do que estas formas revelam e escondem enquanto expressões de relações sociais reais.

Assim, a paisagem urbana e a cidade nos abrem a perspectiva de entendermos o urbano, a sociedade, e a dimensão social e histórica do espaço urbano

(CARLOS, 2015. P. 23)

RESUMO

Este trabalho pretende demonstrar as transformações urbanas do Bairro América, desde que este era área rural até os dias atuais, analisando seus espaços e as relações entre eles, com foco na sua morfologia. Com este fim, foi realizada uma revisão nos textos base dos temas relacionados a este processo, iniciando pela urbanização do país, que caracteriza e explica como a cidade brasileira surgiu e como ela é hoje. A leitura seguiu para a definição dos agentes de produção do espaço urbano e de que maneira estes influem sobre o solo. Também é apresentado um ensaio sobre morfologia urbana. A metodologia utilizada reúne pesquisa bibliográfica, documental e de campo, analisando a morfologia a partir de mapas, imagens e observação *in loco*. A partir disso, antes de começar o estudo em si, apresenta-se um histórico da urbanização do município e uma caracterização do entorno e do modo como este influí na área aqui estudada. Em seguida, foram realizadas coletas de dados, existentes e levantamentos atualizados, realizados pela autora. Esses dados foram analisados e sintetizados, o que permitiu apresentar o levantamento que relaciona o histórico do bairro e a forma como este foi sendo ocupado ao longo do tempo. O trabalho contribui para a memória urbana de Aracaju, além de servir como base para futuros estudos e/ou intervenções no local.

Palavras Chaves: Aracaju, Bairro América, memória urbana, urbanização, morfologia.

ABSTRACT

This paper intends to demonstrate the urban transformations of district América, since it was a rural area until now, analyzing its spaces and the relations between them, focusing on its morphology. For this purpose, it was made a review of fundamental texts related with this process, beginning by the country's organization, which characterizes and explain how the Brazilian city begun and how it's nowadays. The reading continues to the definition of agent of the urban space and in which way they influence at the land. An essay about urban morphology is also presented. The methodology reunites bibliography, documental and field research, analyzing the morphology using maps, photography and observation at the place itself. For there, before starting the study itself, a historic of the city urbanization and a characterization of the surroundings and how it influences at the area is shown. Following, collecting of existing data and actualization were made by the author. This data was analyzed and synthetized, what allowed a presentation that relates its occupation with its history. This paper contributes for Aracaju's urban memory and works as base to future researches and/or local intervention.

Palavras Chaves: Aracaju, Bairro América, urban memory, urbanization, morphology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema: espaço consolidado, o conjunto e o vazio.....	18
Figura 2- Esquema: agentes produtores do espaço.....	21
Figura 3 – Estado e Infraestrutura em Aracaju: Bairro Aeroporto x Bairro Centro....	22
Figura 4 – Ocupações periféricas em Aracaju: Bairro Atalaia x Bairro Novo Paraíso	22
Figura 5- Morfologias urbanas segundo Manuel de Sola Morales.....	27
Figura 6- Aracaju: Início do século XX	31
Figura 7- Aracaju: Periferização	32
Figura 8- Aracaju: Conjuntos Habitacionais	35
Figura 9 - Aracaju: Zona de expansão	36
Figura 10- Localização do Bairro América.....	38
Figura 11- Vias	39
Figura 12- Rua Guilherme José Martins.....	40
Figura 13- Capucho.....	41
Figura 14- Siqueira Campos.....	42
Figura 15- Penitenciária Modelo de Aracaju 1931.....	43
Figura 16 – Loteamentos cadastrados na EMURB	44
Figura 17- Mapa Localizando Equipamentos e Conjuntos	46
Figura 18- Imagem aérea. Sede da Petrobrás - década de 1970.....	47
Figura 19- Figura e Fundo - 1981.....	48
Figura 20- Bairro América. Figura e fundo: Ocupação em 2016.	48
Figura 21- Curvas de nível.	52
Figura 22- Pré-existência: Nomes populares.....	53
Figura 23- Expansão Urbana: 1925-1940	54
Figura 24- EGESP.....	55
Figura 25- Ocupação até 1950.....	56
Figura 26- Loteamento 1944	57
Figura 27- Ocupação até 1960	58
Figura 28- Loteamento 1956	59
Figura 29- Ocupação Urbana até 1970	60

Figura 30- América e Adjacências 1969.....	61
Figura 31- Loteamento 1966	62
Figura 32- Rua Haiti	63
Figura 33- Traçado das ruas 1979	63
Figura 34- Complexo São Judas Tadeu: imagem recente	64
Figura 35- Vista do Largo em frente ao complexo, 2016.....	65
Figura 36- Igreja de São Judas Tadeu: 2016.	65
Figura 37- Mercado Municipal 1962	66
Figura 38- Mercado Municipal entre 1970-1980	66
Figura 39- Mercado Municipal	67
Figura 40- Adaptação das quadras.	68
Figura 41- Ocupação até 1980	69
Figura 42- Ruas Haiti e Cuba -Paralelepípedo	70
Figura 43- Espaço da Praça F. Roosevelt.....	71
Figura 44- Praça F. Roosevelt- Pós reforma	71
Figura 45- Praça F. Roosevelt, atualmente.	71
Figura 46- Mapa oficial 1980	72
Figura 47- Ocupação até 1990	73
Figura 48- Barreiro na rua Colômbia	74
Figura 49- Praça Tancredo Neves.....	74
Figura 50- Avenida Brasil	75
Figura 51- Espaço da Praça da Liberdade, década de 1980	76
Figura 52- Praça da Liberdade	76
Figura 53- Encosta do Bairro América.....	77
Figura 54- Escadarias: Acesso aos morros.....	78
Figura 55- Ruas: 2017	79
Figura 56- Ruas 2017	80
Figura 57- Rua G.....	80
Figura 58- Mapa:2017	81
Figura 59- Quadras-2017	82
Figura 60- Quadra 3: detalhe.....	83
Figura 61- Quadra3: Rua Álvaro Santos	83

Figura 62- Morfologia nas ocupações espontâneas	84
Figura 63- Casas no Alto da Pindoíba (frente x fundo).....	85
Figura 64- Escadaria- Rua B	85
Figura 65- Outro lado da encosta	86
Figura 66- Mapa de Altura das Edificações.....	87
Figura 67- Rua Colômbia.....	88
Figura 68- Três Pavimentos x Uso Misto.....	88
Figura 69- Uso e Ocupação do Solo: Mapa Geral.2017.....	89
Figura 70- Uso e Ocupação do Solo com destaques: 2017.	90
Figura 71- Uso misto: Rua Argentina	91
Figura 72- Rua Cuba (1970's-2017)	92
Figura 73- Fachadas em Porcelanato (Rua Pureza, Rua Haiti).....	92
Figura 74- Praça Tancredo Neves (1970's-2017).....	93
Figura 75- Casa na Avenida Camilo Calazans: Transformações	93
Figura 76- Mapa Síntese do avanço da ocupação	95
Figura 77- Comparativo de bairros	96
Figura 78- Vivência nas ruas do bairro.....	97

LISTA DE SIGLAS

UFS- Universidade Federal de Sergipe

PMA- Prefeitura Municipal de Aracaju

SEPLOG- Secretaria Municipal de Planejamento Orçamento e Gestão

EMURB- Empresa Municipal de Obras e Urbanização

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DER- Departamento Estadual de Infra-Estrutura Rodoviária de Sergipe

EGESP- Escola De Gestão Penitenciária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ESPAÇO URBANO: CONFORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS	15
2.1	Urbanização No Brasil.....	15
2.1.1	<i>Periferias E Centralidades.....</i>	<i>17</i>
2.2	Agentes Produtores Do Espaço Urbano.....	19
2.3	Morfologia Urbana: Conceito E Relevância	24
3	BAIRRO AMÉRICA: URBANIZAÇÃO E CONTEXTO	30
3.1	A urbanização de Aracaju	30
3.2	Caracterização do Entorno.....	37
3.3	Histórico do Bairro América.....	42
4	ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO BAIRRO AMÉRICA	49
4.1	Metodologia e processo	49
4.2	1855-1925: A pré-existência.....	51
4.3	De 1925 até 1940: A penitenciária e as ocupações espontâneas.....	53
4.4	Década de 1940: Início do planejamento do espaço.	55
4.5	Década de 1950: A migração intensifica a ocupação.	58
4.6	Década de 1960: Serviços e Infraestrutura.....	60
4.7	Década de 1970: A ocupação é atraída aos equipamentos.....	68
4.8	Década de 1980: Ocupação Total.	72
4.9	1990-2017: Reestruturação e momento presente.....	75
4.10	Síntese das Transformações.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
6	REFERÊNCIAS	100
	ANEXO.....	102

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser tratado neste trabalho é o conjunto de transformações urbanas do Bairro América, a partir da ótica da morfologia Urbana. A área escolhida se originou, enquanto espaço urbano, na periferia de Aracaju e atualmente é parte da malha consolidada do município. Desta forma, pergunta-se: de que maneira se deu este processo? Como esta conformação aconteceu?

A partir disto analisou-se como se deram as ocupações em cada período e espaço, observou-se quais foram os agentes de produção daquele espaço urbano e demonstrou-se a relevância e influência de peculiaridades que foram encontradas ao longo do processo de pesquisa e que tenham sido definidoras da morfologia no momento de sua origem ou no decorrer de sua existência.

Aracaju foi fundada no meio do século XIX, período em que no país o campo era mais relevante do que as cidades, assim, no primeiro momento, Loureiro (1983) mostra que a capital do estado foi crescendo lentamente e sem muita expressividade. É no século XX que ela começa a realmente expandir-se e urbanizar-se. Aracaju é pensada e planejada para as pessoas de poder aquisitivo, o que fez com que as camadas mais baixas da população procurassem áreas menos valorizadas, longe da porção central.

Neste contexto, o bairro América foi ocupado por pessoas de baixo poder aquisitivo, que, por isso mesmo, não tinham condições de habitar a área central de Aracaju (LOUREIRO, 1983). Assim, acabaram por ocupar uma área de morro, passível de tragédias ambientais¹, e carente de infraestrutura. Essa ocupação, enquanto urbana, se intensificou a partir da década de 1940, mas teve seu início anteriormente, com ocupações irregulares sendo atraídas pela implantação da Penitenciária Modelo de Aracaju (OLIVEIRA, 2005).

Ao longo da sua ocupação, a região parece ter sido moldada pela influência de diversos acontecimentos, como é o caso da construção de conjuntos habitacionais por parte do poder público (1950, 1970 e 1974) (CARVALHO, 2013) e da implantação de uma fábrica de cimento (1967) (OLIVEIRA, 2008). É relevante ainda em sua formação, as aberturas de vias (Av Desembargador Maynard, etc.) e a implantação de grandes equipamentos como a Rodoviária José Rollemberg Leite (1978).

Diante do cenário da expansão urbana aracajuana, a área escolhida, embora faça parte do processo geral, se analisada mais cuidadosamente, apresenta especificidades, como

¹ ARAÚJO, H. M. Impactos ambientais urbanos decorrentes da apropriação do relevo em Aracaju. In: CONGRESSO SOBRE PLANEJAMENTO E GESTÃO DAS ZONAS COSTEIRAS DOS PAÍSES DE EXPRESSÃO PORTUGUESA, 2., 2003, Recife. Anais do Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa. ABEQUA, 2003.

sua topografia. Por isso decidiu-se elaborar uma análise desta área urbana, para melhor compreendê-la, e, a partir disso, produzir material para estudos e/ou intervenções e até mesmo para composição da memória urbana da cidade. O trabalho também pode ajudar a compreender/visualizar um processo de desperiferização.

A escolha da metodologia de análise espacial foi tomada a partir da leitura de fontes como Del Rio (1990), que apresenta as diversas maneiras de fazê-la, cada qual com objetivos e focos específicos. A partir disso, observando-os, percebeu-se que seria interessante compreender a morfologia urbana daquele espaço. Segundo Lamas (2004), o estudo morfológico de um espaço, podendo este ser uma rua ou toda uma cidade, analisa a configuração e a estrutura deste, relacionando-os com os eventos que lhe deram origem. A morfologia estuda os aspectos exteriores ao edifício e as relações entre eles, ajudando a explicar a paisagem e a forma urbana existentes.

Para embasar o trabalho, a autora começou pela leitura dos textos base de tópicos relacionados ao tema, o que levou a composição de estudos sobre os mesmos. Da mesma forma, foi necessária a pesquisa de fontes que contassem a história e contivessem informações sobre o bairro América. Para atingir os objetivos colocados, foram levantados, principalmente em órgãos públicos, dados, mapas, arquivos e fotografias; que posteriormente foram avaliados, analisados e sintetizados, formando a análise deste processo de urbanização. Além disto, visitas ao local, realização de percursos, fotografias e observação, foram fundamentais para a construção deste produto. Por fim, foram criados textos e produtos gráficos que pudessem explicar a conformação do bairro.

A estrutura deste trabalho se divide em seis seções, que se dividem em novas subseções. Começa pela fundamentação teórica, seguindo para a pesquisa e contextualização do espaço, para, enfim, apresentar análise do espaço.

A segunda seção contextualiza o processo de urbanização brasileiro e suas particularidades, periferias e centralidades. Aqui, vê-se que a industrialização é um dos maiores impulsionadores da vinda das pessoas para as cidades. Além disso, reforça-se o processo desigual e sócio espacialmente segregada, criando os espaços periféricos e aqueles dotados de infraestrutura e serviços. A formação dos espaços também é definida enquanto consequência da ação de agentes, que podem ser públicos ou privados, agindo pela necessidade ou pelo lucro, moldando, em conjunto, a urbanização. Conclui-se explicando a metodologia utilizada, seu conceito, suas análises, importância e objetivo.

A terceira seção contextualiza a cidade, seu surgimento e formação, o entorno, destacando o que é importante para o América, e o bairro. É apresentado um resumo com os principais pontos da expansão da ocupação de Aracaju, demonstrando como ela foi acontecendo sem planejamento. Demonstra-se em seguida, as características dos arredores

do bairro América, e de que maneira estes influenciam o mesmo. Insere-se aqui o estudo que é fruto das pesquisas sobre o América, e que mostram os principais acontecimentos da história deste.

O quarto capítulo traz a metodologia deste trabalho de maneira mais detalhada e a análise realizada. Tendo como finalidade descrever as transformações, a seção foi dividida em oito períodos temporais, que iniciam na pré-existência urbana e vão até os dias atuais, encerra-se com uma síntese desta divisão. Exemplifica-se as características e a morfologia do bairro no decorrer destes espaços temporais. As considerações finais são apresentadas na sexta e última parte.

A seguir, apresentam-se os capítulos descritos, e principalmente o estudo conforme proposto pela autora. Tendo em vista a dificuldade de coletar determinadas informações, encontra-se aqui um retrato do que a autora encontrou e pesquisou sobre o bairro América e seu processo de urbanização.

2 ESPAÇO URBANO: CONFORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS

2.1 Urbanização No Brasil

O espaço urbano é fruto de um conjunto de agentes e condicionantes; por isso mesmo é que a urbanização das cidades brasileiras ocorreu por influência de diversos fatores locais e globais. Quando falamos no processo do país inteiro, os dois acontecimentos citados como seus impulsionadores são a crise no campo e a industrialização crescente, tendo como agravantes a abolição da escravidão, em 1888, e a proclamação da república, em 1889 (Santos, 1988).

Até o fim do século XIX as cidades não tinham força produtiva suficiente para atrair as pessoas, e a zona rural era o seu local de moradia, já que era nela que existiam as ofertas de emprego. Apenas a partir do fim daquele século é que a urbanização começa a crescer no país, se consolidando após a 2ª Guerra Mundial.

A industrialização nesse contexto significa não só o surgimento de indústrias, mas também toda uma transformação social e espacial. Este processo atrai a migração de pessoas do campo que pretendem servir de mão-de-obra para as fábricas, atrás de melhores condições de vida, gerando assim a necessidade urgente de criação de habitação².

A industrialização baseada em baixos salários determinou muito do ambiente a ser construído. Ao lado do grande contingente de trabalhadores que permaneceu na informalidade, os operários empregados do setor industrial não tiveram seus salários regulados pelas necessidades de sua reprodução, com a inclusão dos gastos com moradia, por exemplo. A cidade ilegal e precária é um subproduto dessa complexidade verificada no mercado de trabalho e da forma como se processou a industrialização. (MARICATO, 2001. P 41)

No período anterior ao industrial, as economias de cada um dos estados não eram dependentes umas das outras, não havendo assim necessidade de continuidade física, ou caminhos, entre os mesmos. Por este motivo,

(...)o Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações 'com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, para cada um desses subespaços, polos dinâmicos

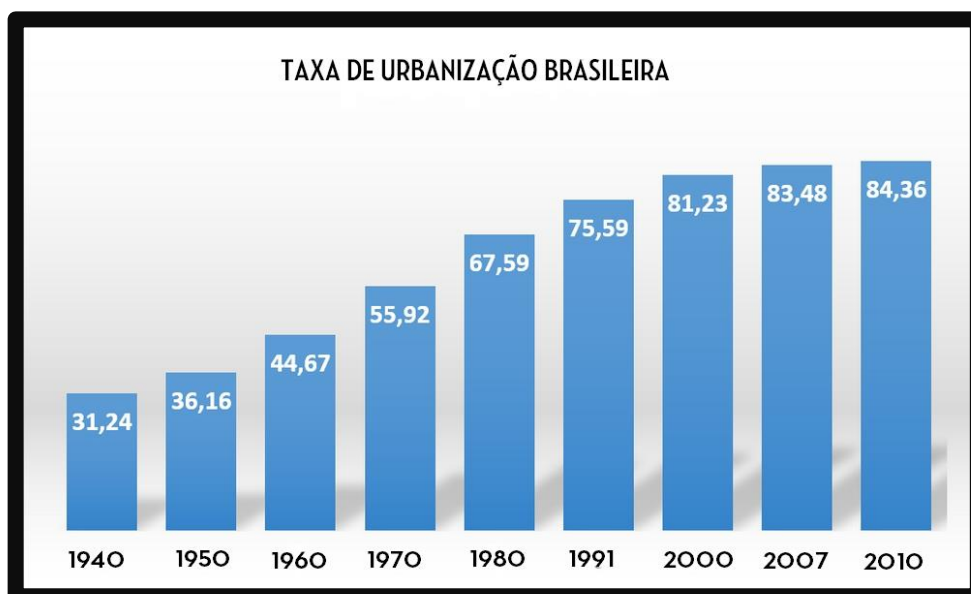
² NERI, Ana Lucy Cantanhede. **Vazios urbanos e a sustentabilidade urbanística do município de Aracaju-SE** / São Cristóvão, 2011. 166 f. Disponível em: < <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/1250>>, acesso em: 05 set 2016.

internos. Estes, porém, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes. (SANTOS, 1994. P 26)

Santos (1994) explica que só após a 2ª Guerra Mundial as ferrovias e estradas do país, que antes eram descontínuas, foram interligadas. Essas estradas são a ligação entre as diversas regiões do Brasil, facilitando tanto a comunicação quanto a circulação de pessoas e de mercadorias. É justamente nesse período que ocorre o ápice da urbanização brasileira (gráfico 1),

Entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. (...). Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. (SANTOS, 1994. P 29)

Gráfico 1- Dados do IBGE: Urbanização Brasileira



Fonte: Dados do IBGE, Censo demográfico 1940-2010. Elaborado pela Autora, 2016.

No tocante a expansão sem planejamento, Villaça (2001) ressalta a importância das vias regionais. Segundo ele, estas vias são atraentes para as camadas mais pobres da população, porque trazem uma maior acessibilidade a transportes. E, embora no primeiro momento estas só tenham atraído essa camada, a partir de 1970 passou a atrair também parte da elite, que se muda para a periferia por escolha própria, num processo de auto segregação.

De acordo com Santos (1988), a transição do Brasil de um país rural para um urbano deu-se de maneira rápida e intensa, tendo em vista que havíamos passado quatro séculos tendo como base habitacional e produtiva o campo, e que a mudança para a cidade se deu em praticamente meio século. Assim, mesmo quando o Estado fez uso do planejamento urbano, estas cidades, ou expansões das mesmas, não eram construídas

conforme o projeto, ou estes precisavam ser modificados em seguida a sua construção. O que ocorreu foi que a transição foi tão intensa e as mudanças nas necessidades daquele espaço tantas e tão repentinas que as adaptações se faziam necessárias tornavam imprescindíveis.

O governo brasileiro (...). Se tanta gente *devia* e *queria* vir para as cidades, havia que prepará-las, prever e organizar os impactos. (...). Os recursos disponíveis eram estruturalmente escassos. Foram aplicados segundo duas prioridades: facilitar o acesso de bens. Matérias-primas e pessoas; e fornecer bases que permitissem a maximização dos núcleos urbanos como máquinas produtivas. (SANTOS, 1988. P. 43)

2.1.1 Periferias E Centralidades

Villaça (2001), argumenta que toda aglomeração de pessoas gera afastamento, pois é impossível que todos ocupem um mesmo local, gerando assim espaços como os centros, ou centralidades, e as periferias. No país, o centro era voltado para a elite, pois oferecia produtos e serviços acessíveis somente para essa classe social, além de apresentar um custo de vida e moradia alto. A desigualdade sócio espacial é característica do processo de urbanização Brasileiro, que gera espaços periféricos. Tomemos a definição de Borges³ e Rocha (2014) para enfatizar que a periferia é “tomada por uma conotação tanto física quanto social, que se configura como um espaço degradado em um ambiente que reflete uma inclusão perversa à urbanidade. ”

No capitalismo, as moradias se localizam segundo o poderio econômico, assim, quem tem mais poder aquisitivo tem acesso as melhores condições, com infraestrutura, dotado de serviços públicos e mais próximo das ofertas de emprego, comércio, cultura e lazer (Campos Filho, 1999).

Campos Filho (1999) mostra como a massa trabalhadora urbana vai se assentando principalmente nas periferias, devido a sua capacidade financeira. Segundo ele, os lotes são menos onerosos pela falta de investimento na área e são ocupadas principalmente por migrantes com ganhos salariais baixos ou subempregos. Desta forma, sem condição financeira suficiente para acessar a cidade estruturada, cabe a estas pessoas “Resistência e sobrevivência que se traduzem na apropriação de terrenos usualmente

³ BORGES, William Antônio; ROCHA, Marcio Mendes. A compreensão do processo de periferização urbana no Brasil por meio da mobilidade centrada no trabalho. Geografia, Rios Claros, v. 3, n. 29, p.383-400, dez. 2004. Disponível em: <http://www.nemo.uem.br/artigos/a_compreensao_do_processo_de_periferizacao_borges_e_rocha.pdf>. Acesso em: 11 set. 2016.

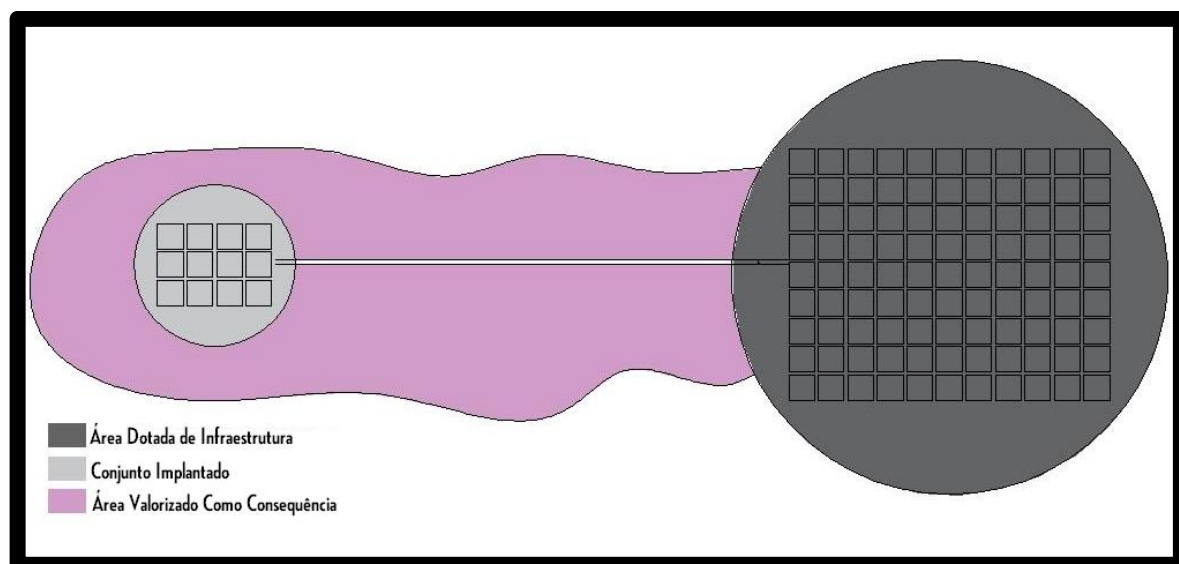
inadequados para os outros agentes da produção do espaço, encostas íngremes e áreas alagadiças. ” (CORREA, 1995, p. 30)

A agravar mais ainda essa situação, esse conjunto de fatores vai empurrando o trabalhador de baixa renda para posições cada vez mais periféricas na estrutura urbana, muitas vezes não lhe restando outra possibilidade que a aquisição de terrenos na zona rural. Esse processo de periferização física e social acaba por distanciar ainda mais a família pobre do emprego, do comércio melhor e mais barato e dos serviços públicos de melhor qualidade, da educação, saúde e lazer, que são gratuitos, ou seja, não são pagos pelos salários. (CAMPOS FILHO, 1999. P 54)

Uma medida tomada pelo Estado para lidar com o déficit habitacional foi a criação de conjuntos residenciais, a partir de 1950 (SANTOS,1988), voltados para população de baixa renda, em geral localizados nas periferias. Este processo, quando feito em espaços distantes da área dotada de infraestrutura, acaba por valorizar o vazio urbano criado entre ambos (figura 1). Assim, o poder público influencia diretamente na expansão urbana da cidade.

Os governos municipais e estaduais desviaram sua atenção dos vazios urbanos (que, como se sabe, se valorizam com os investimentos públicos e privados feitos nos arredores) para jogar a população em áreas completamente inadequadas ao desenvolvimento urbano racional, penalizando seus moradores e também todos os contribuintes que tiveram que arcar com a extensão da infra-estrutura. (MARICATO, 2001. P 21)

Figura 1- Esquema: espaço consolidado, o conjunto e o vazio.



Fonte: Elaborado pela Autora, 2016.

A partir da década de 1960, os centros sofrem um abandono por parte da elite, e passa a ser mais utilizado pelo resto da população. Por conta deste processo, surgiram novas

regiões para as camadas mais altas, conhecidas como Centro Novo como é o caso do bairro Savassi, em Belo Horizonte e Boa Viagem, em Recife (Villaça, 2001); surgem também sub-regiões dentro das cidades, que funcionam como um centro reduzido:

A expressão subcentro será por nós utilizada, como já destacamos, para designar aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços, que não o centro principal. (...). Assim, atualmente, em Copacabana, no Méier, em Madureira, na Tijuca, em outros bairros, proliferam lojas comerciais, consultórios, bancos, cinemas, escolas, restaurantes, bares, para atender à população residente no local, ou nas suas proximidades. (...) Esses bairros, dispondo de serviços assinalados, representam um papel complementar, de centro de atividades, sendo, portanto, denominados subcentros. (VILLAÇA, 2001. P. 293)

Por outro lado, alguns dos espaços ocupados irregularmente foram recebendo infraestrutura e recebendo regularização fundiária, ou seja, sendo urbanizadas. Quando se investe e organiza espaços periféricos, por diversas razões políticas ou econômicas, isto se caracteriza como um processo de desperiferização (RITTER, FIRKOWSKI 2009)⁴. Os autores observam ainda que durante este processo, muitas pessoas que habitavam aquele local deixam este e passam a ocupar novos espaços, por vezes através de invasão, ilegal, que reproduz os mesmos espaços e condições de vida, o que é chamado de reperiferização.

Este processo de desperiferização se dá através de ações dos próprios moradores, ao melhorarem suas residências e oferecerem serviços e comércio, enquanto fonte de renda, ou através de pressão sobre o Estado para que a infraestrutura chegue ao local (CORREA, 1995). Segundo Villaça (2001), apresentar a história de bairros populares é quase impossível, pois existe um abismo entre a produção destas e as dos bairros mais ricos.

2.2 Agentes Produtores Do Espaço Urbano

O agente é o responsável pela ação, por gerar algo; nesse caso tratamos do espaço urbano, ou seja, daquele que de alguma forma influenciou na formação e ou expansão do território. A ocupação do espaço, segundo Carlos (2015, p.45) “se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver.”. O resultado da intervenção destes, juntamente com a localização e o período em que a urbanização da área acontece, gera uma malha que carrega em si características

⁴ RITTER, Carlos; FIRKOWSKI, Olga LÚcia C. de F.. NOVO CONCEITUAL PARA AS PERIFERIAS URBANAS. Geografar: Resumos do VII Seminário Interno de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, p.22-25, jan. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v0i0>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

relacionadas a estes eventos (CORRÊA, 2011)⁵. Assim, percebe-se que a cidade é resultante de mais de uma variável, e

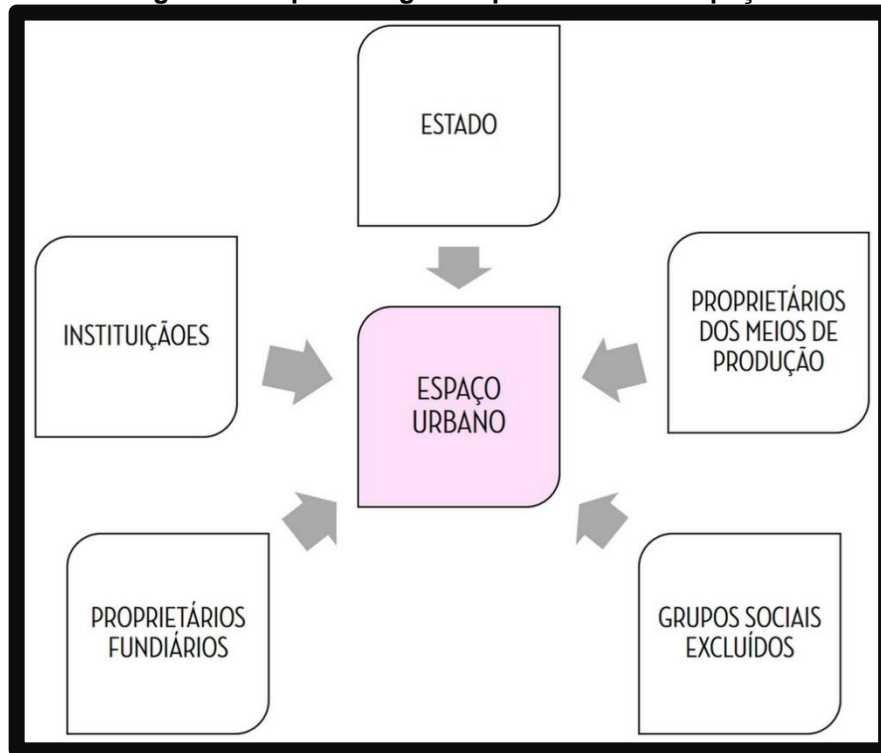
(...) é necessário questionar a idéia de espaço como mera consequência, e entender as interrelações entre os agentes e os possíveis conflitos de interesses daí resultantes como condicionantes do processo de reprodução do espaço urbano em constante transformação, cujos resultados e implicações são também transformados. (ROCHA, 2011, p. 29.)

Na sociedade capitalista o solo tem um valor, o que aumenta a importância e o número de interesses; é tratado como mercadoria, e utilizado como fonte de lucro, e seu valor pode vir a ser acrescido através de características como localização e infraestrutura, sendo que estas melhorias nem sempre foram implantadas pelos proprietários. Assim, uns por não possuir capital o suficiente e outros pela ambição do lucro máximo, de alguma maneira moldam a estrutura urbana. Para Carlos (2015), é aí que está o centro da crise urbana, pois isto determina as normas de acesso à cidade, expressando a contradição entre riqueza e pobreza.

Segundo Corrêa (1989), os principais agentes são os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Já para Lefebvre (apud ROCHA, 2011, p.36), o Estado também figura como fundamental, mas ele considera também outros não escolhidos por Corrêa, sendo estes as instituições da sociedade, a burguesia e a classe operária. As duas escolhas são interessantes e vem de diferentes fontes de conhecimento: geografia e filosofia respectivamente; e os agentes escolhidos (figura 2) como principais são, nos dois casos, de profunda importância para o espaço urbano.

⁵ CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: Um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. Cap. 2. p. 41-51.

Figura 2- Esquema: agentes produtores do espaço



Fonte: Elaborado pela Autora, 2016.

De maneira geral, os proprietários do meio de produção geram empregos e a necessidade de moradia nas suas imediações; os proprietários fundiários são responsáveis por decidir, dentro da legislação permitida ou ignorando a mesma, de que maneira o solo deverá ser utilizado, por que tipo de uso este será ocupado e, de que maneira será ou não parcelado; os promotores imobiliários são responsáveis por especular, negociar, construir e etc.; o Estado tem diversos papéis e pode atuar desde como regulador, através das leis e regras, até como incorporador, quando constrói conjuntos habitacionais, por exemplo; os grupos sociais excluídos podem modelar o espaço através de ocupações irregulares, auto construção ou ainda pressionando o poder público a melhorar a qualidade do seu espaço.

Cada um dos tipos de agentes atua de maneira diferente, e suas ações dependem de diferentes aspectos. Por exemplo, o Estado tende a priorizar os espaços ocupados pelas elites para receber a infraestrutura (Figura 3), o que, provavelmente acarretará em diferentes preços em lotes de dimensões semelhantes. Na periferia, o tipo de ocupação vai depender, por exemplo, da existência de amenidades tal qual a praia ou da ausência destas, tendo como atraente apenas os preços e a proximidade a uma rodovia, o que não atrai a classe dominante (Figura 4). Por isso mesmo,

Os diferenciais das formas que a ocupação urbana na periferia assume são, em relação ao uso residencial, os seguintes: urbanização de status e

urbanização popular. As estratégias dos proprietários fundiários variarão segundo suas propriedades se localizem nas áreas onde domina uma ou outra forma. (CORRÊA, 1989. P 18.)

Figura 3 – Estado e Infraestrutura em Aracaju: Bairro Aeroporto x Bairro Centro



Fonte: A: Própria Autora, 2016. B: Site Uol Viagens.

Em Aracaju, como veremos no capítulo, o centro foi inicialmente ocupado pela elite, portanto, foi o primeiro local a receber a infraestrutura. Na figura 3, podemos ver o contraponto entre este bairro e uma parte do bairro Aeroporto, ocupada de forma espontânea e ilegal pela população de baixo poder aquisitivo, que permanece sem intervenções do poder público, no sentido de melhorar a qualidade do espaço.

Na figura 4, vemos o bairro Aruanda, que se encontra próximo da praia, foram implantados diversos condomínios fechados e loteamentos previstos para uma população de alta renda; vemos também o bairro novo paraíso, surgido enquanto periferia, sendo povoado por pessoas de baixo poder aquisitivo, não possuindo atrativos naturais ou qualitativos.

Figura 4 – Ocupações periféricas em Aracaju: Bairro Atalaia x Bairro Novo Paraíso



Fonte: A: Site Guia de Aracaju. B: Acervo de Junior Gomes⁶.

⁶

Disponível no grupo 'Minha terra é Sergipe':

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=404161299648703&set=gm.493844970644171&type=3&theater>
Acessado em outubro de 2016.

Segundo Carlos (2005), as classes de maior renda sempre vão habitar a melhor área, esteja ela inserida no centro da cidade, ou mais afastada, quando este já está desgastado e é visto de maneira negativa. Por conta disso, a cidade se expande, na busca da elite por espaços periféricos, de status (espaços maiores, sem a confusão do trânsito e da poluição, com arborização intensa). Ao mesmo tempo, Carlos (2005), enfatiza ainda que para as pessoas de baixo poderio econômico, vão restar as áreas centrais, se deterioradas, ou as que ficam à margem da cidade, novamente expandindo a mesma; neste caso, porém, isso ocorre devido a necessidade de lotes baratos e a possibilidade da autoconstrução, encontrados justamente onde não há infraestrutura. Há ainda um terceiro grupo “Para aqueles que não têm nem essa possibilidade, o que sobra é a favela, em cujos terrenos, em sua maioria, não vigoram direitos de propriedade.” (CARLOS, 2015. P 49)

É importante perceber que os espaços não são moldados apenas pelas ações de um único agente, são, na verdade, resultado de uma combinação de um ou mais, além de outros fatores, como período e lugar. É possível que mais de um agente atue em uma determinada área, assim, o conflito dentre os interesses, vai desenhar uma outra formatação de espaço, diferente daquela que seria gerada pela ação de um único ou variantes. Maricato (2001) afirma que existe uma correlação entre o mercado e a gestão pública urbana, por exemplo, onde por diversas vezes o mercado manipula os investimentos públicos, gerando valorização de suas terras. Desta forma, o que acontece é que

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre os indivíduos e usos. Esses conflitos serão orientados pelo mercado, mediador fundamental das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, produzindo um conjunto limitado de escolhas e condições de vida. Portanto, a localização de uma atividade só poderá ser entendida no contexto do espaço urbano como um todo, na articulação da situação relativa dos lugares. (CARLOS, 2015, p. 46-47)

Segundo Abramo⁷ (2007), por exemplo, nas metrópoles da América Latina, o conjunto de ações do mercado formal, do mercado informal imobiliário, do Estado e da lógica da necessidade (de moradia, de encontrar seu espaço), resulta em uma cidade *com-fusa*, ou seja, compacta e difusa ao mesmo tempo. Nestas cidades, em geral, o estado tenta solucionar o *déficit* habitacional criando conjuntos periféricos e sem infraestrutura, o que incentiva o abandono destes e o regresso dos seus moradores para os lugares dos quais haviam sido retirados. Ou seja,

⁷ Para maior entendimento ler ABRAMO, Pedro. **A cidade com-fusa: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [s.i.], v. 9, p.25-54, nov. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/181>>. Acesso em: 14 set. 2016.

Os fatores que determinarão a formação do preço vinculam-se principalmente à inserção de determinada parcela no espaço urbano global, tendo como ponto de partida a localização do terreno (por exemplo, no bairro), o acesso aos lugares ditos privilegiados (escolas, shoppings, áreas verdes, etc.). À infraestrutura (água, luz, esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação, transporte), à privacidade; e, secundariamente, os fatores vinculados ao relevo que se refletem nas possibilidades e custos da construção. Finalmente, um fator importante: o processo de valorização espacial. (CARLOS, 2015, p. 48)

2.3 Morfologia Urbana: Conceito E Relevância

A forma urbana é composta por uma junção de partes: a rua, o lote, a quadra, o edifício, dentre outros. Assim, as combinações entre os diferentes tipos desses elementos geram uma determinada estrutura urbana. Em uma metáfora explicativa, Santos (1988) compara a cidade a um jogo de cartas, onde a combinação entre números, figuras e naipes, regulados por regras e moldados por estratégias e táticas, produzem um jogo único; da mesma forma, na cidade, a composição entre os seus componentes, sejam eles construídos ou naturais, de acordo com os interesses existentes e técnicas utilizadas no seu surgimento e construção, geram um espaço urbano singular. O campo de estudo que se dedica a estudar e analisar as diversas relações dessas formas e dos fenômenos que lhe originaram é a morfologia urbana.

A morfologia urbana é, em geral, uma análise da forma física dos espaços, podendo ter como objeto de estudo desde uma rua até uma cidade. Esses estudos são instrumentos importantes tanto para entender a produção de um espaço, quanto como gerador de diretrizes para o planejamento urbano. É através da leitura e do cruzamento de diferentes dados que se faz possível perceber a estrutura urbana e extrair disto explicações sobre aquela área.

No essencial, os instrumentos de análise vão fazer ressaltar os fenômenos implicados na produção do espaço. As inúmeras significações que se encontram no meio urbano e na arquitetura correspondem aos inúmeros fenômenos que os originaram. (LAMAS, 2004, p.37)

Seu surgimento enquanto conceito aconteceu no século XX, em escolas europeias, como na francesa e na inglesa (CAPEL, 2002). A partir disto, diferentes vertentes foram adotadas, como explica Del Rio (1990), citando dentre estas a teoria da sintaxe espacial de Bill Hillier, que analisa a cidade através de sua forma bidimensional e tem como objetivo testar a capacidade da mesma para gerar encontros. Além disso, é uma metodologia de

estudo adotada por diferentes áreas de conhecimento, tendo surgido na geografia, ela é também aplicada na sociologia e na história, dentre outras ciências. Isso acontece pois,

Independentemente dessa divisão, os estudos morfológicos apresentam inserção considerável ao facilitarem não só o entendimento da forma característica de um bairro, uma cidade, uma paisagem, mas também a análise da sua gênese e das transformações sofridas ao longo do tempo (...). (REGO; MENEGUETTI, 2011, p.124)

Esta análise pode ser feita em dimensões espaciais diferentes, de maneira que, os elementos morfológicos a serem analisados precisam variar de acordo com o grau de importância que este vem a ter diante da escala espacial considerada. Lamas (2004) divide essas dimensões nas escalas setorial, urbana e territorial (da rua, do bairro e da cidade respectivamente); sendo este trabalho referente ao segundo tipo,

DIMENSÃO URBANA – A ESCALA DO BAIRRO

É a partir desta dimensão, ou escala, que existe verdadeiramente a área urbana, a cidade ou parte dela. Pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, (...). A esta dimensão, os elementos morfológicos terão de ser identificados com as formas a escala inferior e a análise da forma necessita do movimento de vários percursos. (LAMAS, 2004, p. 74)

A análise morfológica se dá pelo cruzamento de diferentes informações, dos componentes desta estrutura, relacionando suas características, para que se alcance o entendimento da forma urbana. As partes que compõem a morfologia urbana são chamadas de elementos morfológicos e são estes:

- O solo – O solo engloba desde o sítio onde foi ou será implantada a estrutura urbana até suas características de cobertura. Ou seja, sua análise traz itens como topografia do terreno e também itens como pavimentação.
- O lote – as dimensões, formas e posicionamento dos lotes tem grande influência nas tipologias de edificações; podendo ocorrer redesenho ou reparcelamento do mesmo, para se adaptar ao tamanho e formato exigido pela ocupação a ser implantada. É importante observar que na cidade informal, nem sempre existe um desenho e divisão de lotes anterior a existência da edificação.
- A rua – elemento que molda, ou por vezes é moldado pelos outros elementos. É o espaço onde os fluxos ocorrem. Segundo Capel (2002), os núcleos antigos de crescimento espontâneo, são explicados pela relação entre a disposição da rua em relação aos caminhos antigos, adaptados a topografia e outras características

naturais. O autor ainda afirma que a rua reta é resultado de uma ordenação consciente.

- A quadra- “(...)é o resultado da agregação de lotes(...).” (Santos,1988, p.77). As quadras são delimitadas pelas ruas e podem ser fechadas ou permitir acesso ao seu interior.
- A praça – espaço com intuito de servir como área de atividades sociais. Não pode ser apenas um lugar remanescente, sem função, precisa ter sido pensado/projetado.
- O edifício – encontrado em diferentes tipos, formas e com diferentes usos.
- Os monumentos – O monumento marca o espaço em que está localizado, o caracterizando e tornando singular. Para Lamas (2004), ele desempenha um papel de configurador daquela área, se tornando elemento estruturante da cidade.
- A fachada – é a relação entre o espaço público e o privado. Sua imagem vai informar dentre outras coisas a função do edifício. Além disso, a fachada demonstra a imagem que se quer passar, podendo ser espaço de diferenciação.
- A vegetação – tem funções próprias e pode vir a definir/moldar os espaços. Importantes tanto para o conforto quanto para a estética.
- O mobiliário urbano – embora sejam elementos relativamente móveis e sejam mais perceptíveis na escala setorial, o mobiliário urbano está atrelado a qualidade do espaço.

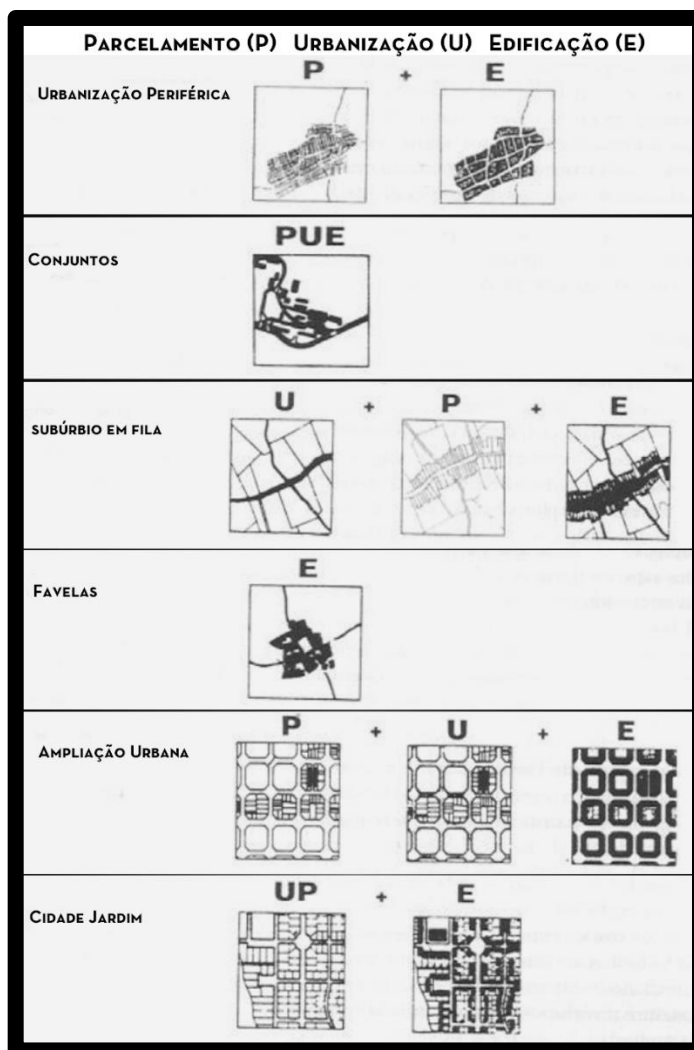
As informações espaciais são captadas através de bases cartográfica, imagens de satélite, arquivos e observação in loco, e a partir disso se desenvolvem vários produtos, como mapas de usos, mapas de ocupação do solo (ou figura e fundo) e mapas de vegetação que juntos permitem a análise espacial, tanto qualitativa quanto quantitativa, servindo tanto como conhecimento do passado quanto como base para que se possa intervir melhor ou mesmo perceber o que funcionou ou não, e levar esta informação para o desenho de novos espaços.

Através da visualização do tecido urbano, pode se tornar perceptível de que forma este se formou e como se transformou. Por exemplo, segundo Capel (2002), o arquiteto Manuel de Solá Morales junto ao laboratório de urbanismo de Barcelona definiu que existem três fases no surgimento do espaço: o parcelamento, a urbanização e a construção; O acontecimento ou não dessas fases e a ordem das mesmas em geral são características do seu tipo de ocupação, o que pode ser visto na figura 5.

(...)a análise das formas de desenvolvimento urbano, assim como o interesse pelas tipologias descritivas e estruturais do crescimento e pela relação entre

os diversos usos do solo e entre morfologia e localização. (...) identificaram uma série de formas de crescimento que constituem diferentes tipos de tramas viárias e tecidos urbanos, como é o caso das: expansões, linhas suburbanas, as formas de crescimento suburbano, a urbanização marginal com atenção especial ao papel destas formas na mais valia do solo, a cidade jardim, os conjuntos habitacionais. (CAPEL,2002, p. 439)⁸

Figura 5- Morfologias urbanas segundo Manuel de Sola Morales



Fonte: Livro La Morfología de Las Ciudades. CAPEL, Horácio. Adaptado pela Autora, 2016.

Desta maneira, ao analisar um tecido urbano, o produto da forma de crescimento barraquismo (favelas), que passou apenas pela etapa construção, é completamente diferente das cidades jardim, onde o parcelamento e a urbanização ocorrem em um mesmo momento, e só posteriormente surgem as construções.

Na análise morfológica cada item, a relação entre mais de um destes ou entre estes e o que está ao redor, nos informa sobre aquele espaço. Assim, o formato e tamanho

⁸ Todas as citações a CAPEL(2002) são traduções do espanhol, feitas pela autora.

do lote pode por si só demonstrar limitações de uso, pois um lote pequeno dificulta determinados equipamentos, como fábricas; a diferença entre os tamanhos e geometrias dos lotes de uma mesma quadra pode mostrar o surgimento da mesma, se através de planejamento ou se espontaneamente; os desenhos das ruas podem ter tido origem a partir de caminhos rurais anteriores ou ainda a geometrização imposta por um desenho urbano. Desta maneira, quando analisamos o conjunto podemos unir as diversas características e por vezes chegar a uma tipologia urbana já definida:

A morfologia das ocupações marginais é bem conhecida, e em seu nível inferior está constituída pelos bairros de barracas ou de chabolas (em outros países favelas, *bidonvilles*, bairros de lata e outras denominações). Se trata de uma morfologia específica, na qual domina a desorganização, as ruas estreitas sem asfaltar, as casas espontâneas, as vezes construídas com materiais de matérias de lixo (...), a sujeira, a insalubridade e a carência de equipamentos. (CAPEL, 2002, p. 464)

Fica claro, portanto, que através dessa metodologia pode-se analisar diferentes tópicos, como a relação com o sítio no qual está inserido, o traçado, as tipologias edilícias, a variação de tipologia e do traçado, o parcelamento, a hierarquização do sistema viário e também as relações público-privadas. Este estudo pode ter diversos objetivos, como descrito por Capel:

O estudo morfológico pode ter objetivos puramente descritivos e explicativos, e ajudar a entender a forma como as cidades foram construídas e evoluíram. Também pode ter objetivos normativos, na medida que a partir da análise morfológica pode melhorar o desenho da cidade, ao conhecer melhor o comportamento dos elementos componentes e os processos de transformação da cidade. (CAPEL, 2002, p. 22)

Assim, tendo definido morfologia urbana, os elementos morfológicos, e sua importância enquanto método de análise espacial, é necessária ainda a definição de paisagem urbana, ou *townscape*. Rego e Meneguetti (2011) citam Conzen (2004) para determinar que o “termo se refere a fisionomia da cidade, mais especificamente à combinação de três complexos formais sistemáticos: o traçado urbano, o tecido edificado e o uso do solo”. Em outras palavras é a aparência gerada pelo conjunto dos elementos morfológicos, ou seja, é a imagem da morfologia urbana.

Para Carlos (2015, p. 35), a paisagem urbana registra um momento, e revela uma dimensão necessária do espaço: o que é real, representativo e perceptível. Carlos explica ainda, que a desigualdade da produção espacial está expressa na observação da paisagem e que isso pode ser apreendido:

- a) nas cores: que vão da predominância do verde nos bairros arborizados onde reside a população de alto poder aquisitivo, ao vermelho das ruas sem asfalto, misturada à cor do tijolo das casas inacabadas feitas sob o sistema de autoconstrução, passando pelo cinza do concreto. Em muitos edifícios modernos a cidade se reflete na imensidão dos vidros fumê.
- b) no arranjo dos bairros que possuem traçado de ruas diferenciadas, seja pelo relevo, seja pelo tipo de ocupação.
- c) pelo tipo de movimentação das pessoas, marcado pelo ritmo febricitante da vida urbana. (CARLOS, 2015, p. 43-44)

Através da observação do plano, dos projetos de loteamento, das imagens aéreas e observação atenta pelas ruas, Capel (2002), diz ser possível distinguir os espaços por suas características morfológicas diferentes, que acabam por refletir a maneira como evoluiu e a condição social dos seus moradores. Além disso, o autor acredita que esta análise permite ler, na paisagem urbana e no plano, os conflitos sócias existentes, que ao mesmo tempo dão origem e são produzidos pelo espaço construído.

3 BAIRRO AMÉRICA: URBANIZAÇÃO E CONTEXTO

3.1 A urbanização de Aracaju

Sendo criada como nova capital para o estado de Sergipe, Aracaju nasce nesse contexto de mudanças econômicas, a partir da necessidade de um porto no litoral. A cidade que teve seu início planejado, um “traçado em forma de tabuleiro de xadrez com trinta e duas quadras de 110 por 110 m cada, de autoria do Engenheiro Sebastião de Basílio Pirro” (SOUZA, 2005), também fugiu aos limites do planejamento, extremamente despreparado para a expansão, e desenvolveu-se guiada pelos seus diversos agentes e interesses.

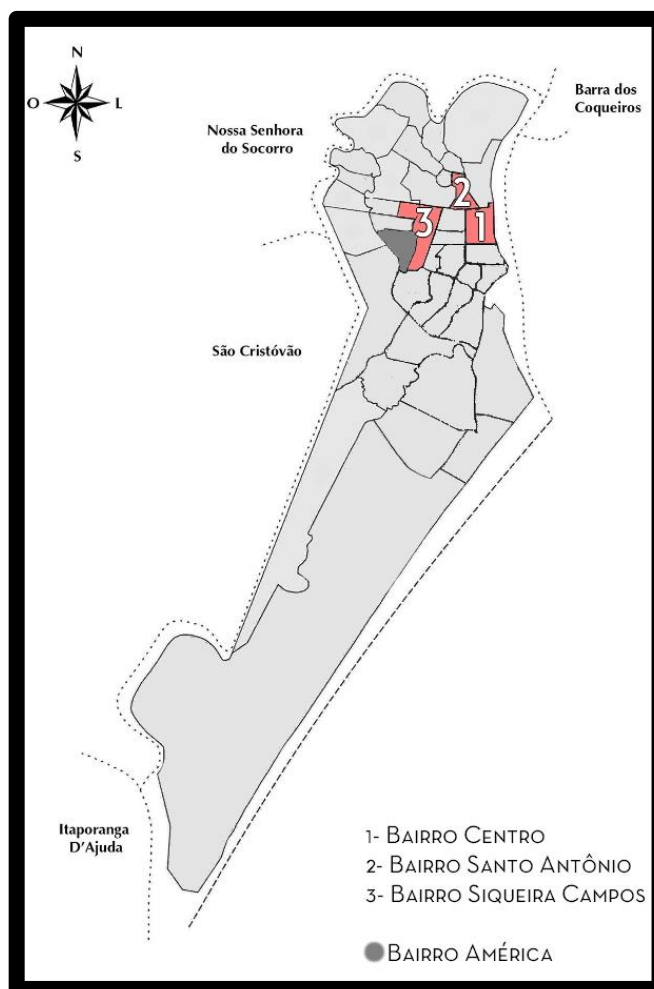
Assim como no resto do país, a malha urbana foi crescendo a partir de um processo migratório. Os motivos que fizeram com que as pessoas se mudassem para a nova capital foram variados, dentre eles estão:

- a) transformações na estrutura econômica estadual, como já nos referimos anteriormente, onde a reorganização do setor agrícola com atividade poupadora de mão-de-obra a pecuária reforçou o fluxo migratório rural-urbano.(...)
- b) a penetração do capitalismo no campo, acompanhado da modernização de algumas áreas agrícolas, que embora lhes aumente a produtividade, libera mão-de-obra;
- d) o processo de industrialização concentrado na capital se deu de forma acelerada como nos atestam os dados obtidos para a época. (...) (RIBEIRO, 1984 p.31-32)

Nos primeiros cinquenta anos a capital cresceu muito pouco, tendo sua ocupação no quadrado de Pirro ocupado apenas aproximadamente trezentos metros para oeste; a população pobre, porém, crescia em espaços fora desta delimitação (LOUREIRO,1983).

Nas três primeiras décadas do século XX, a cidade recebe vários serviços públicos, como a água encanada, iluminação elétrica e transporte público (SOUZA,2005), sendo que a maioria desses serviços ficaram restritos apenas a área central (número 1 na figura 6). Neste período já se nota o crescimento dos bairros Santo Antônio (número 2 na figura 6) e Industrial além de arruamentos no atual Siqueira Campos (LOUREIRO,1983) (número 3 na figura 6). Ocorre ainda a implantação da ferrovia (1914) e de equipamentos urbanos, dentre os quais, para fins deste trabalho é importante destacar a penitenciária modelo (1926), localizada no que viria ser o bairro América. Desde esse momento, Aracaju já possuía uma estrutura espalhada, a cidade era muito extensa, mas com grandes vazios urbanos que serão ocupados apenas a partir de 1930 (RIBEIRO, 1984).

Figura 6- Aracaju: Início do século XX



Fonte: Mapa da Wikipédia. Adaptado pela Autora, 2016.

Seguindo o rumo nacional, em Aracaju também foi priorizada a construção de ferrovias e rodovias, que interligaram a cidade a outras regiões do país, tendo impacto direto na sua expansão urbana. Villaça (2001), analisa, no que diz respeito ao Brasil, que a influência das vias no direcionamento da expansão urbana predomina inclusive sobre as características do terreno, caso estas não sejam favoráveis. Por isto mesmo é que

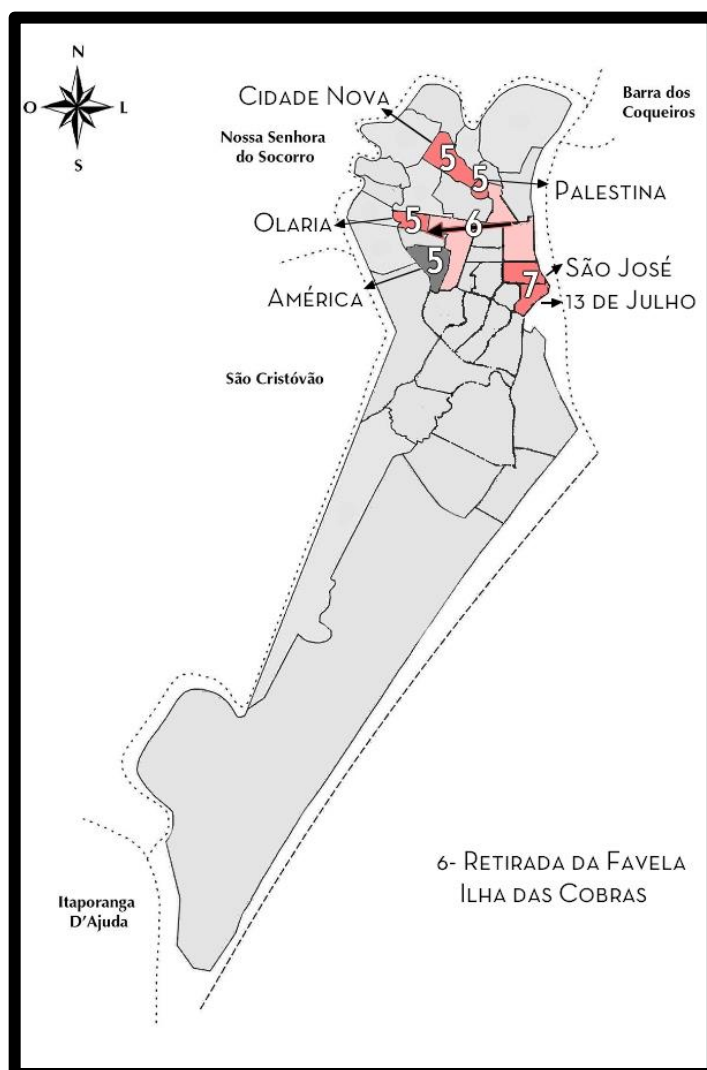
Na década de 1930 a estrutura interna de Aracaju expande-se em função da ferrovia que vivia seus dias de apogeu, e da abertura da nova estrada de rodagem para o interior. Assim cresceram os Bairros Santo Antonio e 18 do Forte a noroeste, relacionados com o transporte rodoviário. Desenvolve-se aceleradamente o bairro Siqueira Campos que chega a ser no final deste período o mais populoso. (Ribeiro, 1984, p.49)

Por conta de fatores produtivos e com a expansão das rodovias, ferrovias e das mudanças no sistema de transporte, o porto de Aracaju entra em decadência, sendo assim,

passa-se a ocupar a cidade de maneira diferente; no sentido do novo eixo rodoviário, a oeste. A cidade se torna agora centro administrativo e comercial. (RIBEIRO, 1984)

A partir da década de 50, os movimentos migratórios crescem, e estas pessoas recém-chegadas fixam-se principalmente nos bairros América, Cidade Nova, Palestina, Barro Vermelho e Matadouro, marcados como 5, na figura 7 (NOGUEIRA, 2004).

Figura 7- Aracaju: Periferização



Fonte: Mapa da Wikipédia. Adaptado pela autora, 2016.

Segundo Ribeiro (1984), a imigração contribui para o crescimento da periferia urbana, que é feita inicialmente de forma espontânea e mesmo depois, quando passa a ser feita por loteamentos, vários destes são clandestinos; ainda segundo a autora, a maioria destes loteamentos se localizam nas zonas norte e oeste: terra barata e ausência de infraestrutura urbana, em mais uma demonstração da estratificação sócio espacial de Aracaju. A paisagem da cidade demonstrava essa realidade, como descreve Loureiro:

Ocorre também uma mudança no campo: a agricultura dá espaço à pecuária e já em 1960 essas áreas de pastagens representam 50,1% do total do Estado. Assim Aracaju “urbaniza-se”, mas sua paisagem é, fundamentalmente, de “barracões e casas de sopapo com cobertura de palha nas áreas mais pobres”. (LOUREIRO, 1983, p. 69)

Ainda na década de 50, as atitudes segregacionistas do Estado se confirmam com a retirada da favela chamada de Ilha das cobras de uma posição no centro, e relocação dos moradores em um conjunto habitacional na zona oeste da cidade (CARVALHO,2013). É importante perceber que nesta época a área não era fortemente ocupada, ou seja, as pessoas foram retiradas de um ambiente urbano, próximo a infraestrutura e oportunidades de emprego, e realocadas num vazio (movimento marcado como 6, na figura 7). Criado em 1950, este, o Agamenon Magalhães, é o primeiro de uma série desses conjuntos em Aracaju (CARVALHO,2013).

No mesmo período a ocupação da cidade também se expande para a zona sul, o estado abre vias, gerando mais espaços nobres como os bairros São José e a praia da 13 de julho (ponto 7, na figura 7). Conforme citado no capítulo anterior, a elite também passa a ser atraída para a periferia, porém uma que ofereça amenidades, no caso de Aracaju, a praia de Atalaia:

Com a implantação da nova via de acesso à praia de Atalaia os agentes imobiliários passaram a investir nesta zona visando atingir o mercado consumidor formado por pessoas de melhor poder aquisitivo, como é o caso do loteamento Jardim Atlântico I, com lotes que têm uma área média de 414 m². (RIBEIRO, 1984, p. 50)

O processo é impactado ainda pelas consequências da descoberta do petróleo em Carmópolis, a 47 km da capital, e posteriormente na própria costa da cidade, acabando por receber a sede da Petrobrás (localizada no limite do bairro América). A chegada da empresa trouxe novos empregos e gerou especulação em diversas áreas da economia, desde o mercado alimentício até o imobiliário (NOGUEIRA, 2004).

Na década de 70, Souza (2005), aponta vários esforços de modernização realizados principalmente pela ação estatal; é nesse período que ocorre a construção do terminal da rodoviária José Rollemberg Leite e a desapropriação da área onde hoje se localiza o campus da UFS em São Cristóvão, o que influenciou processos de loteamentos e especulação, definindo novos espaços urbanos. Em resumo:

A expansão da cidade ocorre, até o ano de 1980, através de cinco fatores, segundo Loureiro (1983):

- a) ocupação dos vazios urbanos existentes;
- b) abertura de novas avenidas, que reintegram loteamentos e conjuntos à malha urbana;
- c) ocupação de áreas com proximidade à praia (área do Mosqueiro- zona sul);

d) expansão da zona oeste (direção da BR-101);

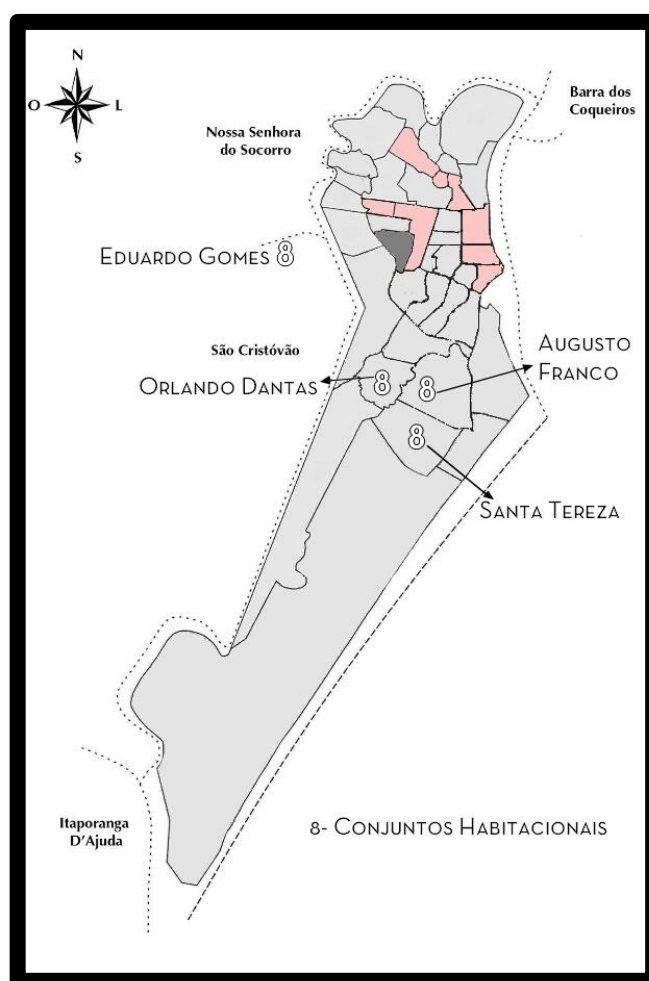
e) aumento da densidade da área central.

A implantação da Universidade Federal de Sergipe na década 70, com inauguração do campus em São Cristóvão em 1981, a oeste de Aracaju, também contribuiu para a expansão urbana naquela direção. (NOGUEIRA,2004, p. 209)

A partir da segunda metade da década de 70 se intensificou a construção de conjuntos habitacionais, alguns destes inclusive fora dos limites municipais, como é o caso do Eduardo Gomes; dentro do contorno da cidade podemos citar o Augusto Franco, Orlando Dantas e Santa Tereza (CARVALHO,2013), marcados como 8, na figura 8. Segundo a prefeitura municipal de Aracaju, a valorização do solo e a especulação imobiliária

(...) fizeram com que a COHAB passasse a adquirir terrenos para a construção de conjuntos habitacionais nos municípios vizinhos, distante da malha urbana consolidada, causando muitas dificuldades para as administrações municipais (FRANÇA, 2005). Assim desencadeou-se o fenômeno da metropolização de Aracaju, com incidência sobre os municípios de Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, onde foram construídos grandes conjuntos habitacionais tais a exemplo do Conjunto Eduardo Gomes, do Complexo Habitacional Taiçoca, do Conjunto Hildete Falcão, entre outros que fizeram proliferar inúmeros assentamentos e loteamentos precários em seu entorno, intensificando assim a ocupação (PMA/SEPLOG, 2014(a)). (PMA/SEPLOG, 2015, p. 6)

Figura 8- Aracaju: Conjuntos Habitacionais



Fonte: Mapa da Wikipédia. Adaptado pela autora, 2016.

A partir daí, Aracaju deixa de ser uma cidade de médio porte, e a sua urbanização ultrapassa os limites municipais, formando a área metropolitana conhecida como Grande Aracaju (NOGUEIRA, 2004).

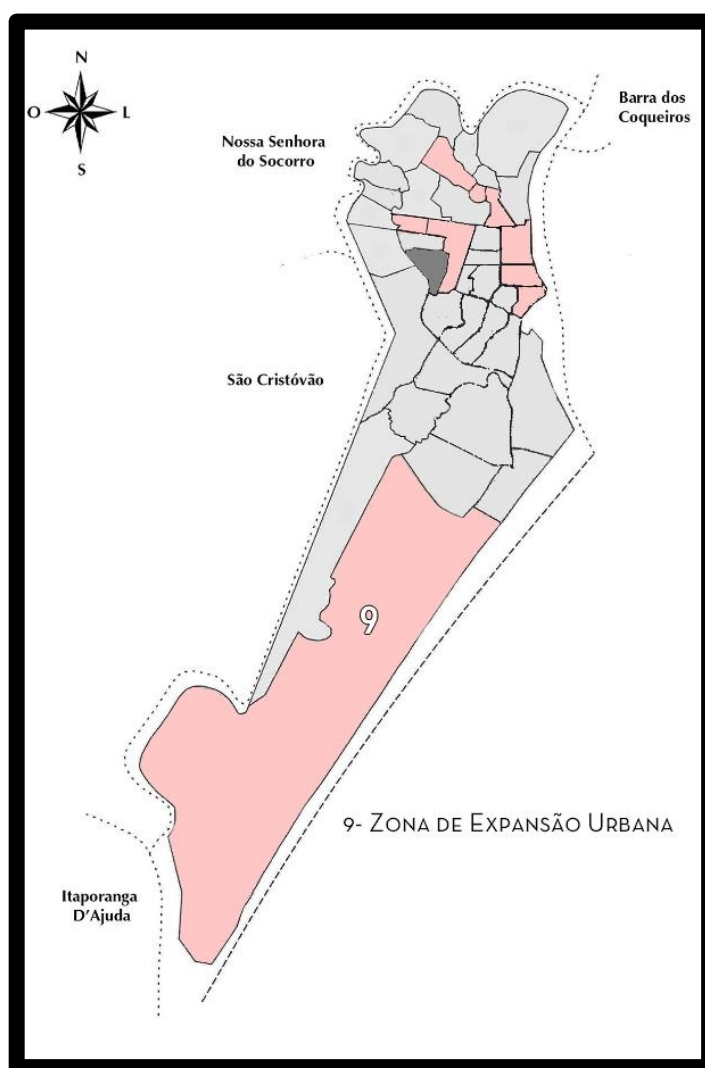
Depois de 1980, segundo Nogueira (2004), a cidade não só se expande horizontalmente, através destes conjuntos, mas também começa a se verticalizar, isto era mais intenso nos bairros de alta renda, como o Treze de julho. Para Souza (2005), este processo não ficou restrito as elites, pois através dos conjuntos habitacionais, a verticalização também se estendeu as camadas menos abastadas da população; estes apartamentos foram construídos em diferentes espaços da cidade.

Aracaju cresceu ainda para a zona de expansão urbana- ZEU, determinada em 1982 pela prefeitura, na lei que delimitou os bairros. A PMA/SEPLOG, em seu diagnóstico municipal (2015), destaca que na última década, a capital tem se expandido para esta zona de expansão (ponto 9, na figura 9) através de condomínios residenciais fechados e

loteamentos, sendo que o local não possui infraestrutura para isto. Os motivos descritos por França e Rezende (2010), para a ocupação desta área são:

Primeiro, a ascensão imobiliária da região, devido a proximidade com a porção central e a praia. Segundo, a enorme concentração de terras nas mãos de poucos proprietários, acentuando a ocupação. Terceiro, os investimentos governamentais e as políticas públicas, que beneficiaram a produção imobiliária, principalmente a inserção de conjuntos habitacionais do Programa de Arrendamento Residencial e projetos voltados para habitação popular. Quarto, a realização de obras de infraestrutura viária que facilitaram o acesso, direcionando a migração populacional. (FRANÇA; REZENDE, 2010, p. 3)⁹

Figura 9 - Aracaju: Zona de expansão



Fonte: Mapa da Wikipédia. Adaptado pela autora, 2016.

⁹ FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; REZENDE, Vera F.. **Conflitos Ambientais e Ocupação da Zona de Expansão Urbana de Aracaju:** Distanciamento de uma Prática Sustentável. In: V Encontro Nacional da Anppas; 4 a 7 de outubro de 2010; Florianópolis. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT3-470-419-20100903191545.pdf>. Acesso em: 9 out. 2016.

Atualmente, a cidade sofre as consequências de uma urbanização tão desigual e espraiada, mas, mesmo assim continua a crescer sem muito controle ou planejamento, sendo o próprio poder público responsável por algumas dessas expansões. A especulação imobiliária, as vezes geradas pelo próprio estado, dita os vetores de crescimento da cidade sem se preocupar com os impactos gerados em qualidade de vida e qualidade ambiental. Para Nogueira (2004), o que acontece é que a cidade é separada socialmente através das localizações das classes sociais distintas no território urbano, que formam bolsões para cada uma destas; no seu entendimento as classes mais abastadas se encontram na zona centro-sul enquanto os menos favorecidos se fixam nas zonas norte e oeste.

Souza (2005), define a situação atual de Aracaju como sendo um pólo regional de comércio e serviços para o estado. Em relação a malha urbana da cidade o autor reitera o que foi dito no parágrafo anterior:

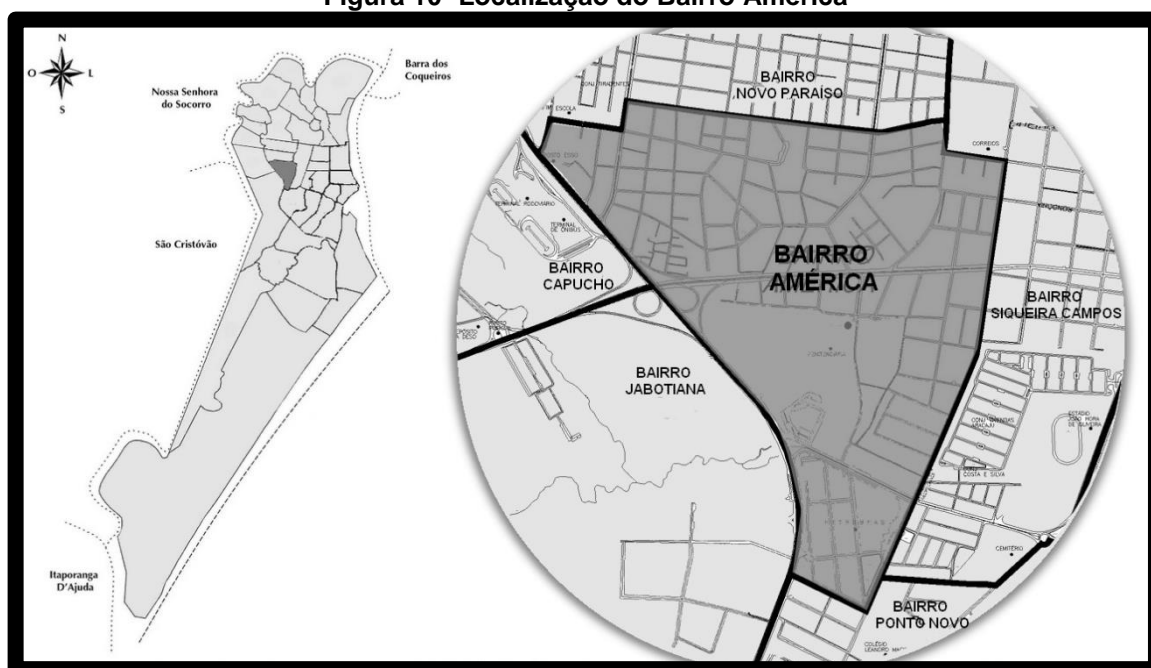
“Hoje a configuração Urbana de Aracaju é marcada por um território fragmentado pelas descontinuidades da Malha e pelos vazios urbanos, e ao mesmo tempo, ocupado social e economicamente de forma homogênea com as camadas sociais mais privilegiadas localizadas nas áreas mais interessantes da cidade e na periferia a população pobre, espoliada e segregada, mantida pela oferta precárias de moradias e por um sistema de transporte público integrado, diferenciando-a de outras capitais brasileiras.” (SOUZA, 2005, p. 43)

3.2 Caracterização do Entorno

O bairro América está localizado na zona Oeste de Aracaju, e seus limites (figura 10) são: ao norte com o bairro Novo Paraíso (Rua Guilherme José Martins), ao Sul com Ponto Novo (Rua Acre e Rua Jurandir Gomes de Santana), ao Leste com Siqueira Campos (Rua Acre) e a Oeste com Capucho e Jabotiana (Avenida Trinta e um de março).

Neste tópico serão ressaltadas as características dos bairros vizinhos que mais influenciam a área de estudo. Desta maneira, como bairro, destacam-se o Novo Paraíso e o Siqueira Campos, enquanto dos outros o foco se dá em partes específicas como as ruas e avenidas.

Figura 10- Localização do Bairro América

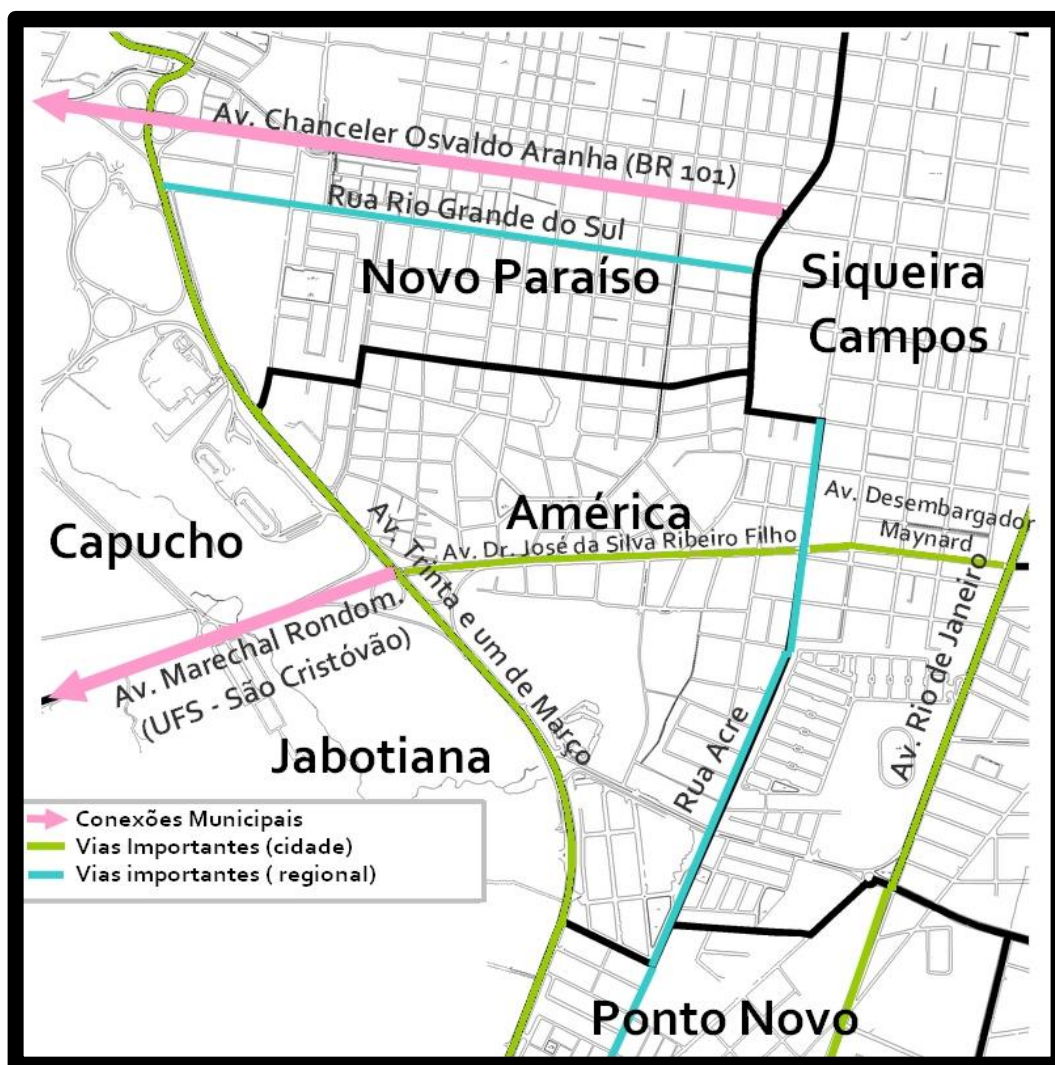


Fonte: Base Cartográfica da PMA/SEPLOG. Mapa da Wikipédia. Elaborado pela Autora, 2016.

Como qualquer espaço, este está inserido em um contexto maior, se relaciona e é influenciado com e pelo seu entorno. Neste tópico, discutiremos os pontos relevantes destes bairros vizinhos e das vias.

A figura 11 mostra que duas das vias de acesso há outros municípios estão nas proximidades, como é o caso da Av. Chanceler Osvaldo Aranha, que liga a BR 101, dando acesso a outros municípios e estados, e a Av. Marechal Rondon, que leva a Universidade Federal de Sergipe, e ao município São Cristóvão. Além disso, o próprio limite do bairro é a Avenida Trinta e um de março, continuação da Avenida Tancredo Neves, que corta a cidade de no sentido leste oeste. A avenida Augusto Franco (Rio de Janeiro), uma das antigas ferrovias é extremamente importante na estrutura viária de Aracaju. No que se trata apenas desta região, as ruas Acre e Rio Grande do Sul são de grande fluxo e conexões. Ao longo destas vias se distribuem os mais variados comércios e serviços.

Figura 11- Vias



Fonte: Mapa e Ruas: PMA. Classificação e Elaboração: Própria Autora, 2017.

O bairro América é cortado por uma larga avenida, de amplo fluxo, o que no dia-a-dia acaba se tornando uma barreira entre os dois espaços que ela cria. Por isto mesmo, a autora acredita que o espaço abaixo desta se tornou isolado enquanto o espaço acima se comunica, naturalmente, com o Novo Paraíso. A divisão entre os bairros não é concreta na realidade, e parece funcionar apenas nos mapas; na leitura da população Aracajuana o Novo Paraíso é parte do América¹⁰. A sensação entre os dois espaços é de unidade, já que o seu limite é uma rua comum, a rua Guilherme José Martins (figura 12), com características semelhantes a diversas outras da área.

¹⁰ Segundo o historiador Emanuel Rocha, o bairro Novo Paraíso existe devido à vontade daquele povo de escapar do estigma de bairro violento, pobre e de pessoas criminosas existente no imaginário da capital.

Figura 12- Rua Guilherme José Martins



Fonte: Própria Autora, 2017.

O bairro Novo Paraíso, é, assim como o América, intensamente residencial, com exceção das Avenidas e da rua Rio Grande do sul. O uso misto encontrado nas ruas internas de caráter pequeno negócio e até mesmo informal: lanchonetes, copiadoras, borracharias, padarias e etc., normalmente o uso misto se caracterizando pelo comércio acontecer no mesmo espaço que a residência da família do proprietário.

No limite entre o Capucho e o América se inserem equipamentos essenciais para o estado, como o Terminal Rodoviário Gov. José Rollemberg Leite (conhecida popularmente como a rodoviária nova), um dos terminais de integração e o HUSE (Hospital de Urgência de Sergipe). Além disso, é intensa a presença de órgãos públicos, tais quais o Fórum Gumerssindo Bessa, o Tribunal Regional Eleitoral e o Centro de Referência da mulher, dentre outros. Os equipamentos que estão próximos aos limites entre os bairros, impactam no uso do solo no local (figura 13); são pousadas e restaurante (na Avenida trinta e um de março e na Avenida Camilo Calazans), que se ligam aos usuários destes.

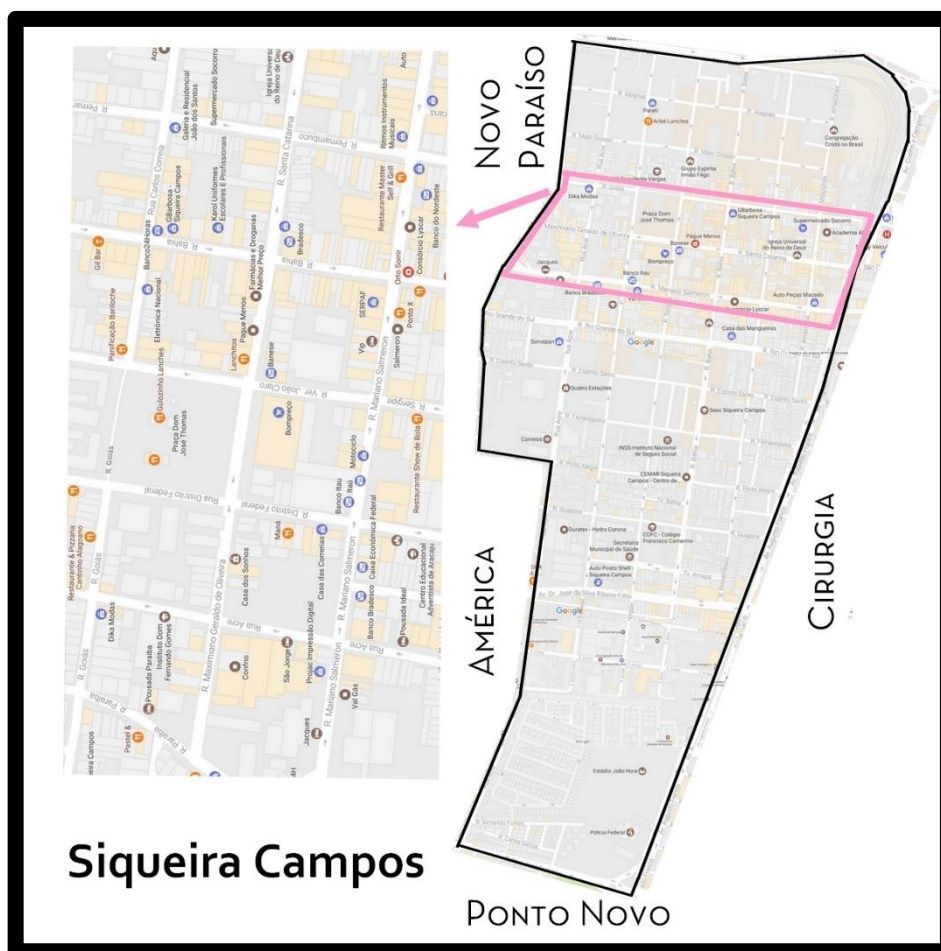
Figura 13- Capucho



Fonte: Google Maps, 2017. Elaborada pela Autora, 2017.

O Siqueira Campos cumpre papel de Subcentro, pois oferta diferentes tipos de lojas e serviços, além da ampla área residencial. As ruas Acre, Mariano Salmeron e Bahia, os arredores da Praça Dom José Thomaz (figura 14) e a Avenida Augusto Franco e São Paulo, oferecem diversos tipos de empreendimentos, tais quais lojas, que vão desde roupas até móveis, passando por materiais de construção; mercados (Gbarbosa e Bom Preço), escolas públicas e privadas, bancos, clínicas médicas, restaurantes, lanchonetes e etc. Deste modo, a população do América, tem em sua redondeza, acesso fácil a estes usos, o que reduz a necessidade da ida ao centro da cidade, por exemplo.

Figura 14- Siqueira Campos



Fonte: Google Maps. Elaborado pela Autora, 2017.

Enfim, nota-se que embora tenha começado como periferia, afastada de serviços, empregos e infraestrutura, Aracaju alcançou a Penitenciária (LOUREIRO, 1983). O bairro ganhou infraestrutura e foi bem servido de transporte público, além de ter em suas proximidades comércios, serviços e órgãos públicos. É notável então, que ocorreu ali um processo de desperiferização.

3.3 Histórico do Bairro América

Segundo diagnóstico realizado pela Prefeitura de Aracaju, o bairro América foi ocupado pela ação de populares, sendo a autoconstrução uma constante. No início do século XX, o perímetro urbano de Aracaju se restringia ao espaço planejado e começava a se expandir para o norte, com os bairros Santo Antônio e Industrial, e para Oeste, com o Siqueira Campos. Assim, a área delimitada hoje como bairro América, localizada mais a oeste, no limite do Bairro Siqueira campos, ainda não fazia parte da zona urbanizada da capital. Naquele

espaço existiam sítios de árvores frutíferas e coqueirais (PMA/SEPLOG), além disso existiam lagoas, brejos e matagal abundante (ROCHA; CORRÊA, 2009).

Muito embora a expansão urbana só tenha começado a alcançar estes limites na década de 1940, algumas pessoas já haviam começado a se fixar ali antes disso. Em 1926 o estado cria ali a Penitenciária Modelo (Figura 15) de Aracaju que é o primeiro chamariz de pessoas para a região; familiares dos detentos, além de ex presidiários, começaram a construir suas casas de forma desordenada, em terreno público, nas proximidades do presídio, que naquela época era uma região de atoleiros (PMA/SEPLOG).

Os moradores mais antigos contam que os primeiros habitantes daquela localidade eram familiares de detentos que cumpriam pena no presídio ali localizado, daí o motivo do deslocamento (...) o que provocou o surgimento de pequenas casas no entorno do presídio. (OLIVEIRA, 2011, p. 1)

Figura 15- Penitenciária Modelo de Aracaju 1931



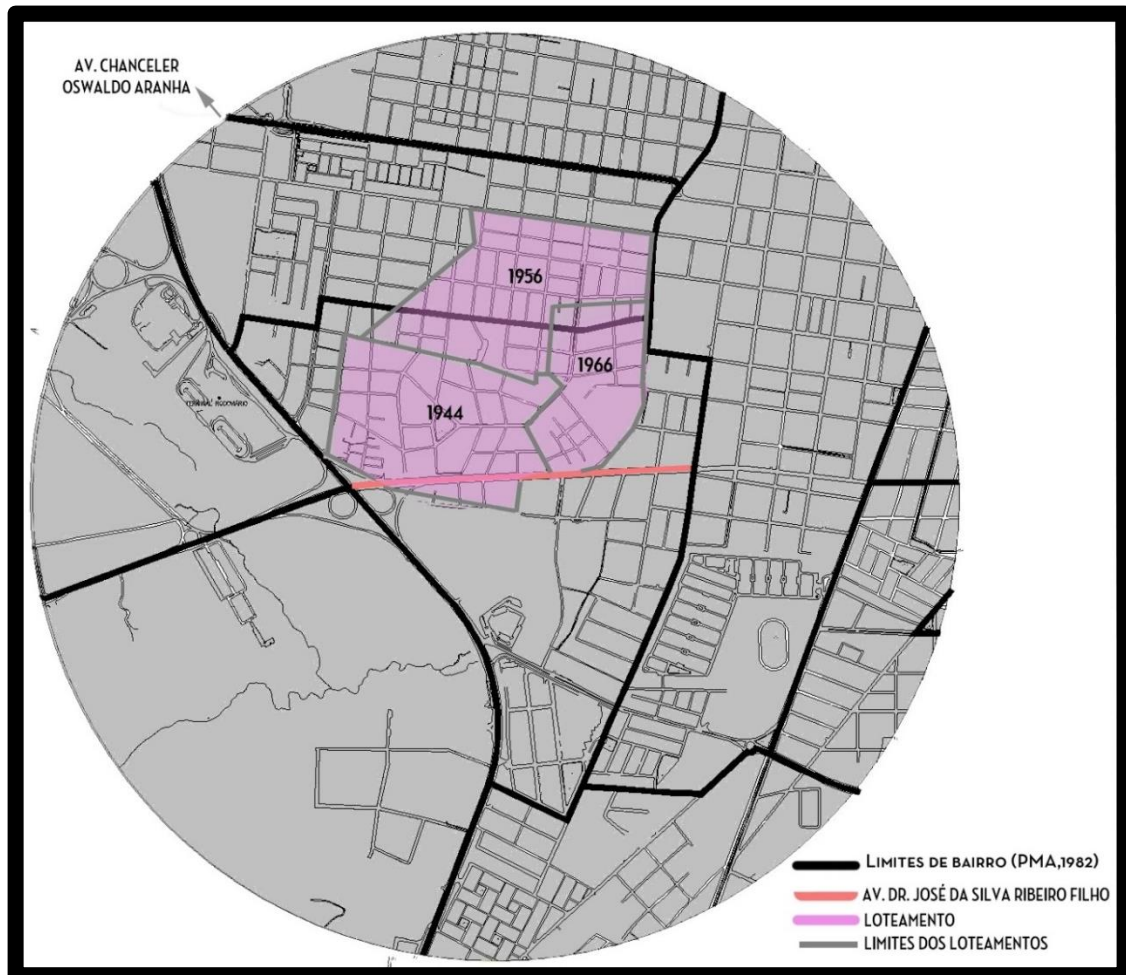
Fonte: Álbum Fotográfico de Aracaju

Só em 1944 é que formalmente um projeto de loteamento (figura 16) foi aprovado na prefeitura: o proprietário doou, em 1946, para a Prefeitura Municipal de Aracaju, faixas de terra para que pudessem ser feitas as aberturas de ruas pela mesma, facilitando assim o processo de loteamento e venda da sua propriedade como um todo. Este loteamento era dividido em 1610 lotes (OLIVEIRA, 2005) e, a partir desta doação, em 1947, através do decreto municipal nº 133 de 05/02/1947 é criado o bairro. No documento de transferência da posse das terras, por ocasião de falecimento do proprietário, consta que em 1964 apenas 270 lotes tinham sido vendidos, tendo mais 890 sendo pagos a prestações (OLIVEIRA, 2005).

DECRETA:

Art 1º - Fica denominado Bairro América a área de terra no lugar chamado Capucho, Município da Capital, conforme planta aprovada pela prefeitura de Aracaju em 17 de novembro de 1944, de propriedade do sr. José Zuckerman e sua mulher, cujos leitos das ruas, foram, por eles, doados a municipalidade, (...). (PMA, apud OLIVEIRA, 2008, p. 135).

Figura 16 – Loteamentos cadastrados na EMURB



Fonte: Base Cartográfica da PMA/SEPLOG. Adaptado pela autora, 2016.

Segundo Rocha e Oliveira (2009), as primeiras casas foram sendo construídas através de mutirões familiares e eram feitas de taipa, além disso as casas eram pequenas e os quintais grandes. Ainda segundo os autores, as ruas eram de pissarra ou de barro e outras eram apenas trilhas, que no inverno costumavam formar valas.

Em meados dessa década, acentua-se a migração campo/cidade. Aracaju desenvolve-se em várias direções- Consolidam-se, a oeste, os bairros América, que era o mais novo, (...).

A BR 11- é aberta ao tráfego; o movimento desloca-se da antiga AV. Maranhão para a nova estrada; Aracaju atinge a Penitenciária. (LOUREIRO, 1983, p. 64)

A partir de 1956, como fica claro em documentos encontrados por Oliveira (2005), a prefeitura aprova processos de loteamentos (Figura 16) no que chamam de prolongamento do bairro América, que pela descrição da área, está em sua maior parte localizado no que é hoje o bairro Novo Paraíso (figura 16). Em 1966, o proprietário do loteamento que deu origem ao bairro, loteou outro pedaço de seu sítio (figura 16).

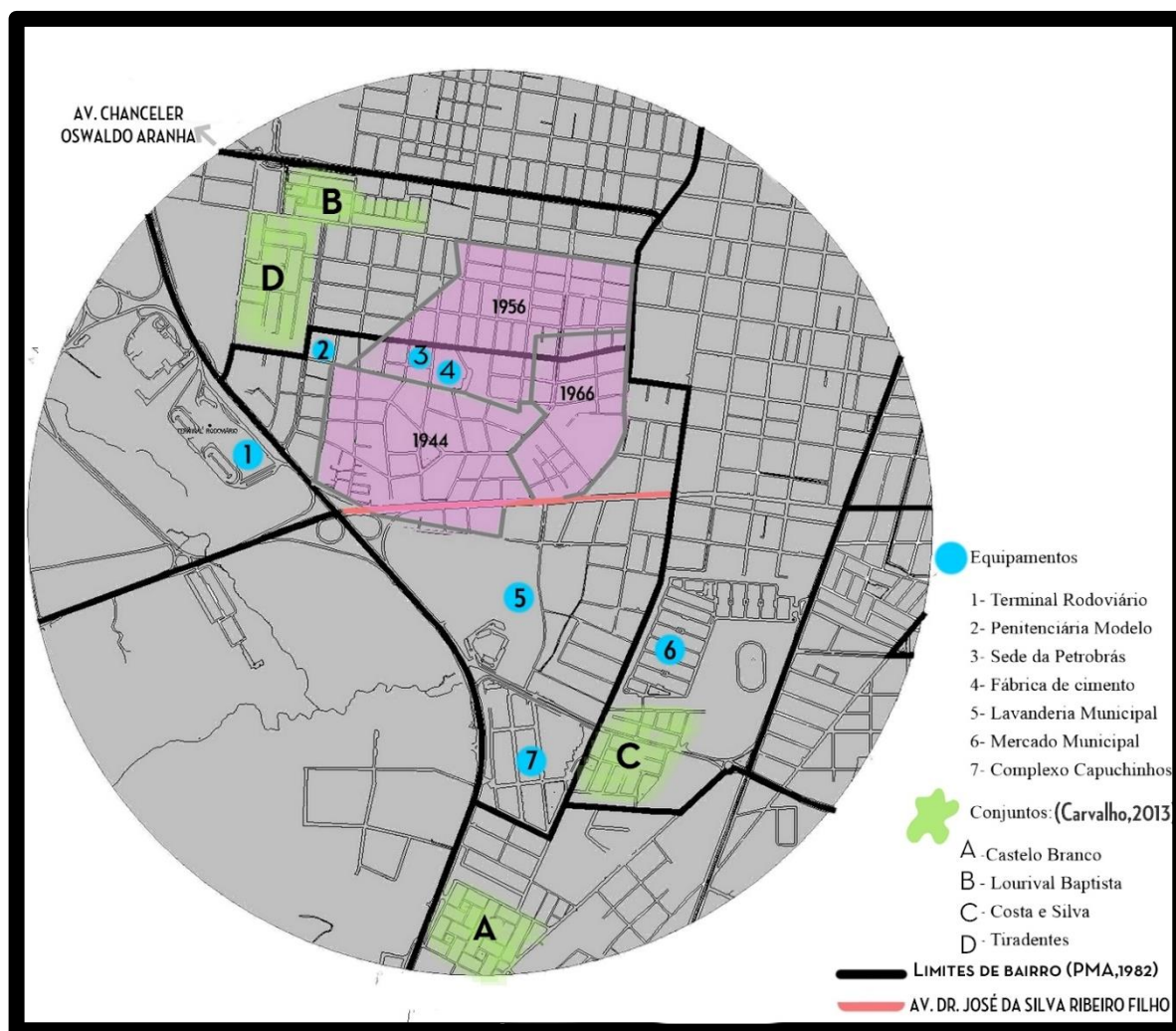
Na década de 1960, a prefeitura expandiu o plano urbanístico do bairro América para Baixada do Norte, delimitando Ruas já com nomes que não eram mais de países americanos, ao tempo que terrenos começaram a ser loteados. O novo bairro começou a se formar como prolongamento do B.A., o Novo Paraíso, numa alusão é o nome de uma das antigas propriedades daquela área. A Rua Guilherme José Martins divide as duas denominações de uma mesma comunidade do passado. (ROCHA; CORRÊA, 2009, p 22)

A infraestrutura e serviços básicos só vão começar a chegar a região a partir de 1960. A água tratada só foi capaz de atender todo o bairro na década de 70, através da instalação de dois reservatórios elevados. O mercado Municipal (figura 17) foi fundado em 1962. No mandato do prefeito José Conrado de Araújo (1959-1961), foi implantada dentre outras melhorias, uma lavanderia, o que permitia a lavagem de roupas e até tomar banho, antes a água utilizada era de uma lagoa (PMA/SEPLOG).

Em 1961 chegam ao bairro os frades capuchinhos, e fundam o complexo formado pela Igreja de São Judas Tadeu, o Convento Capuchinho e uma escola cedida à Prefeitura.

Um equipamento de grande impacto na região foi a Fábrica de cimento Votorantim, inaugurada em 1967, que apesar de ser localizada no bairro Siqueira Campos - na linha férrea, atual Avenida Rio de Janeiro, com fundo para a Rua Acre, limite entre os bairros - afetou diretamente a população do América. Inicialmente, a fábrica representou esperança de empregos, mas como a fábrica precisava de mão-de-obra especializada, isso acabou não acontecendo (OLIVEIRA, 2008). A fábrica serviu como atraente populacional, aumentando a ocupação da área. A figura 17 mostra a localização desses equipamentos.

Figura 17- Mapa Localizando Equipamentos e Conjuntos



Fonte: Base Cartográfica da PMA/SEPLOG. Adaptado pela autora, 2016.

Na década de 1970, outros equipamentos se instalaram na área (figura 17), como o Terminal Rodoviário José Rollemberg Leite (1978), na fronteira sul, no bairro Capucho e a sede da Petrobrás (Figura 18), próximo ao Bairro Ponto Novo. Além disso é importante mencionar a construção de conjuntos, em bairros vizinhos, como o Castelo Branco (1968) e Costa e Silva (1971), Bairro Ponto Novo, e Tiradentes (1974) e Lourival Batista (1970), Bairro Novo Paraíso (CARVALHO, 2013).

Figura 18- Imagem aérea. Sede da Petrobrás - década de 1970



Fonte: Blog Antiguidades Coleções e Arte

Na figura 19 é possível perceber o a ocupação no início da década de 80, sendo que segundo a prefeitura a área estava completamente ocupada antes de 1990 (Anexo 1). Atualmente a área se encontra totalmente construída, sendo os espaços vazios referentes a praças ou terrenos isolados (Figura 20). Os mapas mostram o avanço das construções sobre este espaço, sendo o primeiro oficial da prefeitura e o segundo com base em observação atual.

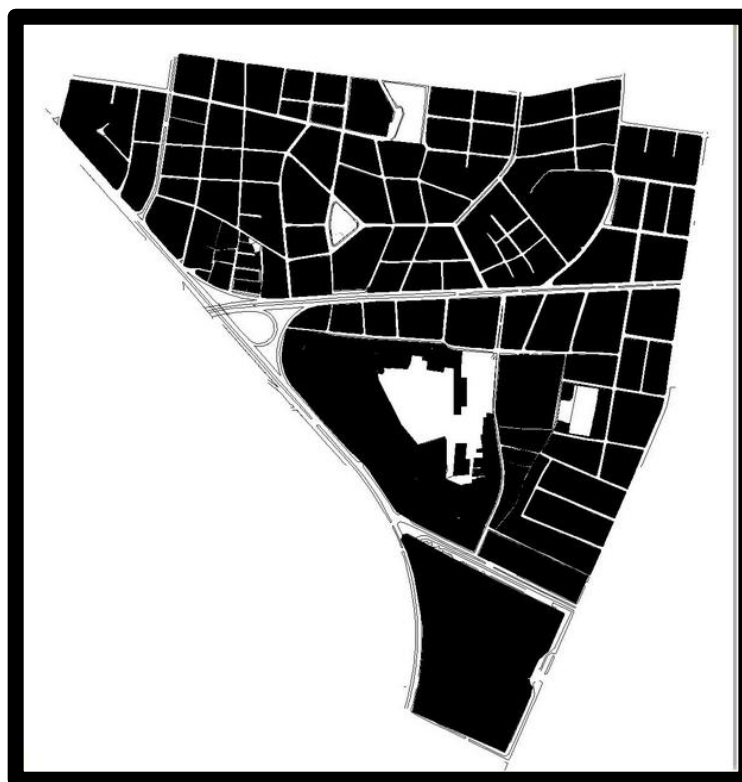
Segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, a população do bairro é de 15.870 pessoas.

Figura 19- Figura e Fundo - 1981



Fonte: PMA/GEPLAN

Figura 20- Bairro América. Figura e fundo: Ocupação em 2016.



Fonte: Base Cartográfica da PMA. Elaborado pela Autora, 2016.

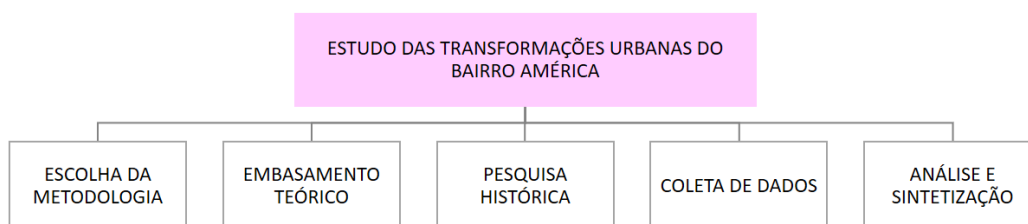
4 ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DO BAIRRO AMÉRICA

Com o objetivo de melhor acompanhar as transformações do espaço, o capítulo foi dividido em nove períodos de tempo. A organização tenta trazer as mudanças década a década, quando estas apresentam novas características ou acontecimentos consideráveis e ou em períodos maiores quando não as tem. A partir disto, o primeiro período é a pré-existência do bairro, sendo o espaço completamente rural (até 1925). No seguinte, é pontuado o ponto inicial do bairro, e suas ocupações espontâneas. Nas décadas de 40 e 50, são apresentados os loteamentos aprovados, estas aparecem separadas em tópicos diferentes, de maneira a evidenciar o avanço da ocupação, já que 1950 marca um aumento na migração campo-cidade. Entre 1960-1970, diversos acontecimentos influenciam na forma do espaço como é hoje: é aqui que vemos a chegada dos primeiros grandes equipamentos e a abertura das ruas, por exemplo. Durante os anos 70 chegam outras edificações fundamentais além de ocorrer mudança de revestimento em algumas ruas e a criação da primeira praça. Até 1990 todo o bairro é ocupado, e se vê o surgimento a segunda praça. Já no último tópico, que vai desde 1990 até 2017, considera-se o bairro enquanto consolidado, e as mudanças ocorridas, como re-estruturantes do espaço já existente e construído. Assim, nesta subseção se observa as últimas grandes mudanças e, em seguida, analisa-se como a área se encontra hoje.

4.1 Metodologia e processo

Para a realização do trabalho proposto, foi necessária a realização de algumas etapas (esquema 1).

Esquema 1- Esquema de trabalho



Em primeiro momento, fez-se necessária a escolha da metodologia de análise urbana; para isso, recorreu-se a textos e livros, como Introdução ao desenho urbano, de Vicente Del Rio, no qual são descritos os diferentes tipos de análise.

A partir daí, seguiu-se a leitura de textos base sobre os temas relacionados a este trabalho. O capítulo 2 é fruto deste processo e descreve a urbanização brasileira, através de

Villaça, Santos e Maricato; enfoca na produção de periferias e centralidades geradas a partir disto, Campos Filho, Corrêa e Villaça; demonstra a importância dos agentes produtores do espaço, Corrêa, Carlos e Abramo; o último tópico explica a morfologia urbana, desde seu conceito até sua funcionalidade, Capel, Lamas e Del Rio. Também foi feita a revisão bibliográfica para encontrar o contexto urbano no qual a área se insere, para tanto, as fontes utilizadas foram livros, teses e dissertações, de autores como Loureiro, Ribeiro e Souza. Já para compor o histórico do bairro América, foi preciso, além de recorrer a livros, teses e dissertações, coletar dados, mapas e imagens. Os autores utilizados como fonte foram Rocha e Oliveira, além de diagnósticos cedidos pela PMA.

Os mapas, diagnósticos, dados, projetos e fotografias utilizados foram recolhidos principalmente nos diversos órgãos públicos. A autora buscou a SEPLOG/COGEDURB (PMA), a EMURB (PMA), o DER e também o Arquivo Público de Aracaju. No primeiro, conseguiu-se os mapas atuais, contendo as ruas e os lotes, as plantas de quadra com seus lotes, dados socioeconômicos e diagnósticos. A EMURB disponibilizou os projetos de loteamento aprovados. No DER houve a tentativa, sem sucesso, de recolher dados sobre a abertura da Av Dr. José da Silva Ribeiro Filho. No Arquivo Público foram cedidas trinta e três fotografias do bairro, sem datas, que pelas condições das casas, ruas e equipamentos, a autora locou na década de 1970.

A busca por informações que pudessem evidenciar essas transformações também ocorreu em sites de notícias (Infonet, Jornal da Cidade) e entre os moradores, tendo o historiador Emanuel Rocha cedido diversas fotos, principalmente da década de 1980. Houve a tentativa de recolher fotografias de moradores, mas não se obteve sucesso, talvez pelas condições da população, que não deveria ter fácil acesso a câmeras fotográficas.

Em seguida, a autora mapeou os dados e as imagens, localizando cada uma segundo as informações disponíveis: as vezes nome das ruas, as vezes apenas pela localização de pontos marcantes ao fundo (penitenciária, igreja, caixa d'água e etc.). A partir disto, foi possível começar a analisar os diferentes espaços e localizar estas diferenças em mapas. Além disso, criou-se a possibilidade da realização de fotos comparativas, evidenciando as mudanças. A partir da locação em mapa das imagens encontradas, definiu-se o percurso inicial para observação e comparação (também através de novas fotografias). Esta etapa foi a base da análise da área nos dias atuais.

Na análise dos dados, também se encontrou a dificuldade de mapear os dados apresentados em texto. A história do bairro está documentada em pelo menos 3 livros, mas os três partem do foco da história, e, por isso mesmo, utilizam muito mais palavras, do que imagens, como é comum no urbanismo. Assim, ruas e lugares que mudaram de nomenclatura,

precisaram ser situados no espaço atual, com base em descrição dos mesmos e seus entornos, como é o caso dos nomes antigos: Alto do Miolo, da Boneca e da Pindoíba.

Os projetos de loteamento recolhidos na EMURB eram imagens que foram digitalizadas, nem sempre sendo possível ver o desenho; a autora refez os mesmos, para melhorar a visualização. Os dados da SEPLOG foram inseridos nos textos e mapas apresentados: o mapa que continha curvas de nível foi redesenhado e colorido para facilitar a percepção da altimetria. O mapa de lotes, e as plantas de quadras, foram fundamentais para a construção dos mapas de uso e ocupação do solo e o mapa de altura, além de ter derivado outras análises morfológicas. A partir dos mapas atuais foi possível observar a relação entre as ruas, lotes e quadras, ou seja, a morfologia. As fotos permitiram perceber a ocupação e caracterizar os demais elementos. Através das fotos, e de notícias e livros, foram caracterizadas as ruas, as casas, a infraestrutura, as praças e etc.

Para localizar os elementos, demonstrar característica e situar as informações, diversos mapas foram elaborados. Ao longo do trabalho se encontram mapas com diferentes informações, como o avanço da ocupação urbana, por exemplo. Com todos os dados em mãos, estes foram analisados e sintetizados em forma de mapas e imagens. Demarcou-se os avanços das ocupações, a posição dos loteamentos, e os espaços de uso comum, periodicamente, conforme estes foram surgindo no bairro. Através de percursos e análises de fotografias, foram elaborados os mapas de altura e de uso e ocupação do solo, que explicam muito do que é o espaço hoje.

4.2 1855-1925: A pré-existência

Nestes primeiros setenta anos desde a fundação do município, não podemos falar de ocupação urbana no bairro América, que ainda fazia parte do Capucho, existiam ali apenas sítios e propriedades de características rurais. A localização era periferia da parte urbanizada de Aracaju.

- **Solo**

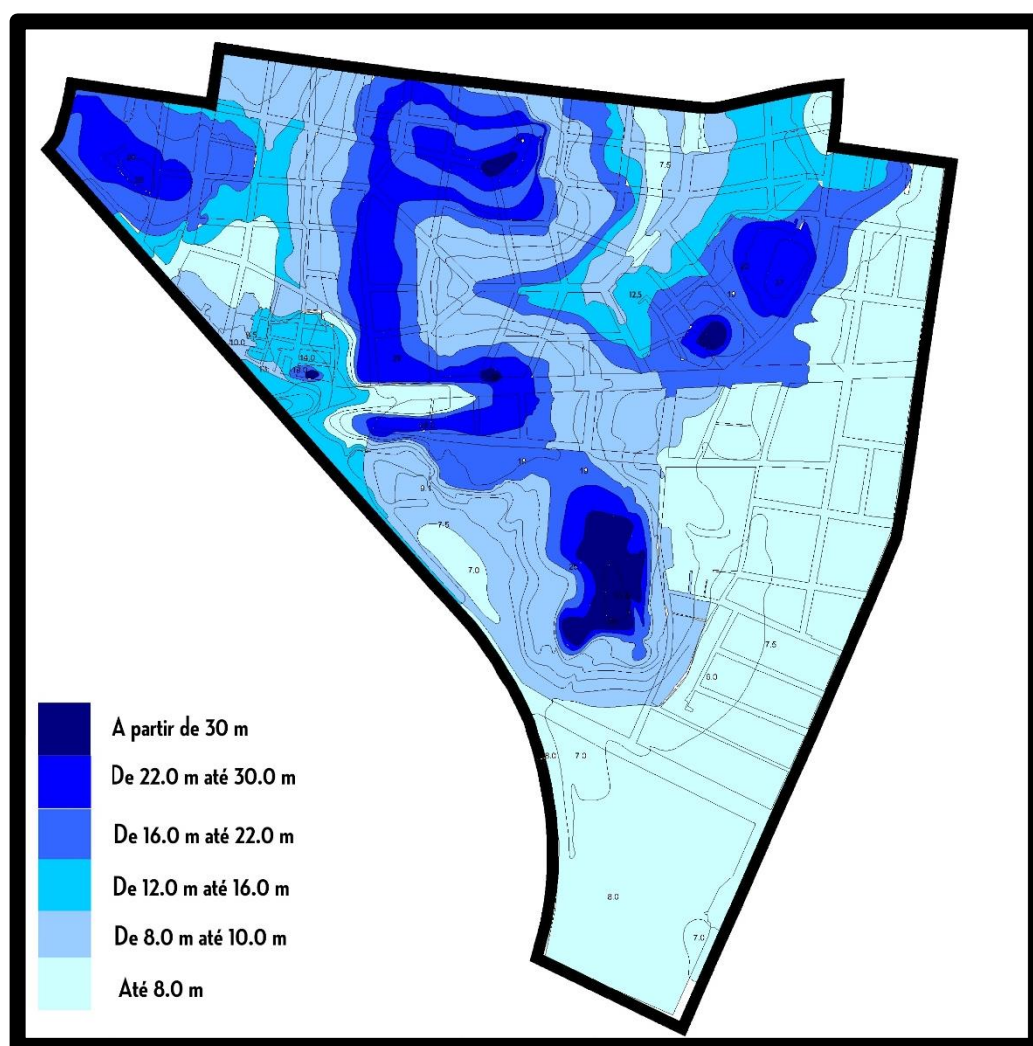
Conforme visto no histórico do bairro, a área era de sítios com lagoas, brejos e matagais. A área próxima à Penitenciária era conhecida como 'tamanco sem salto' por conta dos atoleiros que se formavam em dias chuvosos que acabavam resultando em perdas de sapatos pelos moradores (OLIVEIRA; BITTENCOURT JUNIOR, 1996), na figura 15 se vê a cobertura do terreno praticamente natural.

Em realidade, o bairro é o tempo todo por diferentes níveis topográficos (figura 21), o que faz com que a todo momento se encontrem aclives e declives. Em cinco pontos

distintos a cota atinge os trinta metros de altura, enquanto os limites mais baixos ficam próximos dos oito metros (figura 21).

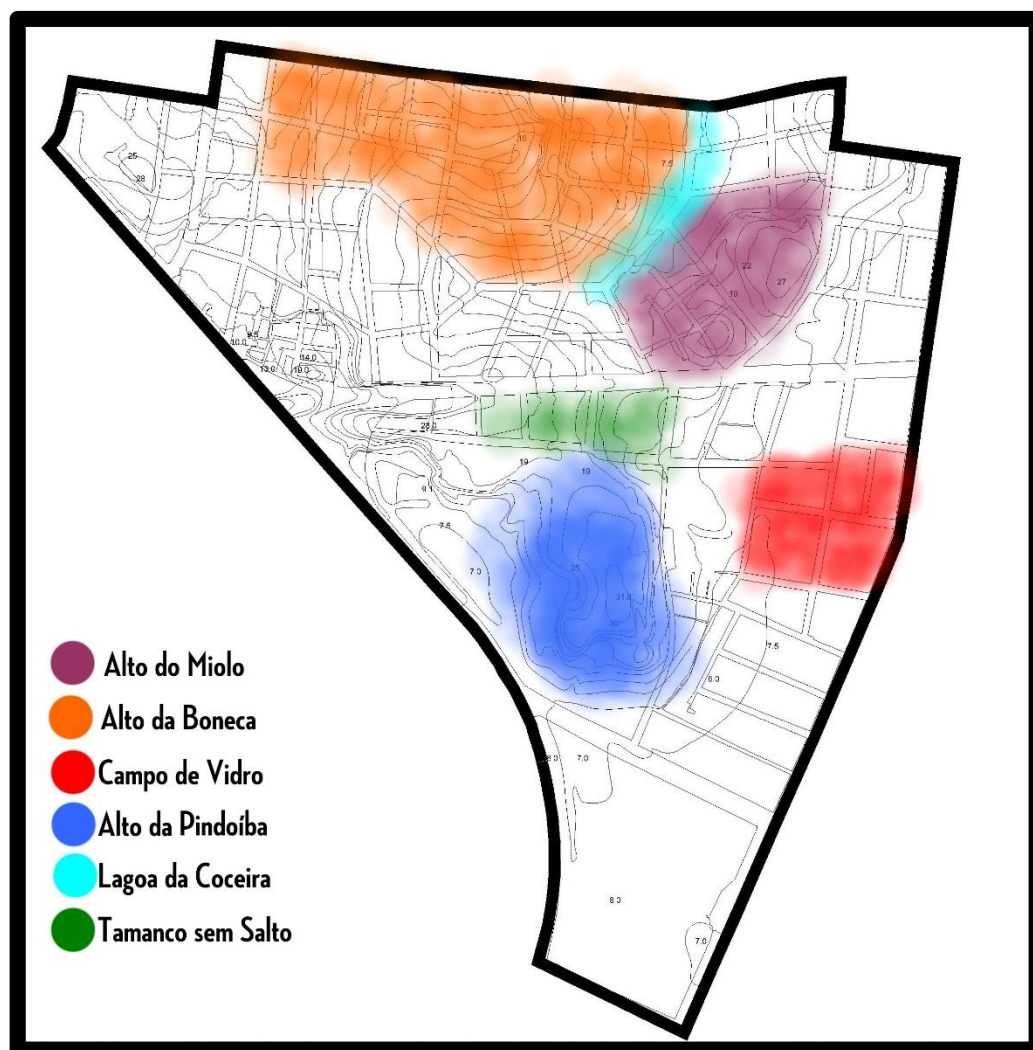
A topografia foi, desde o primeiro momento, elemento definidor da morfologia do bairro. Ao longo da ocupação, perceberemos como ela afetou diretamente na construção e formas de alguns edifícios, como ela influenciou na determinação das funções de alguns espaços, e até como ela chega a ser barreira em alguns pontos. Antes mesmo da ocupação, os espaços já eram conhecidos por nomes populares, que em geral, partem da diferença de nível. É o caso dos altos da Pindoíba, da Boneca e do Miolo (figura 22).

Figura 21- Curvas de nível.



Fonte: Curvas de nível: PMA (GEPLAN 1981). Adaptado pela Autora, 2017.

Figura 22- Pré-existência: Nomes populares.



Fonte: Base da PMA. Localizações: OLIVEIRA, BITTENCOURT, 1996. Elaborado pela Autora, 2017.

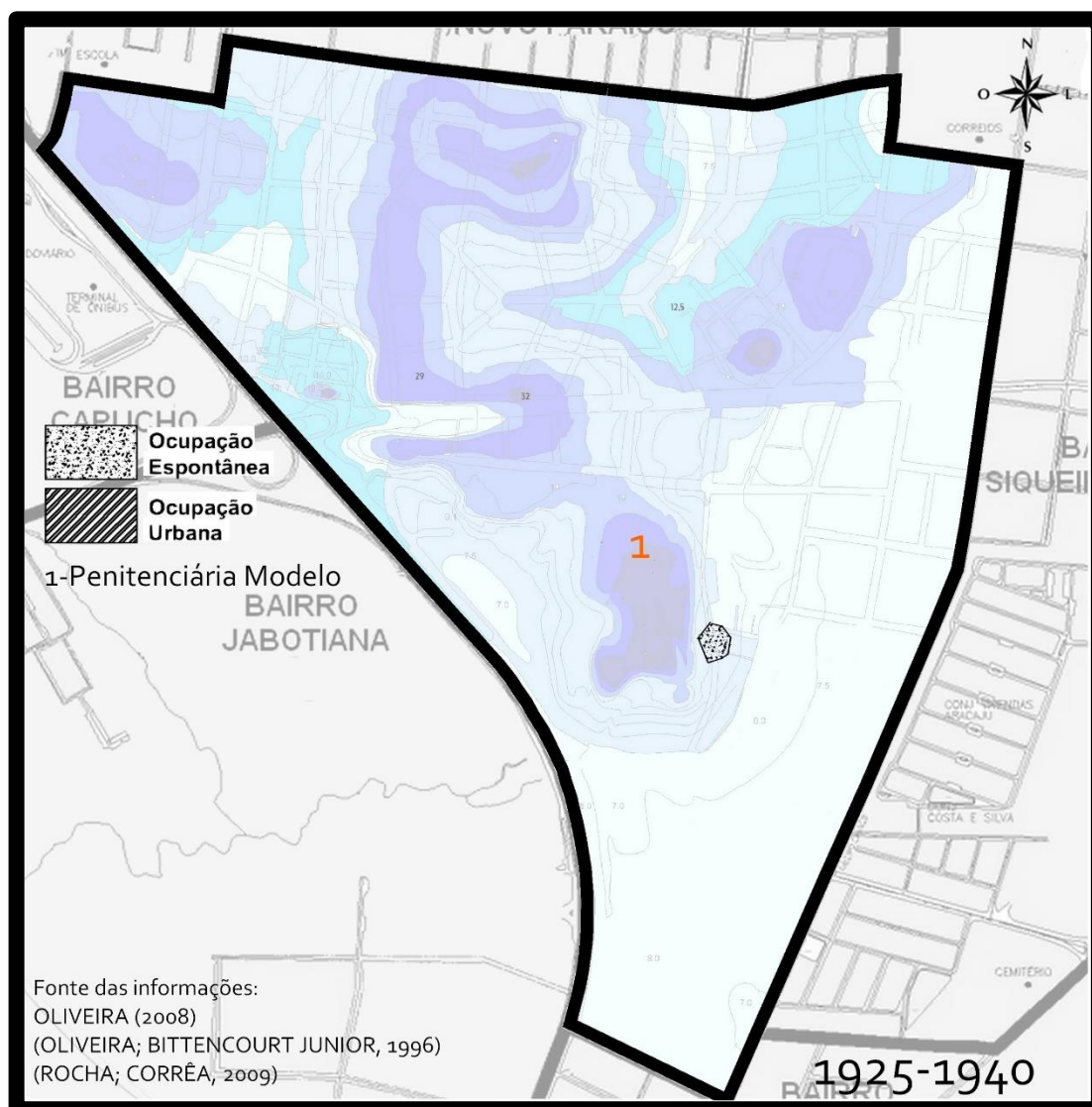
4.3 De 1925 até 1940: A penitenciária e as ocupações espontâneas.

Em 1926 é decretada a abertura da Penitenciária modelo no alto da Pindoíba (figura 18). Além de ser a primeira construção a diferir dos sítios existentes, é também, como explicado no capítulo anterior, a primeira razão para o deslocamento de pessoas para o local.

Caracteriza-se assim, o início da ocupação urbana: espontânea e em terras pertencentes ao poder público ou privado. As informações encontradas são muito mais de fontes faladas, e a partir disso, documentadas em livros. Deste modo, dificulta-se saber com exatidão, qual o tamanho desta ocupação e sua localização exata, portanto, sua marcação no mapa é especulação e representativa. Através de fotos posteriores, décadas de 60 e 70, nota-se que esta é a área ocupada (figura 23), nos entornos da edificação, em proximidade com o Siqueira Campos.

Neste ponto, não existem vias internas, nem demarcações de quadras. As descrições levam a visão de que continua sendo uma área de sítios, porém, com o aparecimento de pequenas residências.

Figura 23- Expansão Urbana: 1925-1940



Fonte: Base Cartográfica e Curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

- A penitenciária enquanto monumento:

Esta edificação (a figura 15 mostra a mesma em 1931, enquanto a figura 24 é de 2017) foi a primeira caracterização do bairro, gerando um forte estigma, e a associação direta entre aquela área e a violência. Sendo assim, e devido as frequentes fugas de presidiários, a população local manifestou-se junto ao poder público pela transferência da cadeia, sendo atendida em 2007, com o fechamento desta. Atualmente, desde 2012, funciona no prédio a EGESP (Escola de Gestão Penitenciária).

A arquitetura do edifício é marcante, lembrando um castelo medieval. Além disso, é novamente a topografia que ajuda a edificação a se destacar, podendo ser vista na Rua Acre e na Av. Dr. José da Silva Ribeiro Filho. Este prédio faz parte da história do bairro, sendo memória preservada de suas origens.

Figura 24- EGESP



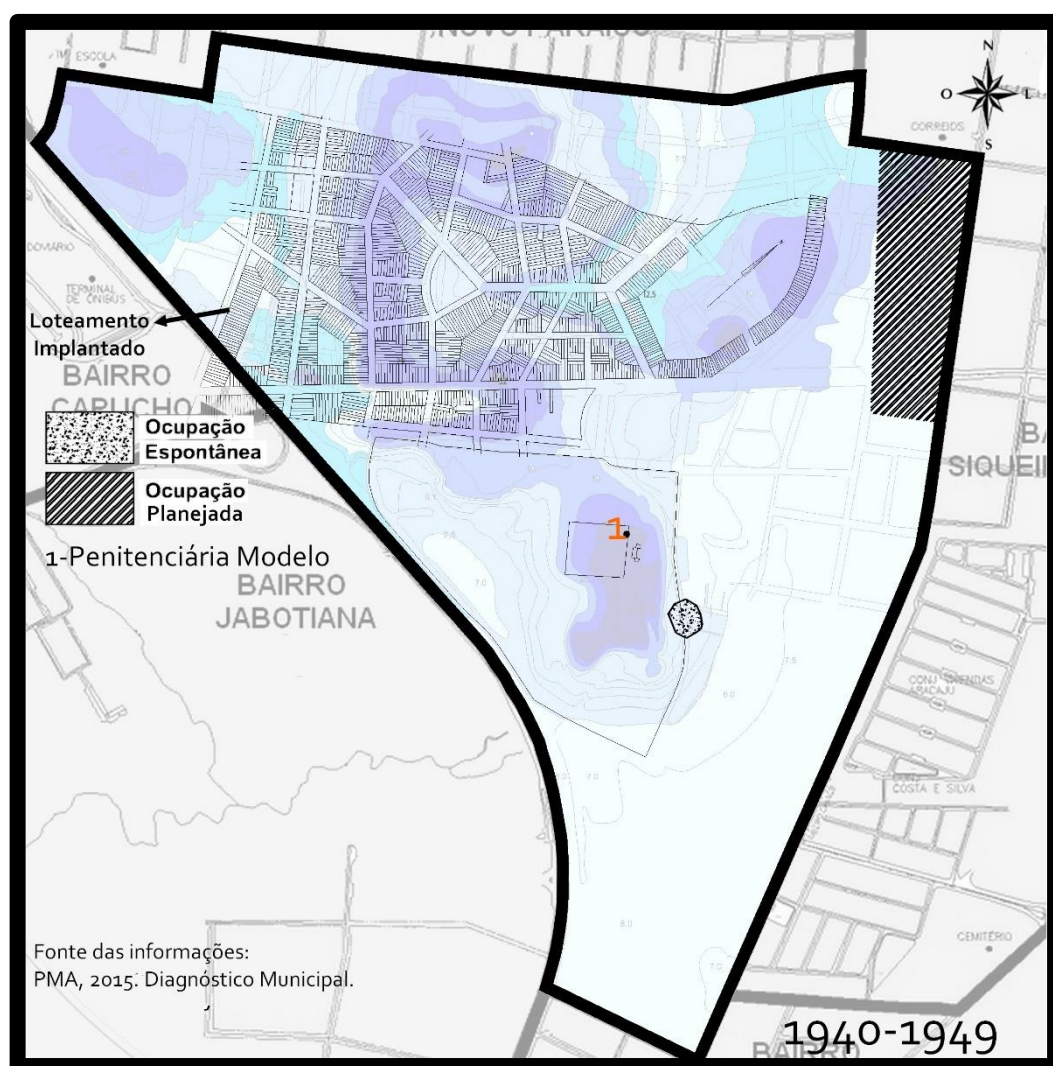
Fonte: Própria Autora, 2017.

4.4 Década de 1940: Início do planejamento do espaço.

É somente na quarta década do século XX que este espaço começa a ser pensado, não de maneira integral, mas há um primeiro desenho intencional de espaços. Em 1944 é aprovado junto a prefeitura, incluindo, nos anos seguintes, doação de terras para abertura de ruas. Observando o desenho colocado, percebe-se a intenção de lotes de dimensões frontais pequenas, que em geral são associados ao uso residencial.

Neste ponto, a mancha urbana foi avançada de acordo com o levantado pela Trama (1995, apud Carvalho, 2013). A aprovação do loteamento citado ocorre quase na metade do período ressaltado, enquanto a abertura de ruas é solicitada no final do mesmo, sendo assim, é provável que a ocupação não tenha avançado sobre ele neste primeiro momento, não foi encontrada nenhuma evidência que mostrasse o contrário (figura 25).

Figura 25- Ocupação até 1950.



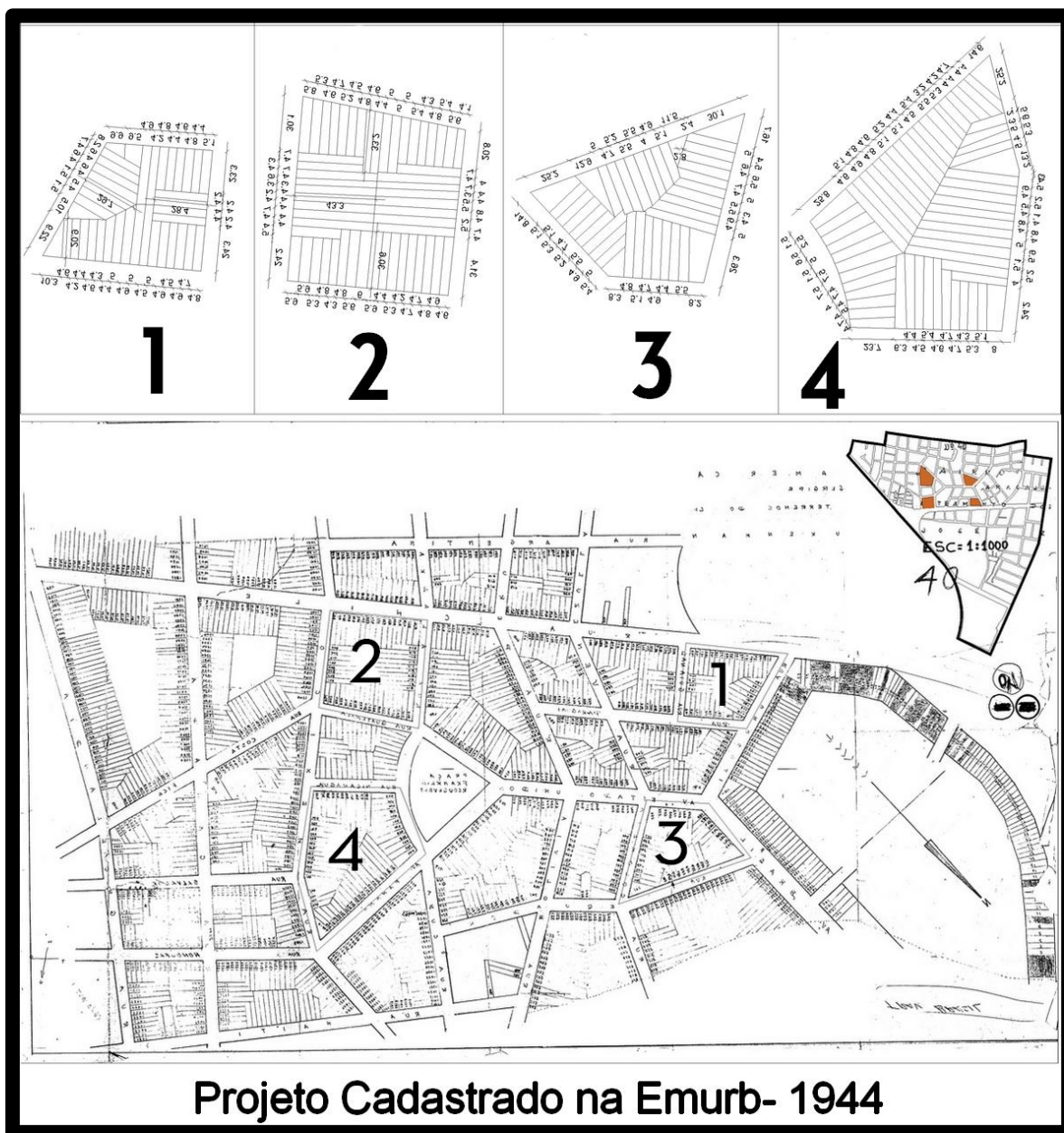
Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

No projeto aprovado (figura 26), vemos que estava previsto que as frentes dos lotes variassem sempre entre quatro e seis metros e comprimentos entre vinte e cinco e quarenta metros, embora os lotes não fossem iguais, pareciam seguir um padrão de formato.

É importante reparar ainda no traçado das ruas, e consequentemente, nas quadras. Ao contrário do que é comum no espaço planejado (principalmente quando se fala em Aracaju e seu desenho ortogonal), o loteamento das terras de José Zuckerman, formalizado pelo mesmo junto a prefeitura, não apresenta ruas perpendiculares e os formatos das quadras variam, umas das outras. Embora a primeira expectativa seja relacionada a topografia, e ainda que em alguns pontos os fins dos lotes pareçam coincidir com as curvas de níveis, esta relação não se repete frequentemente. Na Avenida Brasil, acima da quadra 3 da figura 26, há a possibilidade de o desenho tenha surgido de forma a respeitar a 'lagoa da coceira'.

Destaca-se ainda o formato da única praça prevista, construída somente na década de 1970, a Franklin Roosevelt, com formato triangular, que se encontra no centro do projeto (figura 26) e parece ser geradora das linhas das quadras que a cercam.

Figura 26- Loteamento 1944



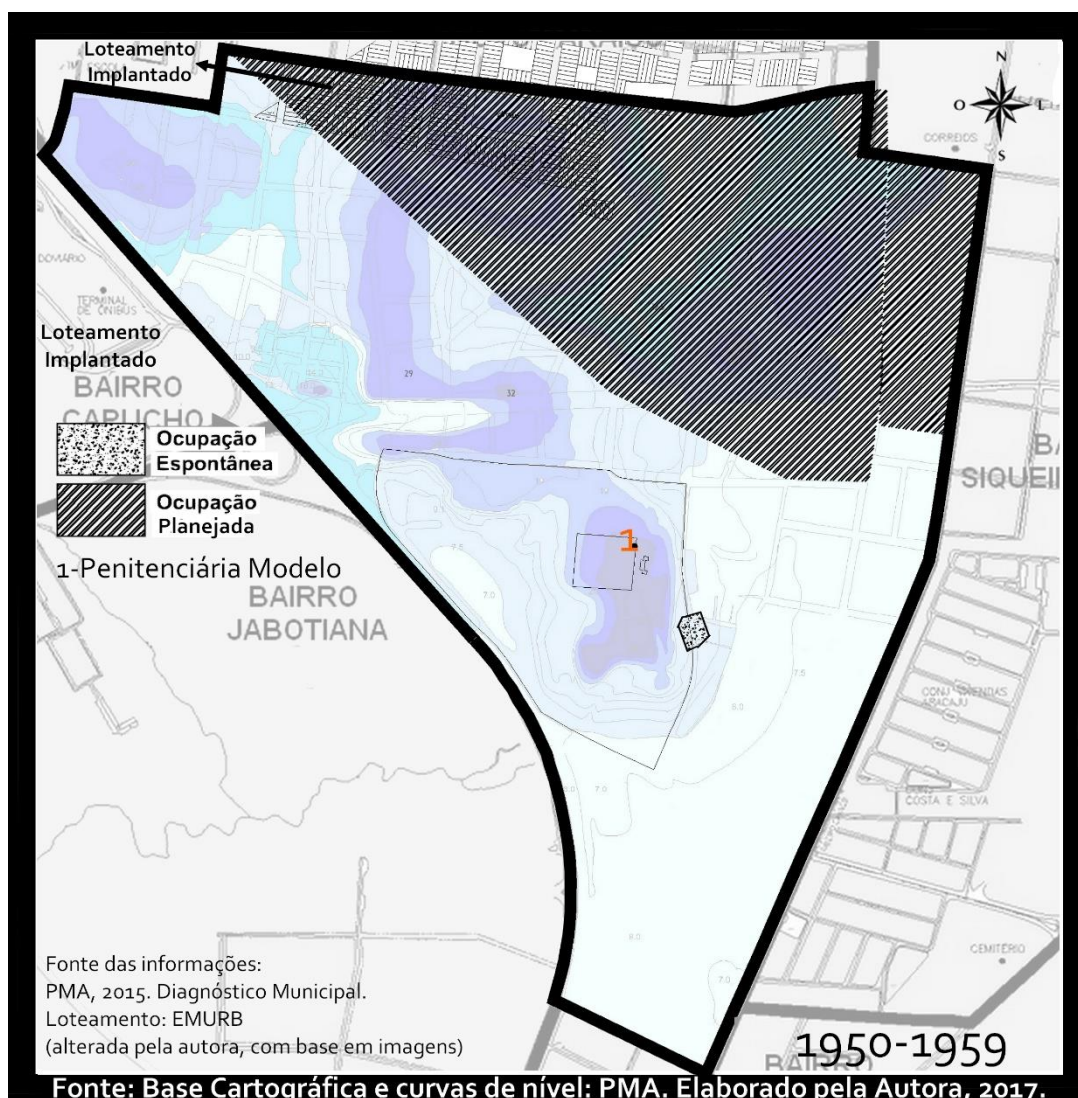
Fonte: Planta do Loteamento: Emurb. Adaptado pela Autora, 2017.

4.5 Década de 1950: A migração intensifica a ocupação.

A ocupação avança, como resultado do aumento da migração campo-cidade em todo o estado (figura 27), sendo esta área sem infraestrutura, oferecia terra barata, e por isso mesmo é ocupada pelas pessoas que não tem outra opção.

Expande-se o desenho do espaço com outra aprovação de loteamento em 1956 (figura 28), sendo este localizado no limite norte, com a maior parte estando no que hoje é o bairro Novo Paraíso. Diferente do anterior, estas terras foram entregues a uma Sociedade Loteadora, e podemos perceber regularidade no traçado. Além disto, este loteamento mostra a continuidade entre os bairros, já que ultrapassa os limites entre um e outro, que ainda não tinham sido definidos neste período.

Figura 27- Ocupação até 1960



As ruas projetadas se encontram em padrões ortogonais, e por isso mesmo as quadras seguem o formato retangular, sendo os lotes divididos de maneira mais igualitária dentro das quadras. Há aqui um novo desenho de praça, mais comum, projetado nos limites do bairro (inexistentes naquela época). Em algumas das quadras, embora estejam fora da área estudada, existiu a intenção de vazios no centro de algumas das quadras, sendo pensadas para vilas ou parque infantil.

[illegible]

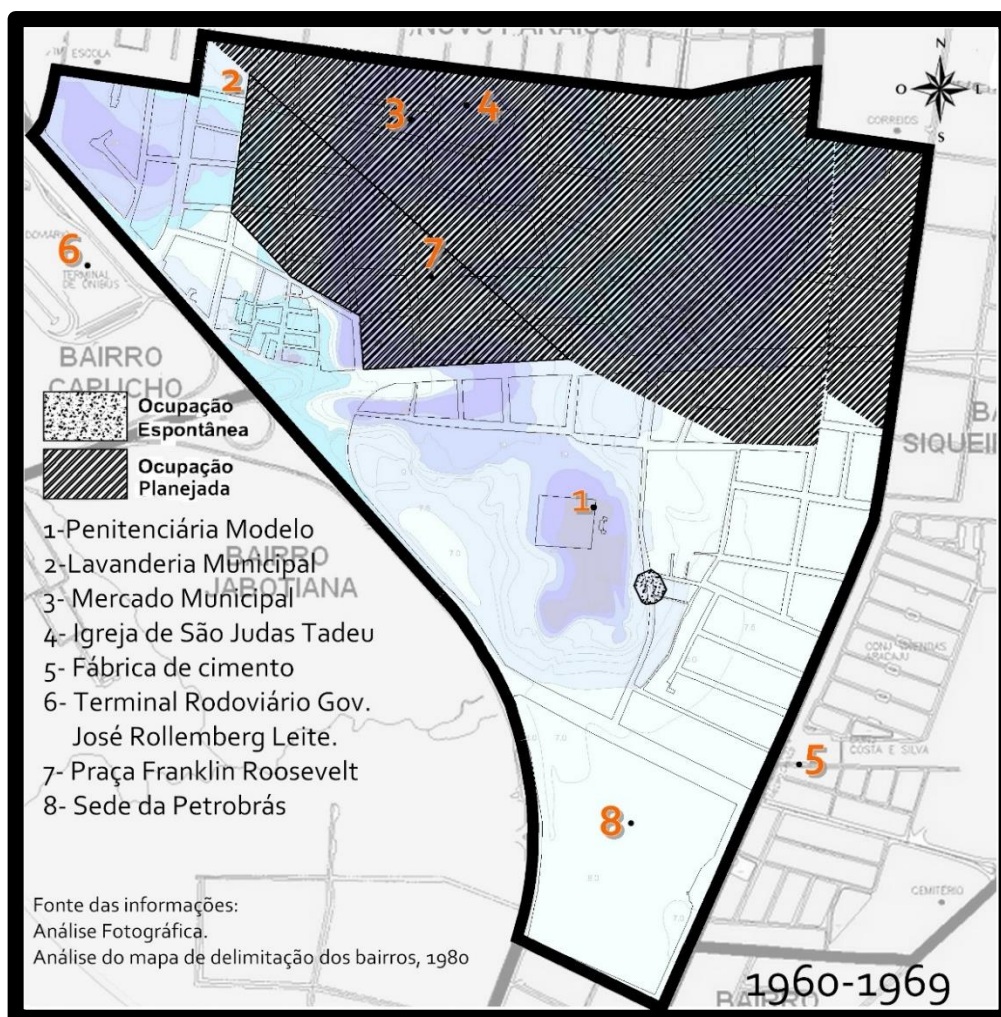
59

4.6 Década de 1960: Serviços e Infraestrutura.

A década de 1960 é marcada pela chegada do mínimo de infraestrutura, além de equipamentos e agentes impulsionadores, ocorreu ainda a aprovação do último loteamento. Considera-se ocupada toda a região do bairro em sua porção norte e leste, ou seja, nas suas proximidades com o Siqueira Campos e Novo Paraíso (figura 29).

Por parte do poder público são implantadas uma Lavanderia Municipal, que acaba com a necessidade da Lagoa da Coceira como fonte de água, e um Mercado Municipal, que cria uma dinâmica de produtos intra-bairro.

Figura 29- Ocupação Urbana até 1970

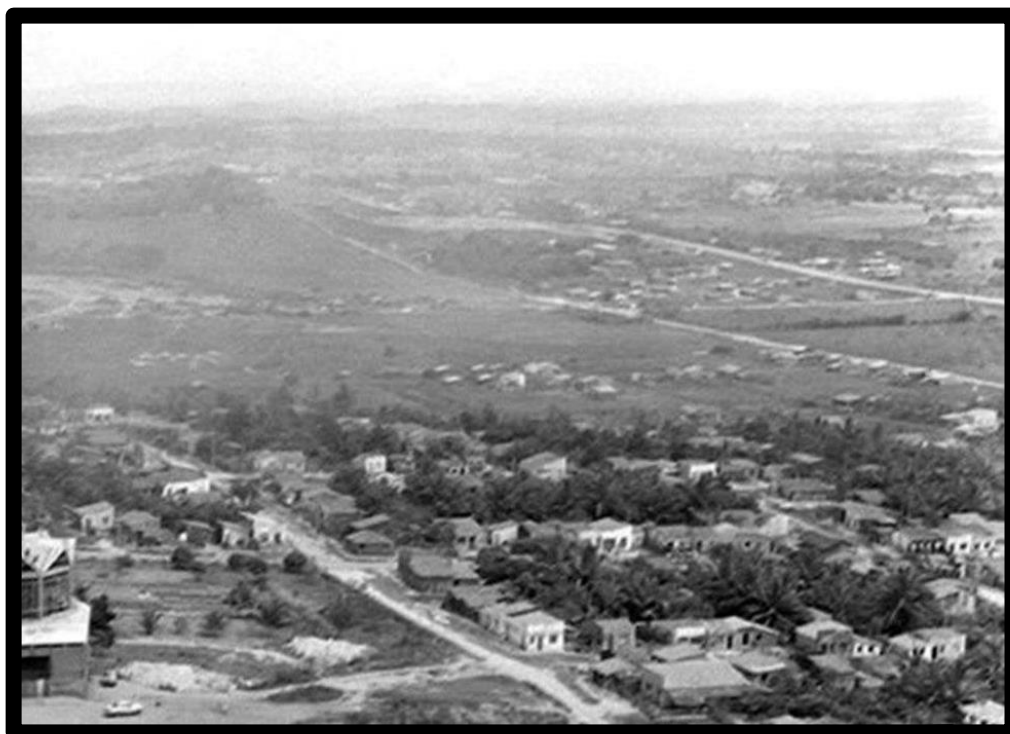


Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Também se instalam a Fábrica de Cimento, no Siqueira Campos, que funciona como atrativo de mão de obra, e a Igreja de São Judas Tadeu, no Alto da Boneca.

Nesta época, a ocupação é caracterizada por residências térreas e de pequenas dimensões, sendo o restante do lote ocupado por quintais com bastante vegetação (figura 30). Ainda na imagem abaixo, é possível perceber a simplicidade das fachadas, servindo apenas a sua função de acesso, sendo compostas por portas e janelas simples. Além disso, nos traz a percepção do vazio que era os arredores, no sentido norte.

Figura 30- América e Adjacências 1969¹¹



Fonte: Acervo de Júnior Gomes

O último loteamento é formado por apenas onze quadras e menos de trezentos lotes, e é prolongamento do primeiro, em 1944. As ruas seguem o mesmo padrão de não ortogonalidade (figura 31), mas há um maior esforço em manter o padrão no tamanho dos lotes, com suas testadas variando entre seis e sete, e o comprimento seguindo conforme o tamanho da quadra, entre trinta e quarenta e cinco metros.

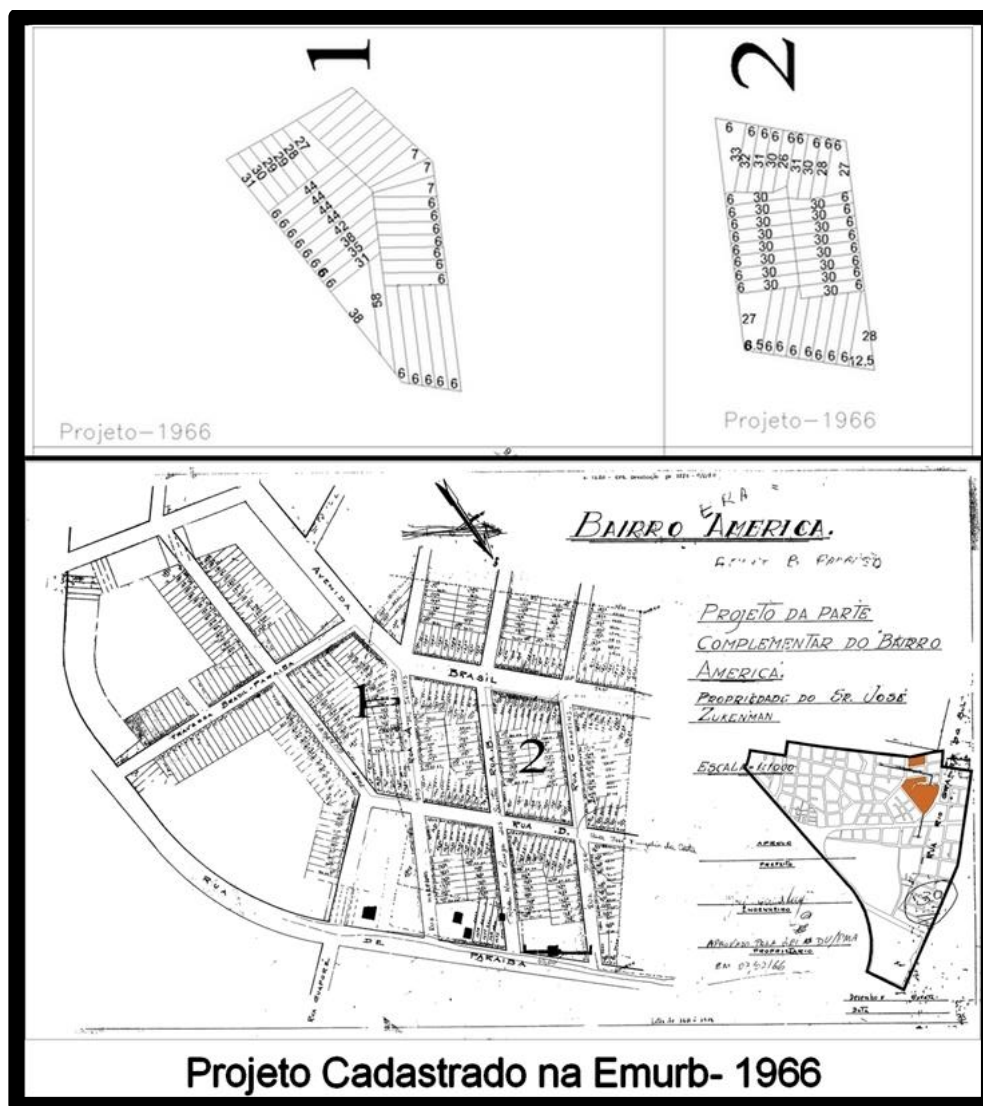
Quando qualquer morador desejava ir ao centro da cidade, tinha que se deslocar até o Siqueira Campos (ex-Aribé) e daí ao centro através das marinetes ou autolotação. Esse deslocamento era necessário pois o bairro não oferecia condições de tráfego, suas ruas mais pareciam estreitos caminhos cercados de mato (OLIVEIRA; BITTENCOURT JUNIOR, 1996).

¹¹ Disponível no grupo "Minha terra é Sergipe" : <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=404161299648703&set=gm.493844970644171&type=3&theater>
Acessado em outubro de 2016.

É nesse momento que as ruas deixam de ser “trilhas” e passam a ter o desenho mais próximo do que é hoje (figuras 32 e 33), sendo sua cobertura de pissara. A abertura ocorreu no início da década, no mandato do Prefeito José Conrado de Araújo (proprietário do sítio Quendera, com terras no Capucho, São Cristóvão e possivelmente dentro do limite do Bairro América).

Na década de 1960, a prefeitura expandiu o plano urbanístico do bairro América para Baixada do Norte, delimitando Ruas já com nomes que não eram mais de países americanos, ao tempo que terrenos começaram a ser loteados. O novo bairro começou a se formar como prolongamento do B.A., o Novo Paraíso, numa alusão é o nome de uma das antigas propriedades daquela área. A Rua Guilherme José Martins divide as duas denominações de uma mesma comunidade do passado. (ROCHA; CORRÊA, 2009, p 22)

Figura 31- Loteamento 1966



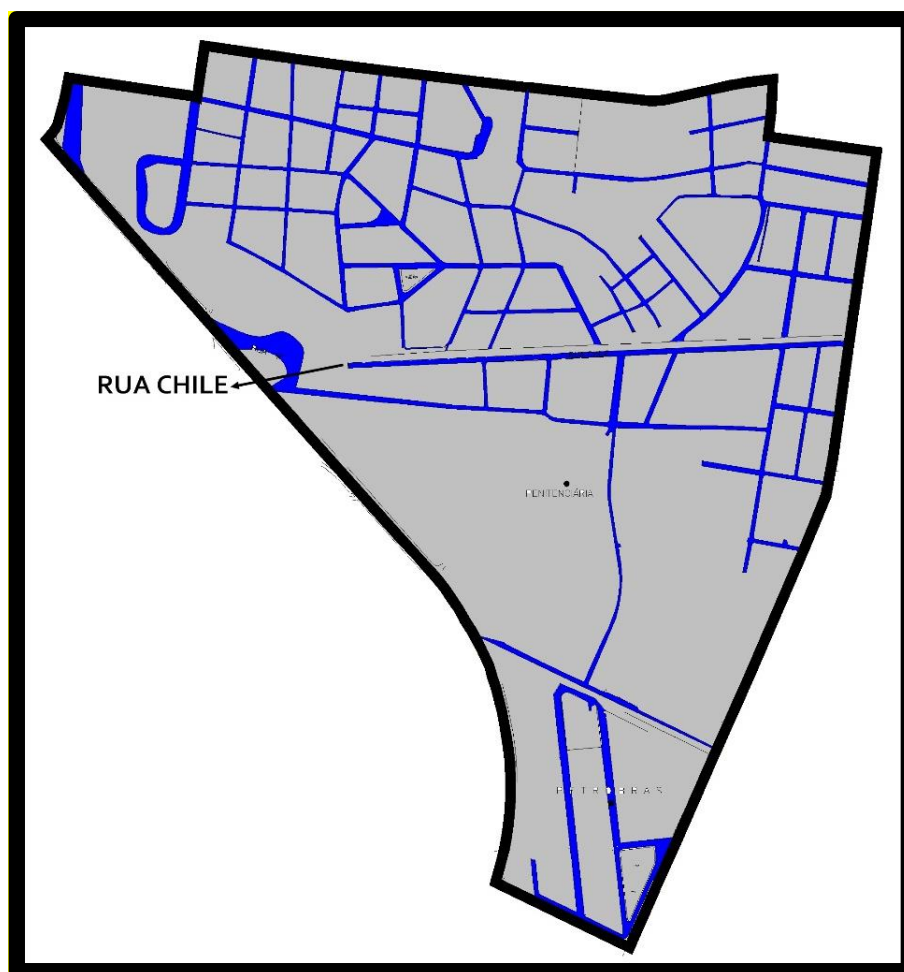
Fonte: Planta do Loteamento: Emurb. Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 32- Rua Haiti



Fonte: Arquivo Público de Aracaju

Figura 33- Traçado das ruas 1979



Fonte: Base e desenho das ruas: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Neste período foram citados dois pontos estruturantes do bairro, o Complexo de São Judas Tadeu e o Mercado Municipal, sendo o primeiro monumento a nível de cidade, enquanto o segundo o é a nível local apenas.

A igreja faz parte na verdade, de um complexo (figura 34) que ocupa todo o quarteirão; o local, mais conhecido como Capuchinhos, é composto ainda por uma escola municipal (inicialmente era administradas pelos freis, com apoio do município), o convento, salão de festas e um subsolo onde se encontra a polícia comunitária do bairro. Além disso, a ocupação se torna ainda mais marcante devido ao amplo largo que se forma em frente, que permite uma vista panorâmica (figura 35) da cidade de Aracaju, e a praça Tancredo Neves.

Figura 34- Complexo São Judas Tadeu: imagem recente



Fonte: Blog Sergipe em Fotos (Acessado em outubro de 2016). Adaptado pela Autora, 2017.

O prédio se destaca tanto pela sua arquitetura (figura 35) quanto pela religião e sentimento envolvido na comunidade e na cidade. A planta da Igreja é poligonal, sendo ressaltada pelo desnível do terreno, que exige o acesso por escada ou rampa; o diferencial é mesmo a cúpula hexagonal que nasce da nave central e é coroada por um telhado de várias águas, que marcam o desenho das janelas. Internamente, a cúpula aumenta a sensação de amplitude.

Além da fé, que obviamente liga os fiéis a Igreja, há ainda o sentimento de comunidade e pertencimento, gerados pelas diversas campanhas para construção da mesma, tendo início em 1961 e a conclusão no final da década (sem data definida). Toda a obra, e compra de lotes, ocorreram através de doações da população da cidade, os freis percorriam Aracaju em busca de esmolas, e de políticos (Pecorari,2014)¹².

A vista a partir do largo (figura 35) tem alcance a Aracaju desde a escultura da santa padroeira da cidade, no Parque Gov. José Rolemberg Leite, até os edifícios altos, na zona sul. A posição da Igreja no alto do morro permite que ela seja visualizada de vários pontos, dando um senso de localização, que agrupa a imagem mental, da população, da igreja e do bairro como uma só.

Figura 35- Vista do Largo em frente ao complexo, 2016.



Fonte: Própria Autora, 2017.

Figura 36- Igreja de São Judas Tadeu: 2016.



Fonte: Própria Autora, 2016.

¹² PECORARI, Frei Florêncio. **Frei Miguel: O santo de aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2014. 118 p.

O Mercado municipal (figura 39) é o centro comercial do bairro, ocupando toda uma quadra com lojas voltadas tanto para o seu exterior quanto para o interior (inicialmente as aberturas eram somente internas, ver figura 37, mas por questões de acesso e visibilidade, abriu-se também para fora, ver figura 38). A posição deste equipamento influencia no uso do solo da vizinhança, como veremos na análise atual do bairro.

Figura 37- Mercado Municipal 1962



Fonte: Acervo de Emanuel Rocha.

Figura 38- Mercado Municipal entre 1970-1980



Fonte: Arquivo Público de Aracaju

Figura 39- Mercado Municipal



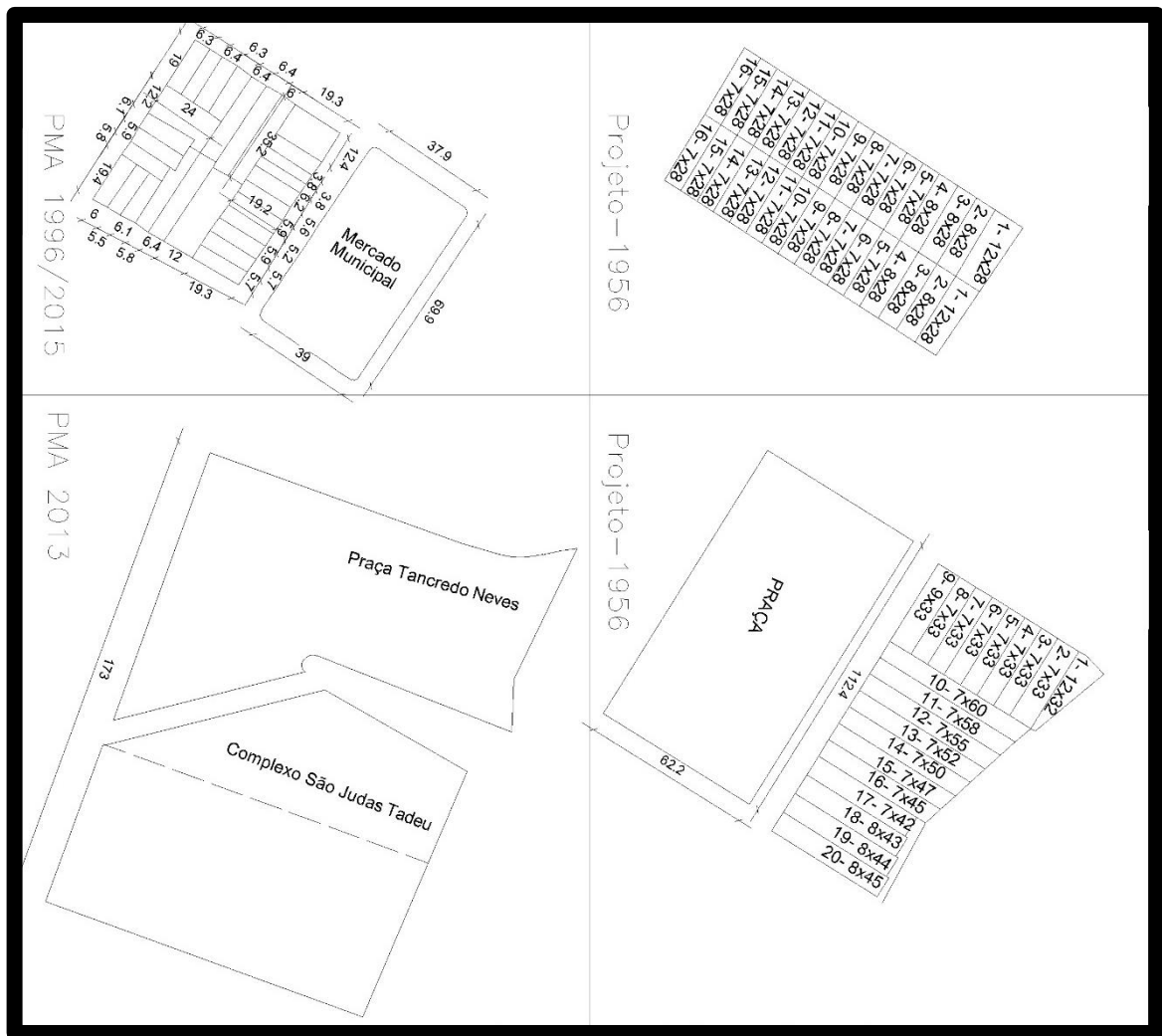
Fonte: Própria Autora, 2017.

A implantação desses dois equipamentos causa uma mudança no desenho de um dos loteamentos projetados (1956, figura 40).

Na figura 40 observa-se que a quadra onde hoje está localizado o mercado foi projetada como uma quadra retangular (aproximadamente cento e treze por cinquenta e dois metros), mas foi dividida em duas, com uma rua de sete metros e meio entre elas. O quarteirão restante, volta seus lotes para a nova rua, ao invés de todos direcionarem para as ruas Cuba e México, como previsto.

O complexo foi implantado de maneira a cortar duas quadras do projeto, sendo uma delas de padrão residencial e a outra para uma praça. Não há hoje, nenhuma residência no espaço em questão, e embora haja uma praça, construída na segunda metade da década de 1980, não é na mesma conformação e nem ocorre a partir do desenho.

Figura 40- Adaptação das quadras.



Fonte: 1956: Emurb. Atuais: PMA/SEPLOG. Elaborado pela Autora, 2017.

4.7 Década de 1970: A ocupação é atraída aos equipamentos.

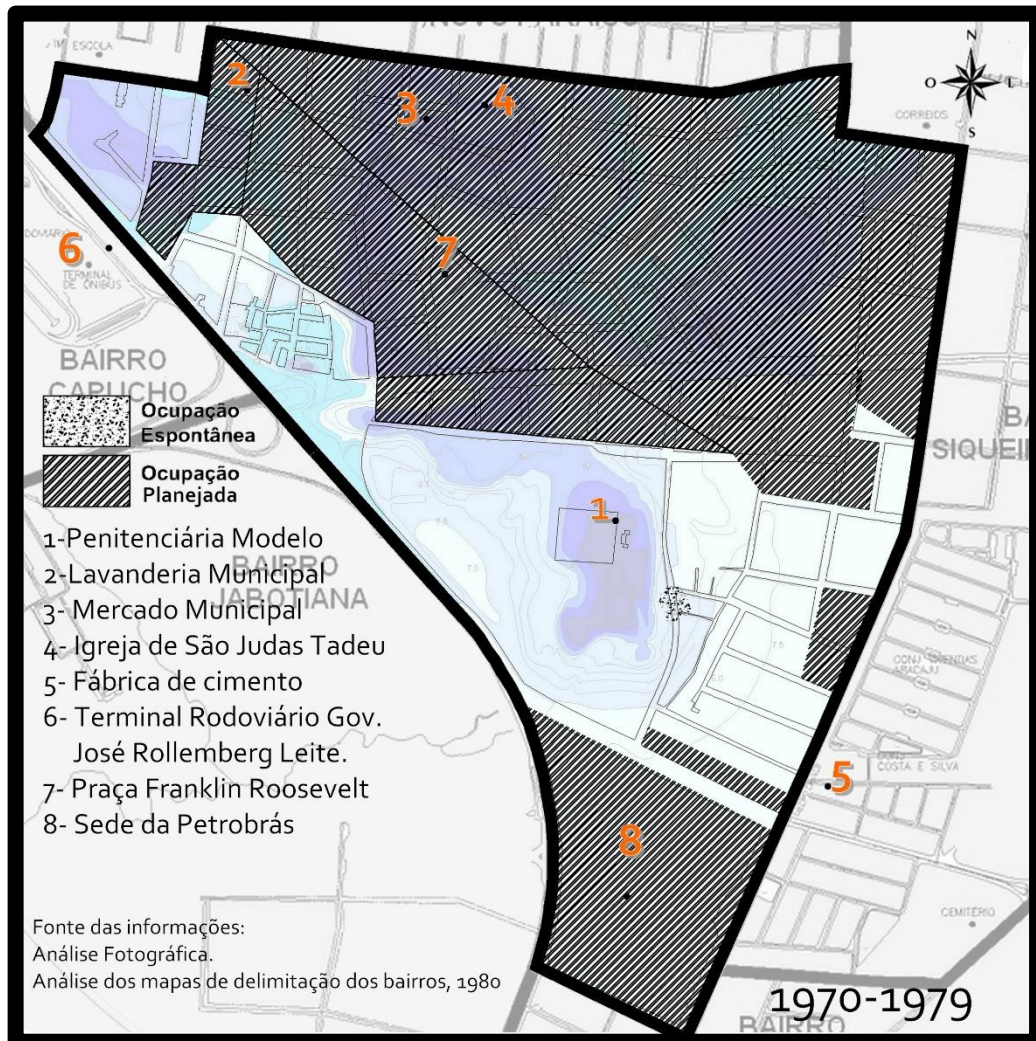
A ocupação do bairro está quase completa, e os espaços vazios anteriores, são preenchidos pela influência dos novos equipamentos (figura 41).

Neste espaço temporal marcam a chegada da sede da Petrobrás, a implantação do Terminal Rodoviário Gov. José Rollemberg Leite e a construção da primeira praça, enquanto praça e não apenas vazio, a Franklin Roosevelt. A ocupação avança para o outro lado da Av. Dr. José da Silva Ribeiro Filho, e para oeste encontra a Av. Camilo Calazans (figura 36).

No que se refere a pavimentação das ruas, a primeira rua a ser coberta com paralelepípedo é a Haiti (figura 37), o que ocorre devido as ligações que a mesma faz, assim como a rua Cuba e Rio Grande do Sul (Novo Paraíso), que mudam em seguida.

Com o funcionamento do Complexo Escolar Arício Forte, durante os anos setenta, o bairro recebeu a sua primeira rua calçada em paralelepípedo – a rua Haiti, principal via de acesso aos alunos ao referido Complexo Escolar. Daí em diante, outras se sucederam – rua Cuba e Rio Grande do Sul, caminho obrigatório para quem desejava ir à Igreja São Judas Tadeu. (OLIVEIRA; BITTENCOURT JUNIOR, 1996. P. 32)

Figura 41- Ocupação até 1980



Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Na figura 37, a rua Cuba mostra ainda a continuação do tipo de casa anterior: térreas, pequenas e simples, com cerca de madeira. A foto da rua Haiti, embora sem data, como a anterior, deve se situar na década de 80.

Figura 42- Ruas Haiti e Cuba -Paralelepípedo



Fonte: Arquivo Público. Elaborado pela Autora, 2017.

A praça Franklin Roosevelt é a única que consta em projeto, sendo construída no espaço destinado a ela, na figura 38 vemos as construções ao redor e a área delimitada para ela, vazio. Possui formato triangular e passou por reforma na década passada, quando ganhou novos mobiliários, incluindo até rampa de skate; conta ainda com árvores, banca de revista, bancos e parque infantil (figura 39). Atualmente a praça é bastante arborizada e é utilizada pela população, tanto pelas crianças, quanto pelas pessoas mais velhas (figura 40).

As análises apresentadas no mapa de ocupação dessa década foram feitas com base na figura 18 e no mapa da figura 46.

Figura 43- Espaço da Praça F. Roosevelt



Fonte: Arquivo Público de Aracaju

Figura 44- Praça F. Roosevelt- Pós reforma



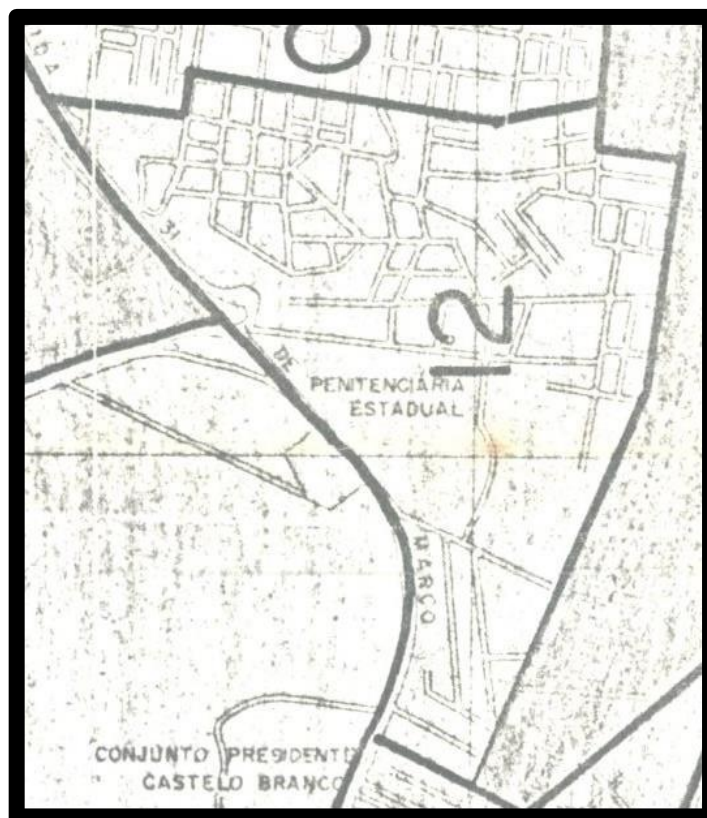
Fonte: Site do Instituto Marcelo Déda, 2003.

Figura 45- Praça F. Roosevelt, atualmente.



Fonte: Própria Autora, 2017.

Figura 46- Mapa oficial 1980



Fonte: Mapa de delimitação dos bairros: PMA, 1980.

4.8 Década de 1980: Ocupação Total.

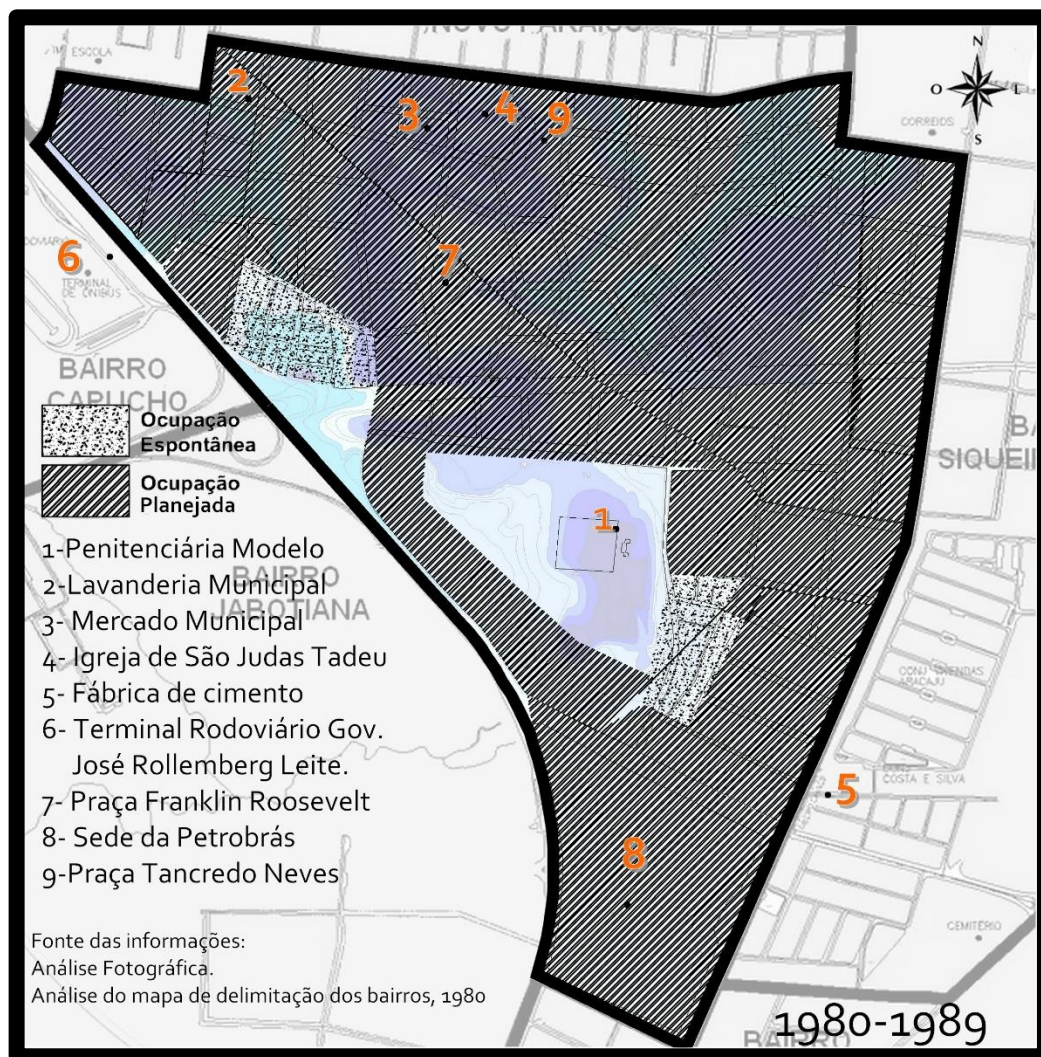
Segundo diagnóstico realizado pela prefeitura o bairro já estava todo ocupado em 1990 (figura 47). Desta maneira, este período é separado apenas para enfatizar este fato e apresentar a última praça. O mapa mostra o crescimento da ocupação espontânea existente e o começo de uma nova, do outro lado do bairro, próximo ao encontro entre as Avenidas Trinta e um de março e Dr. José da Silva Ribeiro Filho. As áreas vazias se referem ao morro da penitenciária e ao viaduto.

A praça Tancredo Neves é fruto de uma necessidade surgida por conta de um 'barreiro' (figura 49) que se formou em frente à Igreja de São Judas Tadeu, devido a retirada de areia para construção de casas e também da Avenida Osvaldo Aranha. Assim,

A retirada contínua e frenética de aterro, comprometia as estruturas da Igreja de São Judas Tadeu. Era necessário parar com a retirada. Mas o que fazer? A solução encontrada foi promover a urbanização. Construiu-se um pequeno campo para a prática de futebol, instalou-se uma concha acústica com arquibancadas, bem como um sistema de iluminação. (OLIVEIRA; BITTENCOURT JUNIOR, 1996. P. 19)

Desta maneira, foi projetada (figura 50) e construída a praça necessária para frear a retirada de areia. O espaço da praça que conta com a concha acústica foi gradeado e é utilizado para eventos, em sua maioria ligados a Paróquia.

Figura 47- Ocupação até 1990



Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

A praça é carente de mobiliário urbano (figura 50), sendo equipada apenas com os itens previstos no projeto: uma concha acústica, a arquibancada em frente a mesma, um espaço de futebol em areia, um conjunto de banheiros (que também serve de escorregador) e um banco em forma de flor.

Figura 48- Barreiro na rua Colômbia



Fonte: À esquerda: Acervo Público de Aracaju. À direita: Acervo de Emanuel Rocha

Figura 49- Praça Tancredo Neves



Fonte: Própria Autora, 2016.

Na Avenida Brasil, a lagoa da coceira foi canalizada, além da rua asfaltada (na década seguinte), mudando totalmente a imagem do espaço (figura 50).

Figura 50- Avenida Brasil



Fonte: 1970 e 1980: Acervo de Emanuel Rocha. 2017: Própria Autora.

4.9 1990-2017: Reestruturação e momento presente.

Estando todo o bairro já ocupado, com quadras e ruas definidas, neste tópico será apresentada a obra de construção da Praça da Liberdade e da contenção da encosta da Av. Dr. José da Silva Ribeiro Filho. Em seguida, a análise dos dias atuais.

A praça da Liberdade é recente, foi construída no morro do prédio em que funcionava a Penitenciária modelo (figura 52). O espaço foi dotado de mobiliário, arborizado (figura 53) e pensado como área de convivência para os moradores daquele lado do bairro, que não tinham nenhum espaço com esse fim. Foi inaugurada em 2010¹³, e segundo o Governo do estado, veio como uma resposta para as reclamações sobre a falta de segurança no local.

13

http://www.sejuc.se.gov.br/ver_noticia.php?id_noticia=2904&hash=d76dce06de88c063e2f38c48ee4336a3.
Acessado em Março de 2017.

Figura 51- Espaço da Praça da Liberdade, década de 1980



Fonte: Acervo de Emanuel Rocha

Figura 52- Praça da Liberdade



Fonte: Própria Autora, 2017.

Na área de encosta, a ocupação é desordenada e era passível de desmoronamentos, até o momento em que foi feita a obra de contenção, pela PMA, em 2012 (figura 53). O espaço foi reformulado e criou um ambiente mais seguro, sendo acrescentada inclusive uma escada para a Av. Dr. José da Silva Ribeiro Filho, exatamente em frente a já implantada na década de 1970 na Travessa José Zuckerman, para que o acesso se desse direito pela avenida (figura 54).

O período de chuvas se aproxima e uma região da cidade em especial chama a atenção pelo perigo que representa. Uma encosta localizada no Bairro América, às margens da avenida Desembargador Maynard, está prestes a desabar. A população do local até já se acostumou com o risco e as crianças brincam sob o morro que há muito perdeu a vegetação e hoje é tomado pelo lixo. (INFONET,2009)¹⁴

Figura 53- Encosta do Bairro América



Fonte: 2009: Infonet. 2017: Própria Autora.

¹⁴ SOUZA, Carla. **Área de encosta oferece risco constante**. 2009. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/noticias/cidade/ler.asp?id=83061>>. Acesso em: 27 fev. 2009.

Figura 54- Escadarias: Acesso aos morros.

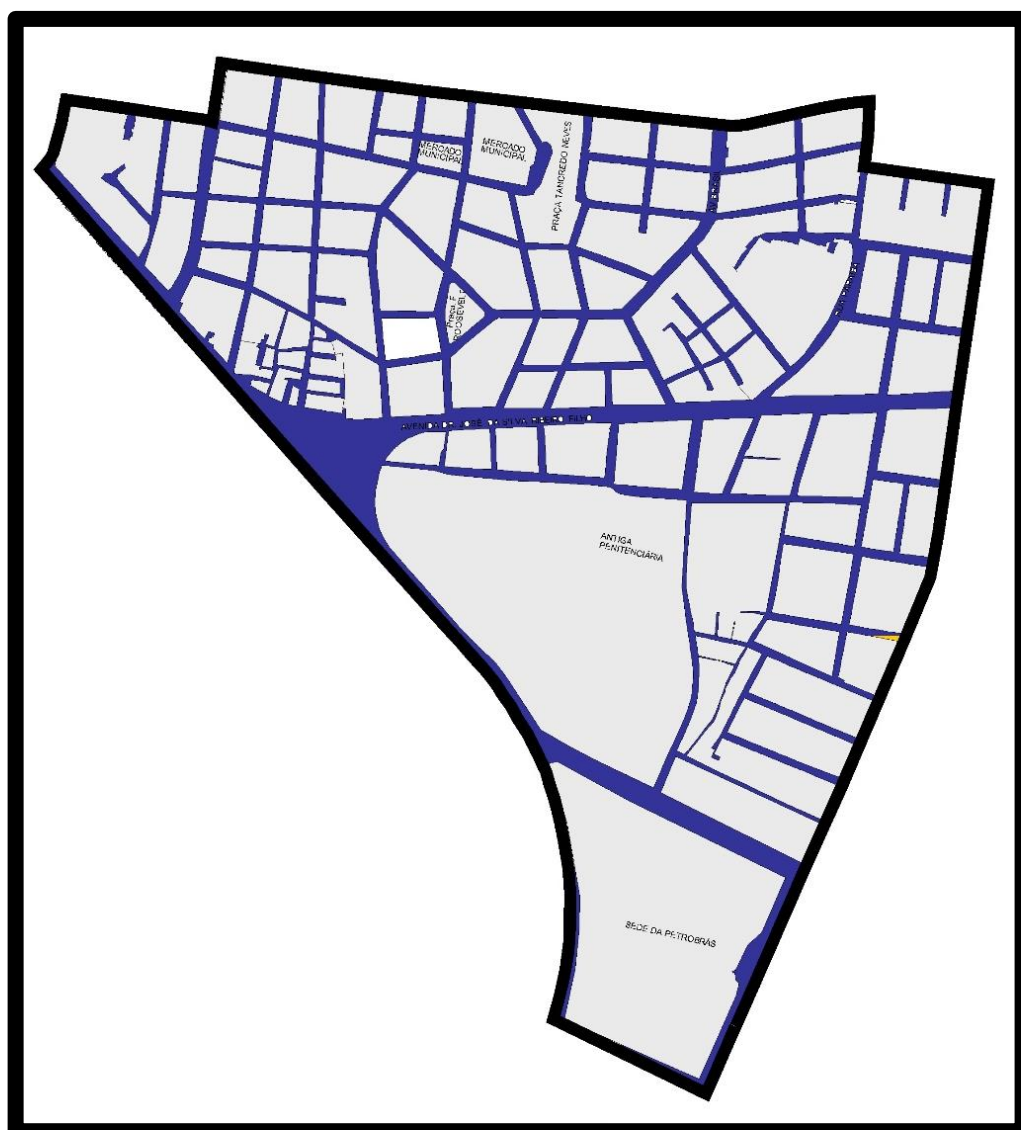


Fonte: Década de 1970: Arquivo Público de Arcaju. 2017: Própria Autora.

Observando o traçado completo das ruas, percebemos as diferentes morfologias existentes (55). É notável os espaços onde a largura das vias tem em média oito metros, e que foram abertas conforme projetos, e onde seus desenhos tortuosos e estreitos evidenciam as ocupações espontâneas.

Além disso, neste período todas as ruas foram pavimentadas, seja com paralelepípedo ou com asfalto, ver figura 56 (há uma exceção na ocupação espontânea próxima a penitenciária, na rua Argentina (ver na figura 57). Ainda podemos observar a arborização, existente em quase todas as ruas, sendo mais concentradas nas Praças e Avenidas.

Figura 55- Ruas: 2017



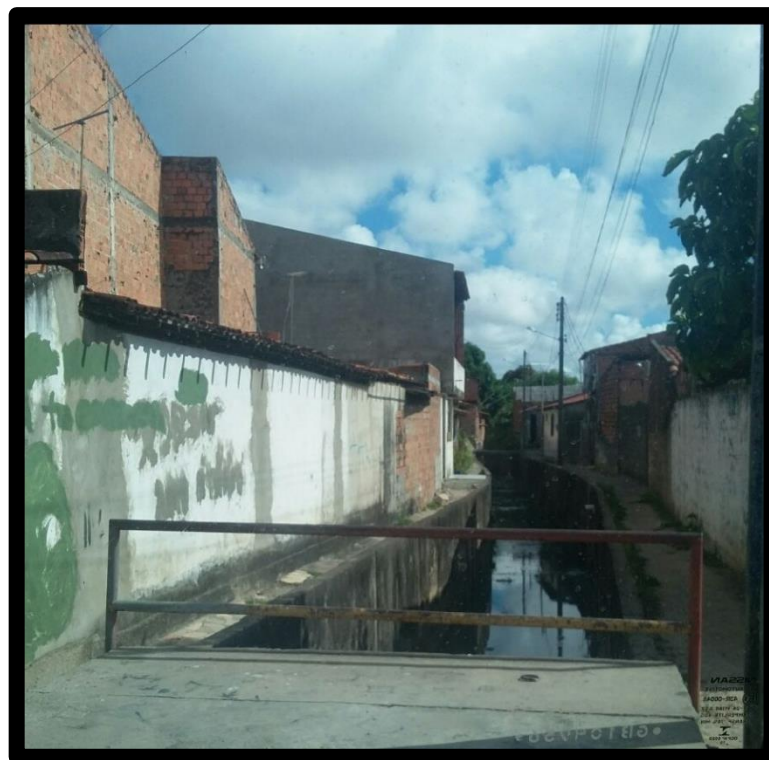
Fonte: Base Cartográfica: PMA.

Figura 56- Ruas 2017



Fonte: Própria Autora, 2017.

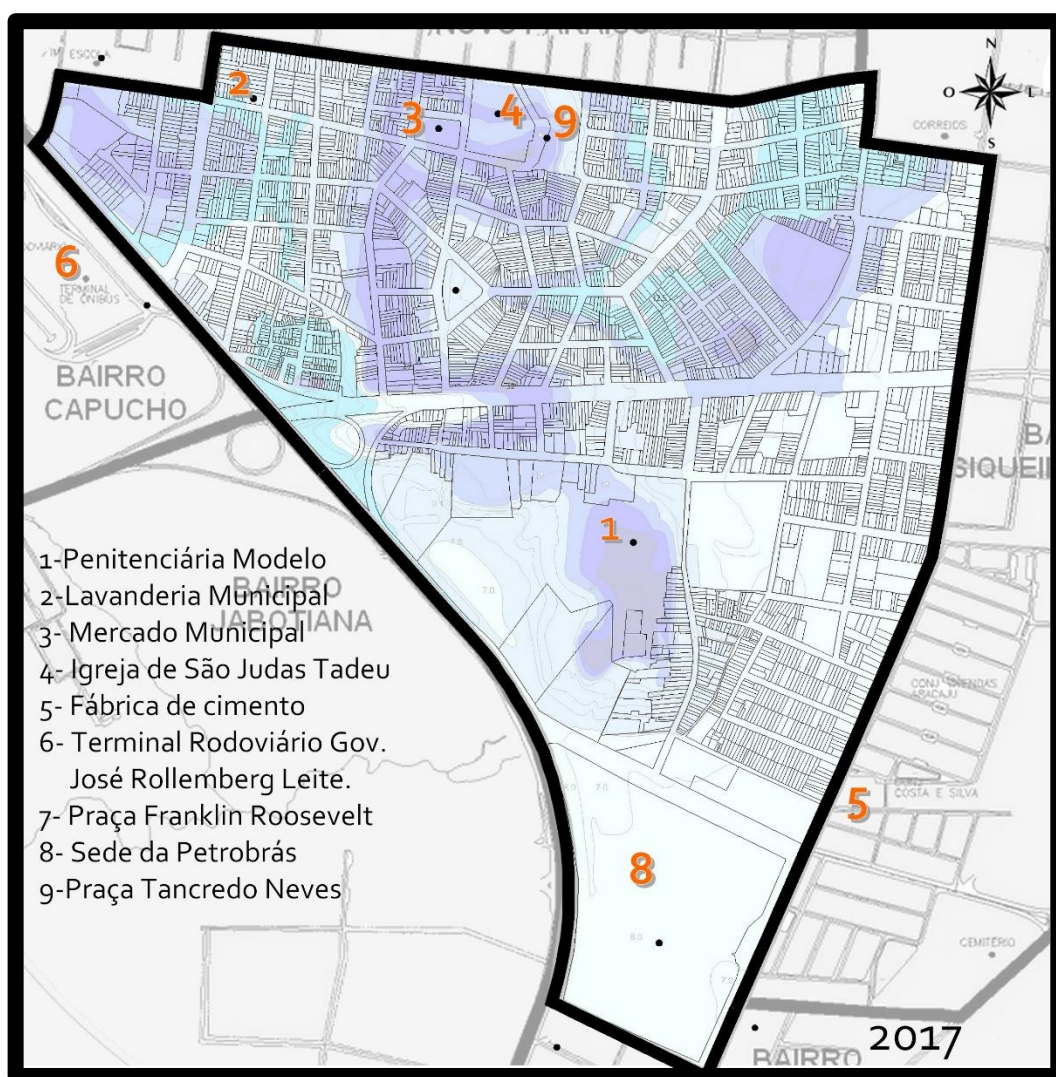
Figura 57- Rua G



Fonte: Própria Autora, 2017.

O desenho atual (figura 58) do bairro é reflexo de todas estas etapas. Aqui, apresentam-se espaços que foram projetados, e que mesmo assim se modificaram para se adaptar ao tempo, a economia e ao uso. Apresentam-se também espaços nunca pensados, apenas ocupados livremente, por vezes sendo removidos e insistindo em reocupar (como nas proximidades do viaduto), mas que mesmo assim se aprimoraram, enquanto agentes, exigiram melhorias e se consolidaram conforme sua necessidade, e possibilidades.

Figura 58- Mapa:2017



Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Analisando as quadras (figura 59) percebemos que mesmo nas quadras projetadas, alguns formatos são irregulares. A quadra 1 faz parte de uma das áreas de ocupação espontânea, com lotes de tamanhos reduzidos e variados entre si. O ponto 2, mostra uma característica das ocupações do bairro, que utilizam a frente do lote, deixando o fundo vazio, gerando um meio de quadra sem construção. A quadra 3, embora tenha sido

pensada como uma quadra maior, com vazios internos e lotes apenas nas extremidades, esta foi totalmente ocupada, e por consequência criaram-se novos caminhos neste intra quadra (figura 60). Das quadras destacadas, a 4 é a mais regular, o que contribui para um padrão nos formatos e dimensões dos lotes, a não ser no que parece ter sido reparcelado. Já a quadra 5 é fruto de ocupação espontânea e tem os espaços quase completamente ocupados, além de ter partes estreitas onde por vezes uma única edificação vai de uma rua a outra.

Figura 59- Quadras-2017

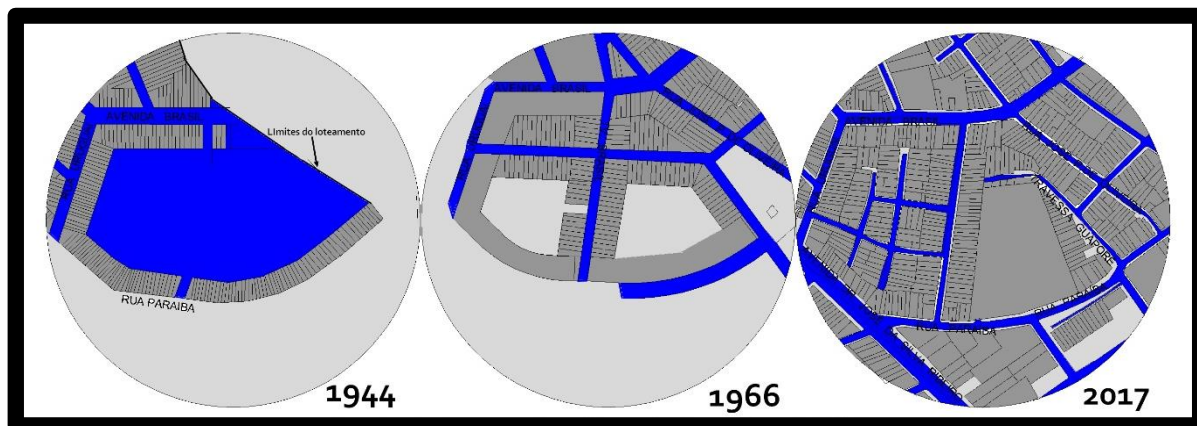


Fonte: Base, lotes e ocupação: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Na figura 60, primeiro o projeto de 1944, depois redesenhado em 1966 e atualmente. A ocupação no Alto do Miolo acabou criando um desenho próprio, com ruas internas, sendo algumas destas sem saída (figura 61). O resultado é menos legível, tanto em

mapa quanto no local, mas gera uma proximidade, devido ao baixo fluxo de carros e pessoas não residentes.

Figura 60-Quadra 3: detalhe



Fonte: Loteamentos: Emurb. Base Atual: PMA.

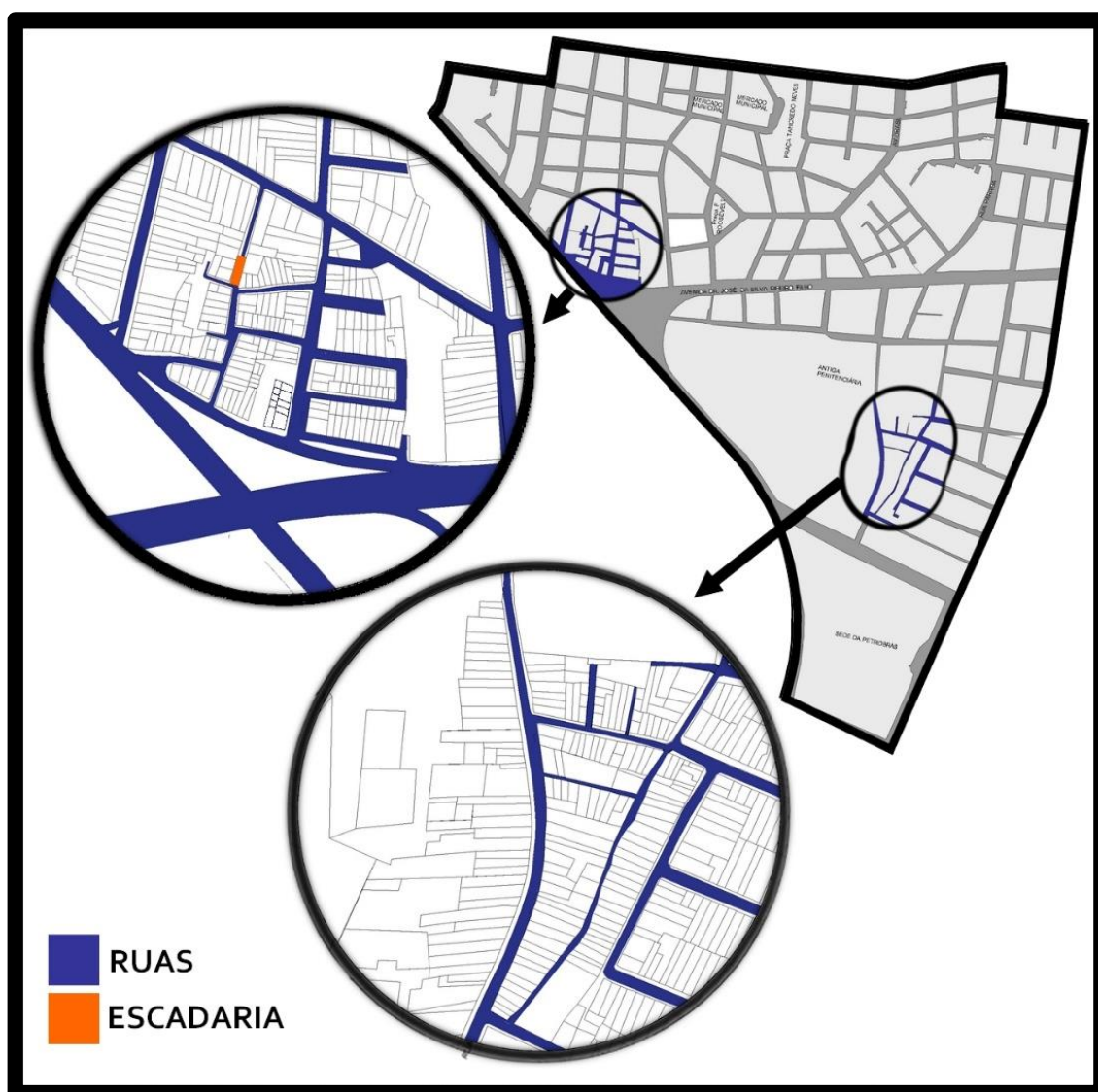
Figura 61- Quadra3: Rua Álvaro Santos



Fonte: Própria Autora, 2017.

Na figura 57, ressaltou-se a não cobertura da rua G, paralela à aquela que contorna o morro da Penitenciária. Além disso, é possível observar o canal que passa na via e o quão estreito é o espaço de circulação (em um muro, lê-se: não passa carro!). A rua citada está na área destacada, no detalhe de baixo, na figura 62. A quadra a qual ela pertence, foi discutida no parágrafo anterior. Neste detalhe vê-se a ocupação espontânea próxima ao Alto da Pindoíba, que acontece no próprio morro e segue por mais uma quadra, no sentido da rua Acre. Este espaço tem lotes de tamanhos aleatórios, sendo provavelmente gerados posteriormente, de acordo com a ocupação que a necessidade de cada um construiu. Não há também uma formação de quadra regular, os espaços são cortados por ruelas que dão acessos a outros lotes. A figura 63 mostra a relação das casas com o morro: a adaptação aos níveis, e as casas coladas num corte de terreno.

Figura 62- Morfologia nas ocupações espontâneas



Fonte: Base Cartográfica: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 63- Casas no Alto da Pindoíba (frente x fundo)



Fonte: Própria Autora, 2017.

O outro detalhe na figura 65, nas proximidades do viaduto entre as avenidas Trinta e um de março e Dr. José da Silva Ribeiro Filho. A área é popularmente referida como a 'invasão', que, segundo moradores, ocorreu na década de 1980 e houveram duas remoções.

A morfologia mostra vários lotes de tamanhos reduzidos, no interior da quadra, cujas posições também exigiram ruelas de acessos. O espaço a direita deste, já se encontra em outro nível: acima, próximo a encosta reformada em 2009. Além das escadarias apresentadas junto ao projeto da encosta (figura 54), o desnível recorrente do bairro, somado a falta de planejamento, criou a necessidade de outra escadaria (figura 64).

Figura 64- Escadaria- Rua B



Fonte: Google Maps, 2017.

A obra de contenção, embora tenha trazido melhorias e mais segurança, parece só ter sido realizada na parte mais visível do problema, na borda da avenida principal. O outro lado (figura 65), onde as edificações também se encontram nos limites do morro (pelos fundos), permaneceu intocada. Além disso, a autora considera que a obra poderia ter sido melhor aproveitada, e equipada com mobiliários urbanos, e não somente a colocação de um gradil, que é o que foi feito, além da contenção.

Figura 65- Outro lado da encosta

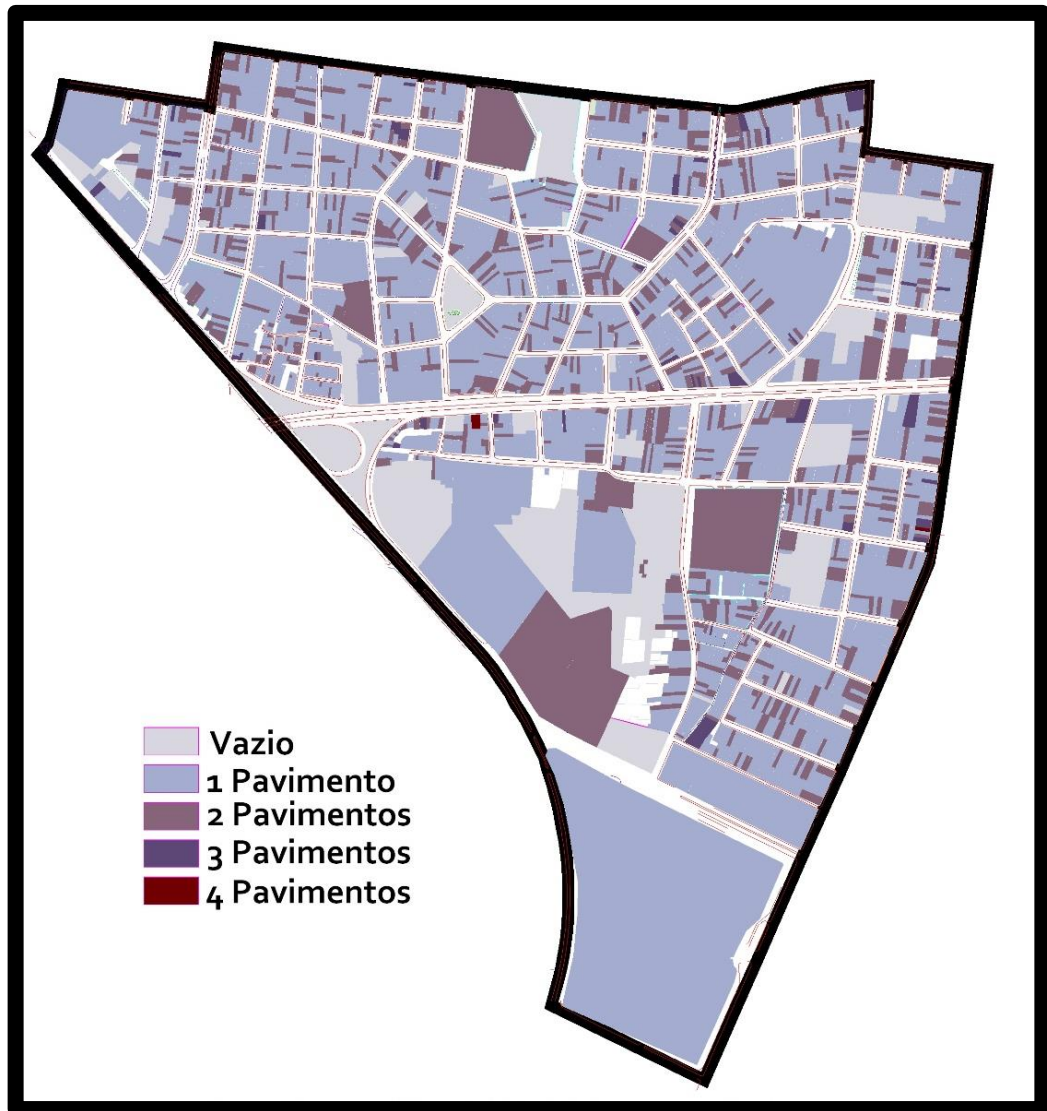


Fonte: Própria Autora, 2017.

As mudanças no bairro também são visíveis nos mapas de uso e ocupação do solo, que indica a funcionalidade das edificações, e de altura (figura 66), que indica o número de pavimentos.

Em todas as fotos antigas apresentadas ao longo do trabalho, a tipologia é de casas térreas sendo a ocupação predominante (figura 67). Atualmente, o mapa mostra (figura 66) que a maioria ainda é térrea, mas que há uma quantidade considerável de alturas maiores. As edificações de dois pavimentos em geral estão associadas a ampliação das residências ou ao uso misto, assim como as de três e quatro pavimentos estão mais comumente ligadas a residenciais multifamiliares e/ou ao uso misto (figura 68). Nota-se que os espaços vazios se referem a praças, a área do viaduto e a terrenos isolados.

Figura 66- Mapa de Altura das Edificações



Fonte: Base Cartográfica: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 67- Rua Colômbia



Fonte: 1- Arquivo Público de Aracaju. 2- Própria Autora, 2017.

Figura 68- Três Pavimentos x Uso Misto



Fonte: Maps, 2015.

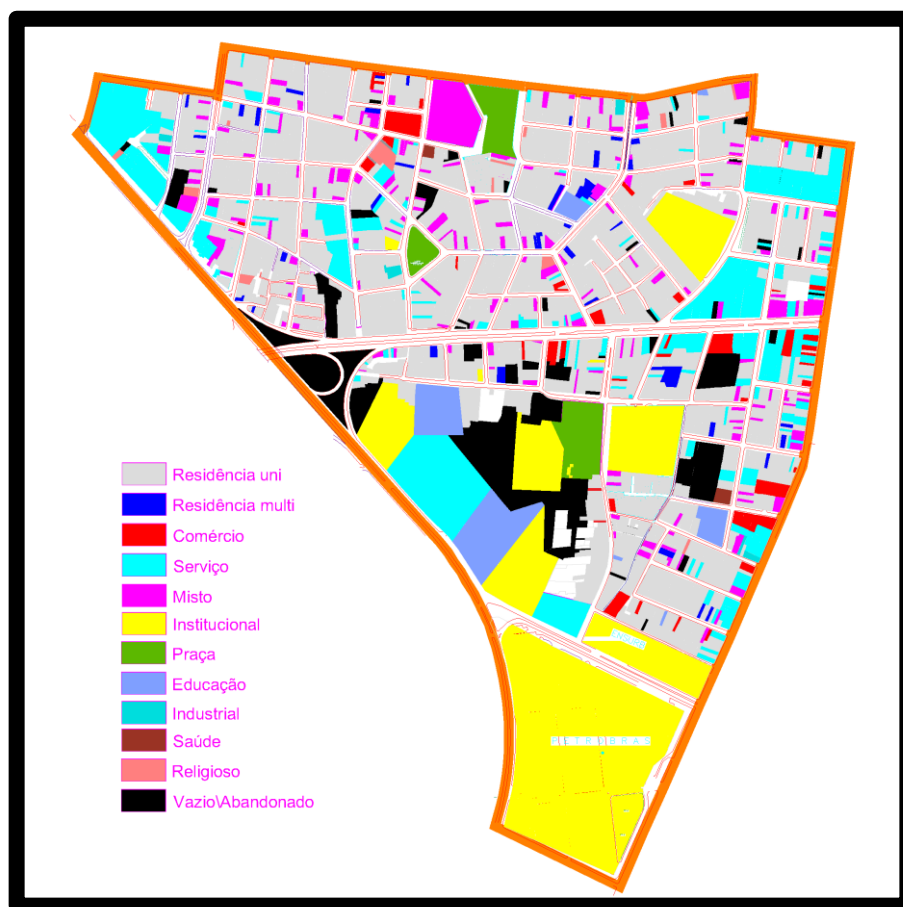
O mapa de uso e ocupação (figura 69) do solo foi dividido por categorias (figura 70), de maneiras a evidenciá-las. O quadro 1 mostra a predominância do uso residencial, mas também evidência o crescimento do número de edificações residenciais multifamiliares.

No quadro 2 traz os pontos que são unicamente de comércio e serviços, sendo clara a sua concentração nas ruas e espaços principais, como na rua Acre, nas proximidades do mercado municipal e nas Avenidas Dr. José da Silva Ribeiro Filho e Trinta e um de março.

Já o quadro 3, destaca a grande quantidade de edificações de uso misto, sendo a maior porcentagem destas uma união entre o uso residencial (uni ou multifamiliar) e algum comércio ou serviço. Este tipo de uso está bem distribuído por toda a extensão do bairro, e por diversas vezes é caracterizado por ser um pequeno empreendimento que ocorre na frente do lote (ou no térreo) enquanto o proprietário reside nos fundos (ou no pavimento superior), ver figura 71.

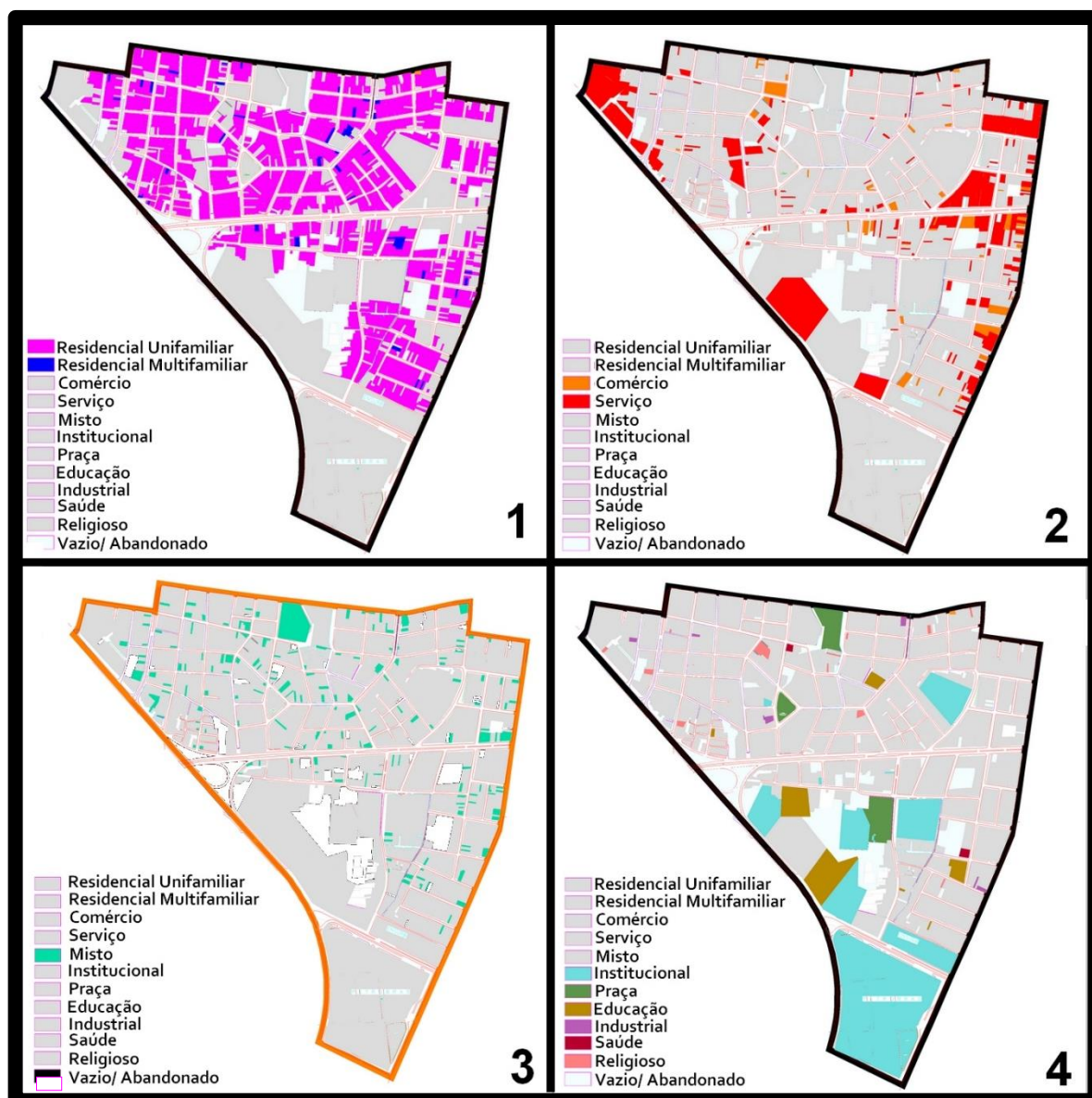
O quadro 4 mostra que os outros usos (Institucional, Praça, Educação, Industrial, Religioso e Saúde) acontecem em uma frequência muito menor. O bairro conta com escolas públicas e privadas, pequenas indústrias, igrejas e dois postos de saúde.

Figura 69- Uso e Ocupação do Solo: Mapa Geral.2017.



Fonte: Base Cartográfica: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 70- Uso e Ocupação do Solo com destaques: 2017.



Fonte: Base Cartográfica: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.

Figura 71- Uso misto: Rua Argentina



Fonte: Própria Autora, 2017.

Por último, serão evidenciadas as mudanças nas fachadas dos edifícios. Além das transformações óbvias, criadas a partir da troca da função da edificação. Nas figuras 72 e 73 é possível observar como as fachadas não são mais tão simples quanto as que foram vistas ao longo deste trabalho. As frentes das casas deixam de ser apenas funcionais e passam a ser também estéticas. Há uma clara mudança de revestimentos e desenhos criados; a uma intenção de mostrar diferenciação e individualidade, o que pode trazer a imagem de melhoria das condições financeiras dos habitantes.

Figura 72- Rua Cuba (1970's-2017)



Fonte: Acima: Arquivo Público de Aracaju. A baixo: Própria Autora, 2017

Figura 73- Fachadas em Porcelanato (Rua Pureza, Rua Haiti)



Fonte: Própria Autora, 2017.

Além das questões apresentadas, a fachada demonstra também a maneira com a qual o privado se relaciona com o coletivo. A figura 74 compara casas na Rua Guatemala na década de 1970 e atualmente. As casas continuam simples, mas mudam no seu

relacionamento com o exterior: sobem-se os muros e acrescentam-se grades, cresce o afastamento. Na figura 75 se vê a transformação de uma casa ao longo do tempo: inicialmente separada da rua por uma pequena cerca de madeira, passou a ser cercada por uma mureta de tamanho médio com jardim antes da casa. Atualmente a construção avançou sobre o recuo e foi completamente fechada e revestida. O fechamento em grade ainda indica uma aproximação com a rua, embora menor do que a anterior.

Figura 74- Praça Tancredo Neves (1970's-2017)



Fonte: 1- Arquivo Público de Aracaju. 2- Própria Autora, 2017

Figura 75- Casa na Avenida Camilo Calazans: Transformações



Fonte: 1974 e 1980: Acervo Pessoal. 2015: Google Maps.

4.10 Síntese das Transformações

Conclui-se que o espaço estudado realmente passou por grandes mudanças ao longo do tempo. Com o passar das décadas, a área foi sendo ocupada (figura 76) e modificada de acordo com as necessidades da população e os desejos dos agentes produtores de espaço.

No mapa síntese, vê-se que a ocupação se dá dos limites com o Siqueira Campos e se direciona cada vez mais para oeste, o que faz sentido, de acordo com o que foi visto da urbanização de Aracaju. Percebe-se também, que as proximidades da penitenciária parecem ter sido evitadas, a não ser por ocupações espontâneas, até a implantação de outros equipamentos, como a Petrobrás e a Fábrica de cimento. A ocupação começa ali, e a história enquanto comunidade também, mas o espaço regularizado e ocupado legalmente está na outra metade do bairro (considerando a Av. Dr. José da Silva Ribeiro Filho enquanto ponto divisor).

Partimos do Início do século XX (1925), quando tudo era rural, dividido em sítios e distante do espaço urbanizado. Em seguida vimos como a chegada de um equipamento, criado intencionalmente na periferia do espaço urbano, influenciou na chegada de ocupações espontâneas (1926-1944), embora em mapas e imagens essa ocupação não apareça expressivamente.

Na década seguinte, 1944, o Siqueira Campos já era o bairro mais populoso da capital (Ribeiro, 1984), e o América como entorno próximo começa a ser ocupado de maneira ordenada. Na década de 1950, há um novo projeto de loteamento, o que deveria indicar que o anterior vendeu o suficiente para tornar esta iniciativa economicamente lucrativa (principalmente porque foi realizada por uma sociedade loteadora, ao invés de particulares). Neste avanço do crescimento, existe a influência do aumento da migração.

Até 1969 o que marca é a chegada de grandes equipamentos, tanto social quanto economicamente importantes; além disso, é neste momento que chegam melhorias, como o calçamento das ruas e a chegada da lavanderia pública. A praça Franklin Roosevelt, além de serviços no entorno próximo são os destaques da década de 1970, juntamente com a nova cobertura das ruas, mas somente daquelas que conectam pontos essenciais do bairro. Ainda nesta década, vê-se a ocupação guiar-se para as proximidades da nova rodoviária e da fábrica de cimento. Até o fim da década de 1980, a área de estudo estava toda ocupada, incluindo um novo foco de ocupação espontânea, além do crescimento da já existente, nas proximidades do viaduto que dá acesso ao município de São Cristóvão; preenche-se também as proximidades da via que dá acesso ao terminal rodoviário.

Figura 76: Mapa síntese do avanço da ocupação

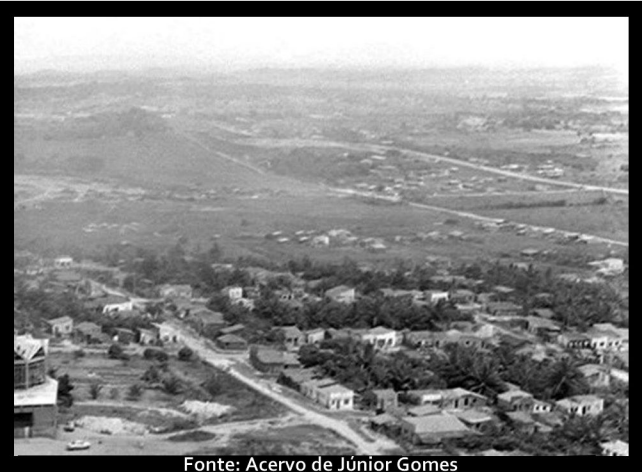


1855-1925



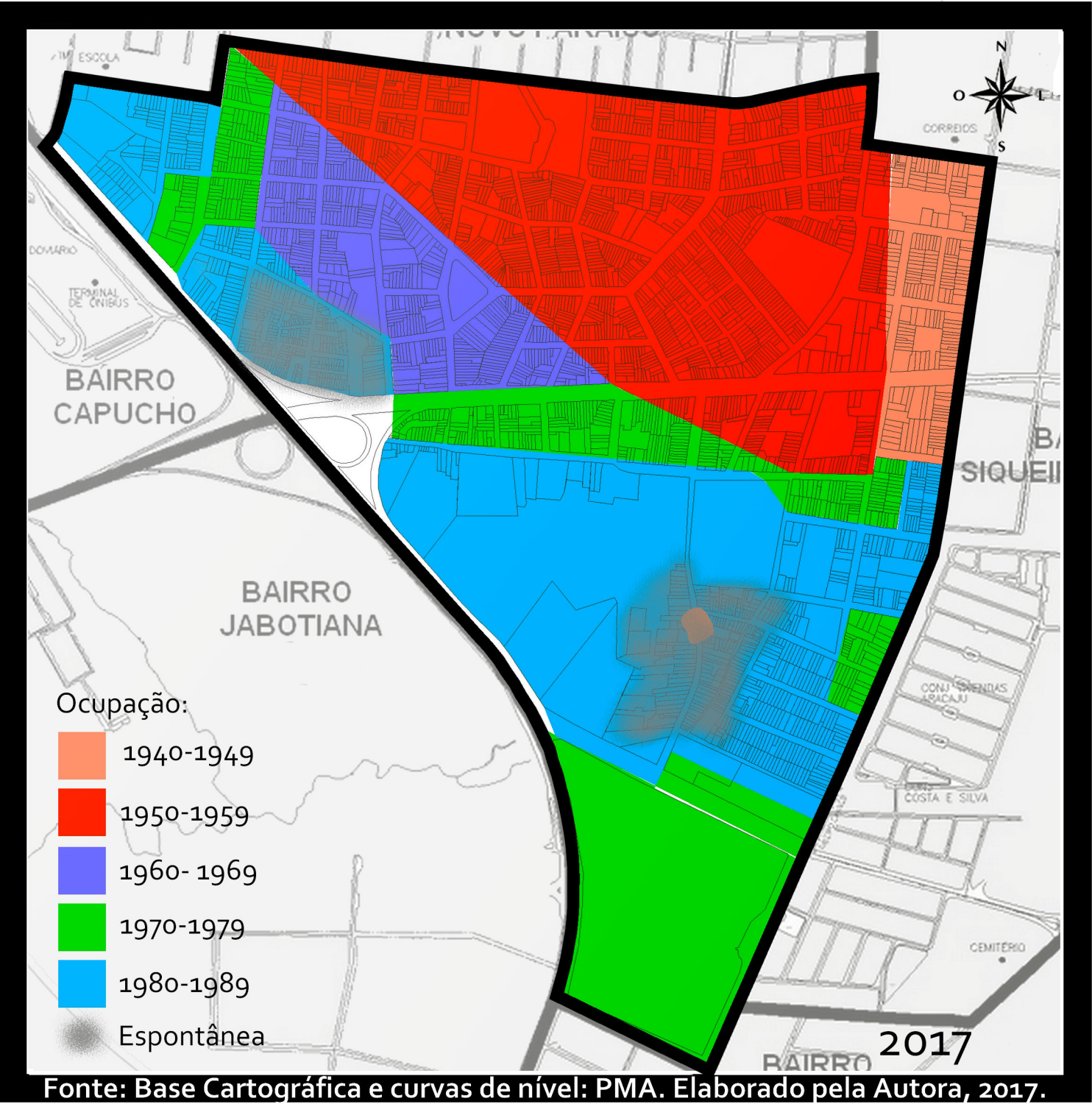
Fonte: Álbum Fotográfico de Aracaju

1925-1940



Fonte: Acervo de Júnior Gomes

1960-1969



Ocupação:

1940-1949

1950-1959

1960-1969

1970-1979

1980-1989

Espontânea

Fonte: Base Cartográfica e curvas de nível: PMA. Elaborado pela Autora, 2017.



Fonte: Arquivo Público. Elaborado pela Autora, 2017.

1970-1979



Fonte: Acervo de Emanuel Rocha

1980-1989



Fonte: Própria Autora, 2017.

2017



Década de 70

Fonte: Arquivo Público de Aracaju



Década de 70

Fonte: Arquivo Público de Aracaju



Década de 80

Fonte: Acervo de Emanuel Rocha

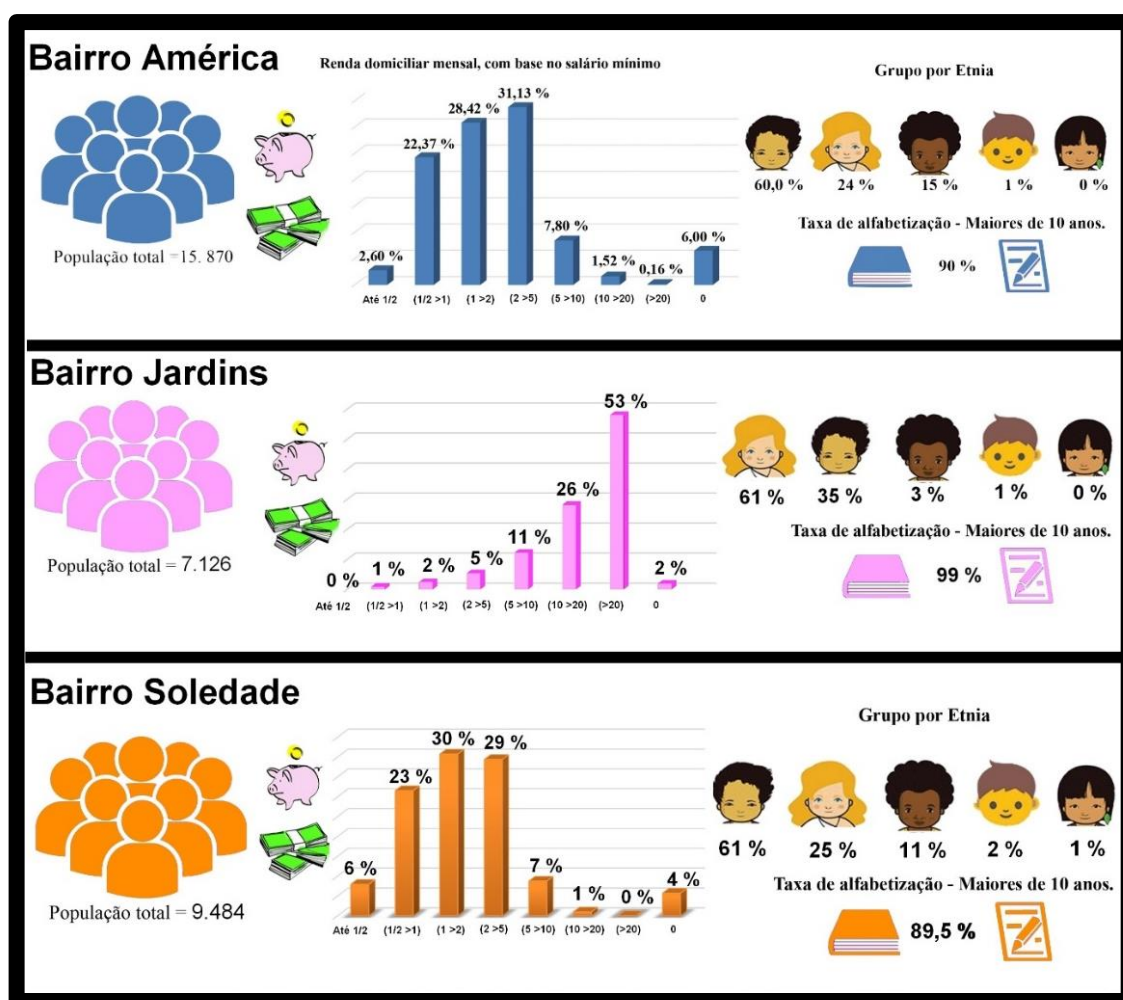


Década de 80

Fonte: Arquivo Público de Aracaju

No último período destacado, fica claro que embora ainda existam alguns pontos críticos, é possível considerar que o bairro passou por um processo de desperiferização, visto que a malha urbana já o envolve e que este é dotado de infraestrutura e possui nele, ou no entorno, os serviços básicos necessários. Obviamente, ainda existe um estigma de periferia, pois como descrito no tópico 2.1.1 (Periferias e Centralidades), há também uma conotação social envolvida, e a população do América continua a ser de baixo poder aquisitivo, se comparado com outros bairros da capital (figura 77). Observando os dados, percebe-se que a população está muito mais similar ao do bairro Soledade, a norte, parte mais pobre do município, do que do Jardins, ocupado por pessoas de classe média.

Figura 77- Comparativo de bairros



Fonte: IBGE, 2010. Elaborado pela Autora, 2017.

Segundo Carlos (2015), os bairros nobres e os populares usam o espaço público de maneira diferente: no primeiro as ruas são vazias, enquanto no segundo funcionam quase como uma extensão da casa. E é exatamente isso que ocorre no bairro América. Nas

fotografias apresentadas, percebe-se a presença das pessoas nas ruas. Aqui, não somente as praças, mas principalmente as calçadas, são espaços de convivência utilizados no dia-a-dia (figura 78). Durante a tarde, é incomum ver ruas vazias, sempre se veem pessoas a conversar e etecetera.

Figura 78 - Vivência nas ruas do bairro.



Fonte: Própria Autora, 2017.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se iniciou com a finalidade de analisar e apresentar as características e o processo da urbanização do bairro América, consolidado na cidade de Aracaju, embora tenha se iniciado enquanto espaço a margem desta.

A pesquisa explicita que estas transformações foram tanto fruto de ações individuais, quanto coletivas e as mudanças vão gradualmente ocorrendo devido a fatores internos e externos.

A área era completamente rural, e ocupada somente desta forma, até a chegada de um equipamento público, de grande impacto, que atrai as primeiras ocupações diferenciadas deste espaço, mesmo que como foi visto, estas fossem pequenas e ilegais. Após isto, foi observado que se passaram quase vinte anos para que realmente se fizesse algum esforço de transformar aquelas terras: em 1944, a iniciativa individual de um homem, cria uma grande oferta de terrenos voltados para a habitação.

Deste ponto até a década 1960, foi apontada a aprovação de outro loteamento, em espaço confrontante com o primeiro e partindo da iniciativa privada, incorporadora. Tanto os desenhos, quanto os dados, informam que havia uma demanda por terra barata para habitação, naquela região da cidade, afinal, é este o momento em que a migração campo-cidade cresce em Aracaju (NOGUEIRA, 2004).

As décadas seguintes são marcadas pela chegada de diversos equipamentos, muitas vezes agindo como agentes, atraindo imigrantes, como é o caso da fábrica de cimento. É neste período também que começam a ser instaladas mudanças na infraestrutura e aumenta o número de serviços disponível.

Na década de 1980, mostrou-se a ocupação completa dos limites do bairro, marcando inclusive uma nova área de ocupação espontânea, que se inicia no morro e desce para as proximidades da rodoviária nova. É somente nas três últimas décadas que as ruas são todas asfaltadas/ pavimentadas com paralelepípedos. Além disto, no campo social, há uma aparente melhoria nas condições de vida de algumas áreas do bairro, principalmente nas avenidas e proximidades dos equipamentos.

O trabalho foi marcado pela ausência de informações sobre estas transformações. Os órgãos públicos não possuem, ou não de maneira organizada o suficiente para disponibilizar, os dados, datas, projetos e/ou imagens que seriam importantes para esta análise. Desta forma, por diversas vezes, a autora se baseou em depoimentos da população, livros de história e memória da comunidade e fotografias encontradas, com dificuldade, apenas no Arquivo Público da cidade, além do acervo de imagens do historiados Emanuel

Rocha. A trajetória do América é contada a partir de vários ângulos, mas estes partem normalmente da sociologia e história.

A memória e os estudos urbanísticos da cidade de Aracaju parecem se resumir, em geral, aos bairros localizados ao longo do Rio Sergipe: Industrial, Centro, São José, Treze de julho, Jardins, Farolândia e Atalaia. Recentemente, abre-se para fora desta linha, para a zona de expansão, com seu espraiamento e danos ambientais, e para o Jabutiana, com o seu intenso adensamento e verticalização.

A ausência de informações, sobre abertura de vias, ocupações e datas, criou imprecisão em alguns pontos do trabalho, além de dificultar uma visão mais consistente do todo. De qualquer maneira, os dados recolhidos foram analisados e somados de forma a caracterizar e explicar este processo.

A partir deste estudo, se abrem as possibilidades de entender um outro lado da cidade de Aracaju, e perceber as diferenças entre as áreas de ocupação das elites e das classes menos favorecidas. É uma análise das áreas do bairro, que mostra seus pontos fortes (rede de comércio e serviços, infraestrutura, áreas de convivência), e seus pontos críticos (menor mobilidade automobilística e a Avenida Dr. José da Silva Ribeiro Filho), que não necessariamente precisam de intervenção, já que parecem funcionar satisfatoriamente como estão, mas pode servir como base caso haja alguma.

6 REFERÊNCIAS

CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Cidades brasileiras: seu controle ou o caos:** O que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 143 p.

CARLOS, Ana Fani A.. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2015. 92 p. (Repensando a Geografia).

CAPEL, Horácio. **La morfología de las ciudades:** I. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona, Espanha: Ediciones del serbal, 2002. Encontrado em : ProQuest ebrary. Web. 8 October 2016.

CARVALHO, Lygia Nunes. **As políticas públicas de localização da habitação de interesse social induzindo a expansão urbana em Aracaju-SE**. 2013. 223 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, São Paulo, 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/.../tde.../Dissertacao_Lygia_Nunes_Carvalho.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995. 3ª. Edição. 94 p.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

LAMAS, José. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. 2004. Disponível em: <https://arqeurbpalmas.wordpress.com/2012/06/14/morfologia-urbana-e-desenho-da-cidade-2/> . Acesso em: 10 ago 2016

LOUREIRO, Kátia Afonso S. **A trajetória urbana de Aracaju em tempo de interferir**. Aracaju, INEP, 1983. 115 p.

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades: Alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001. 208 p.

NOGUEIRA, Adriana Dantas. **ANÁLISE SINTÁTICO-ESPACIAL DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ARACAJU (1855 – 2003)**. 2004. 365 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Salvador, 2004. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12296/1/Tese Final.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12296/1/Tese%20Final.pdf)>. Acesso em: 6 ago. 2016.

OLIVEIRA, VALÉRIA M. SANTANA. **Entre altos e baixos: Fontes para a história do Bairro Amélia (1915-2005)**. Monografia- Curso de Licenciatura em História. UFS. São Cristóvão. 2005.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. **Movimento social e conflitos socioambientais no bairro AMÉRICA - Aracaju (SE): o caso da companhia de cimento portland de SERGIPE (1967-2000)**. 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008. Disponível em: <<http://200.17.141.110/pos/prodema/files/dis08/ValriaOliveira.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

OLIVEIRA, Jorge Marcos de; BITTENCOURT JUNIOR, Antonio. Memória do Bairro América. Aracaju: Funcaju, 1996. 44 p.

PMA/ SEPLOG. **Diagnóstico municipal**: Capítulo III – Dinâmica urbana- Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju . 2015. 113p.

PMA/SEPLOG. **Históricos do Bairro América**. Documentos não publicados, cedidos pelo órgão.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum. Technology**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.123-127, 20 abr. 2011. Universidade Estadual de Maringa. <http://dx.doi.org/10.4025/actascitechnol.v33i2.6196>.

RIBEIRO, Neusa Maria Góis. Transformações Recentes do Espaço Urbano de Aracaju. 1984. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1984.

ROCHA, Ione dos Santos. **PRODUÇÃO E VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS E TRANSFORMAÇÕES NO BAIRRO BOA VISTA**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/19846>. Acesso em: 11 set. 2016.

ROCHA, Emanuel Souza; CÔRREA, Antônio Wanderley de Melo. **Bairro América: A vida de uma comunidade**. Aracaju: Info Graphics, 2009. 244 p.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Eduef, 1988. 192 p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 157 p.

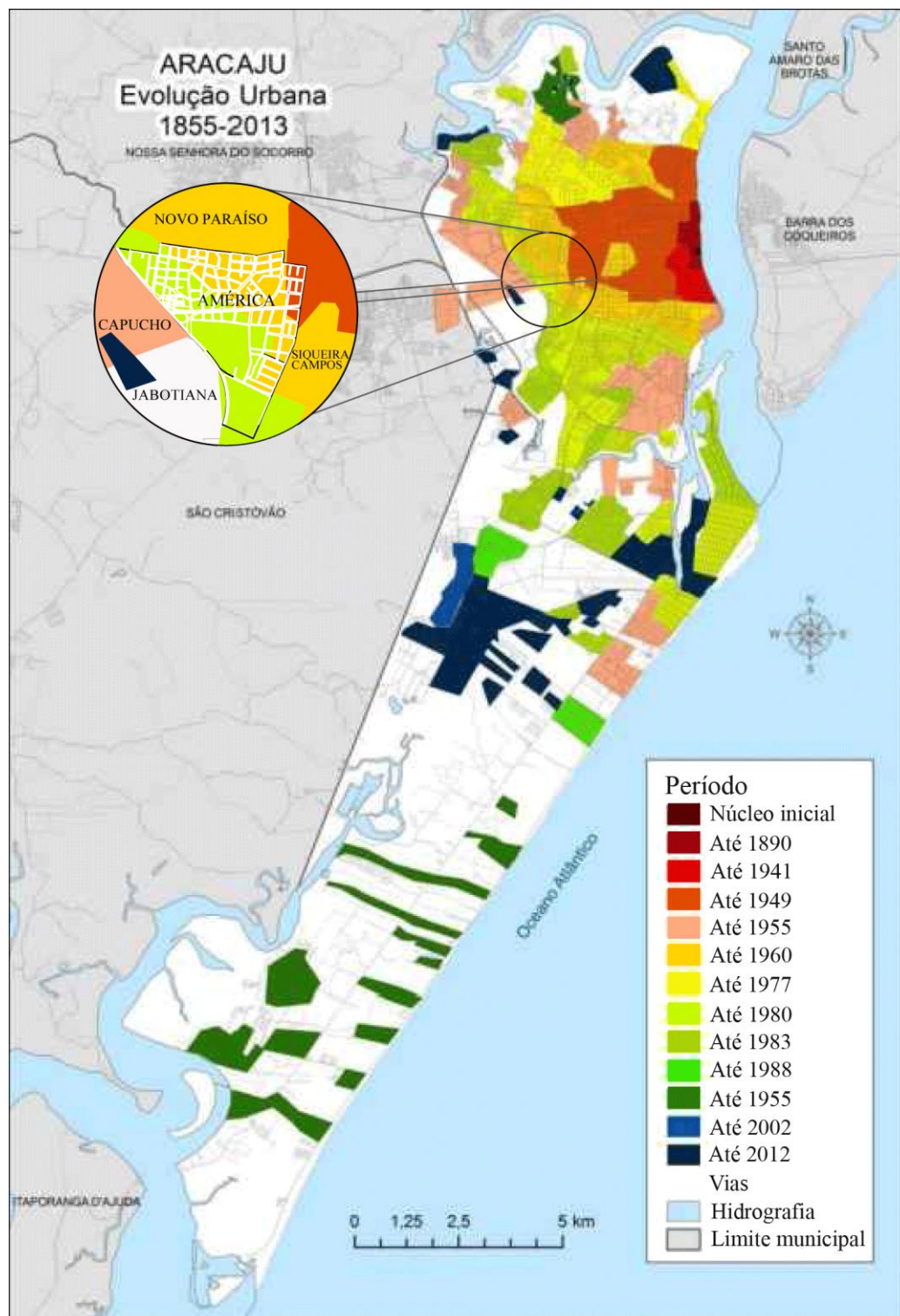
SOUZA, Diógenes de. **Famílias do Bairro América buscam dignidade com Ação de Usucapião**. 2011. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/noticias/cidade//ler.asp?id=112561>>. Acesso em: 10 ago de 2016.

SOUZA, Fernando Antônio Santos. **Um olhar sobre Aracaju em busca de um novo paradigma urbano**. In: FRANÇA, Vera Lúcia Alves; FALCON, Maria Lúcia de Oliveira. Aracaju: 150 anos de vida urbana. Aracaju: PMA/SEPLAN, 2005, p. 41-52.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001. 373 p.

ANEXO

Mapa da evolução urbana de Aracaju.



Fonte: PMA/SEPLOG, 2015. Diagnóstico Municipal – Capítulo III- Dinâmica Urbana.¹⁵

¹⁵<http://aracaju.se.gov.br/userfiles/plano-diretor-vpreliminar-jul2015/CAPITULO-III-DINAMICA-URBANA.pdf>